ROBERTO LANZAS

¿FASCISMO EN ESPAÑA?

(SUS ORIGENES, SU DESARROLLO, SUS HOMBRES)

PUBLICACIONES
"LA CONQUISTA DEL ESTADO"
MADRID, 1935

ALGUMAS LINHAS ANTERIORES

Este livro tem uma explicação simples. Apresenta ao leitor os esforços que foram feitos em Espanha para organizar vigorosamente um movimento político, com profundas raízes nacionais e grandes perspectivas sociais, ou melhor, socialistas. O que as pessoas chamam de fascismo.

O autor tem sido, desde os primeiros dias, um dos mais fervorosos defensores deste desígnio. Passei a fazer parte dos primeiros grupos nacional-sindicalistas que levantaram a bandeira das flechas yugadas e permaneci no movimento até há poucos meses, quando ocorreram os conhecidos acontecimentos de ordem interna, lamentáveis reflexos de decomposição e crise.

Devo afirmar que a minha participação no movimento tem sido a de um militante de base, um simples soldado raso. Não ocupei nenhum cargo nem posso oferecer, portanto, a partir destas linhas anteriores, uma autoridade especial que dê ao livro benefícios espetaculares.

Agora, acredito ter dois ingredientes de altíssimo valor que o leitor certamente apreciará e considerará como os melhores para que este livro ofereça confiança. Uma delas é a minha honestidade e o meu fervor militante, o que me dá uma sensibilidade especial para compreender o sentido dos esforços a que aqui me refiro. Outra, que tenho as informações necessárias, que os meus dados são rigorosamente autênticos. Pois bem, tenho colaborado com uma certa assiduidade nas revistas e jornais do Partido e tenho sido honrado, de forma permanente, com a amizade dos dirigentes, dos camaradas que têm estado à frente das tarefas centrais da organização . Minha informação é direta. Nem um único título do que aparece no livro pode ser objeto de retificação honesta. O QUE SE DIZ NESTAS PÁGINAS É ESTRITAMENTE VERDADEIRO, É A VERDADE, MESMO QUE NATURALMENTE NÃO É E NÃO PODE SER TODA A VERDADE.

Por fim, revelo ao leitor a causa profunda que me decidiu escrever e publicar esta obra. Estou firmemente convencido de que o deficiente desenvolvimento que hoje se percebe na organização nacional-sindicalista se deve a causas temporárias e, sobretudo, que podem ser facilmente eliminadas. Espero contribuir, apresentando com a máxima objetividade até os seus mínimos detalhes, para que possam ser facilmente identificados os erros e as razões diretas a que o movimento deve o seu colapso nos últimos meses.

Estou certo de que os milhares de jovens que este colapso do movimento poderá privar de palavras de ordem combativas e de uma bandeira eficaz me agradecerão. E estou também certo de que devo facilitar o trabalho para a vitória e revigoramento triunfante do movimento Jonsista, cujas ideias têm sido o único fermento da FALANGE ESPANHOLA e do J.O.N.S., e cujos homens são os mais desprovidos de responsabilidade na infeliz situação que a organização passa.

* * *

Deixo aqui a minha lembrança mais emocionada à memória dos companheiros que tombaram na luta. A sua abnegação, combatividade e espírito de sacrifício revelam como a base militante sempre esteve no nível certo. No estágio decorrido, as organizações a que vamos nos referir aqui terão faltado outras coisas, mas não militantes heróicos e altruístas. É incompreensível, mas também doloroso, assistir hoje à decomposição e desvio de um movimento em que a base, os simples soldados, revelaram possuir uma extraordinária capacidade de disciplina, entusiasmo e espírito de sacrifício.

Divido o livro em duas partes. A primeira tenta explicar o fenómeno do fascismo, primeiro como uma atitude global, e depois como um aspecto nacional desta época espanhola. A segunda é um relato histórico conciso e breve sobre o nascimento, o desenvolvimento e a situação atual das organizações mostradas e identificadas na Espanha como fascistas.

Ramiro Ledesma Ramos.
Madri, novembro de 1935.

PRIMEIRA PARTE

1. O FASCISMO, COMO FATO OU FENÔMENO MUNDIAL

Será facilmente compreendido que quantas vezes usamos aqui a palavra "Fascismo" o fazemos como uma concessão ao vocabulário polêmico mundial, mas sem grande fé na exatidão expressiva, pois, de nossa parte, estamos inclinados a negar ao fascismo em si características universais.

Falar, então, de fascismo em Espanha - como é o tema deste livro - não equivale a expor as possibilidades de estabelecer ou não um regime político em Espanha que seja directamente inspirado, ortodoxo, no regime fascista italiano, mas sim é O que se entende, e ao que se alude, é uma política consistente com o que, no panorama das lutas políticas globais, é conhecido como "fascismo".

É evidente que uma investigação do fascismo, um exame dele, não apenas como um regime específico num país específico, mas como um conceito mundial operacional, é um empreendimento legal e possível. Podemos, de facto, alinhar uma série de características, perfis, propósitos e sonhos, o que nos dá com perfeita clareza a figura exacta do fascismo, enquanto fenómeno global. No sentido desse conceito, e somente nele, é possível falar de fascismo fora da Itália, ou seja, a palavra adquire capacidade universalista.

Pode ser objeto de investigação por que essa palavra, esse conceito político, adquiriu alcance global. Ou seja, cada um pode perguntar-se qual é o segredo da sua transição, da projeção episódica e concreta sobre a Itália ao significado global que tem hoje. Não estamos interessados em fazer essa pesquisa aqui. Iremos concentrar-nos apenas em dois factores que, certamente não os únicos, nem talvez os mais profundos, influenciaram consideravelmente a universalização do fascismo.

Aqui estão eles:

1) A sua tendência para a descoberta jurídico-política de um novo Estado, com a afirmação histórica de que este Estado significa, para o espírito e as necessidades da época, o que o Estado liberal-parlamentar significou ao longo do século XIX, até à Grande Guerra.

2) A sua estratégia de lutar contra uma força social – o marxismo, o partido classista dos proletários –, derrotando-o revolucionáriamente e substituindo-o na ilusão e no entusiasmo das massas.

Bem, o fracasso do sistema demo burguês oferece hoje efectivamente características universais. Assistimos ao colapso das justificações morais, políticas e económicas que têm sido o suporte do Estado parlamentar liberal, da democracia burguesa. A cada dia o povo é mais incompatível com tudo o que este regime significa, e tal incompatibilidade atinge a exasperação e a violência quando se trata da juventude mundial, que são os setores mais implacavelmente cortados pela hipocrisia e flacidez de tal sistema.

Num tal momento histórico, em que quase todo o mundo procura substitutos eficazes, angustiado pelo colapso irremediável da sua antiga herança política, julguemos a capacidade expansiva de um regime como o fascista em Itália, que se apresentou desde o primeiro dia , com petulância inteligente, como o regime que supera - e, portanto, continua - a democracia liberal e parlamentar. E isto, não só quando naufragou nas suas próprias limitações, mas também quando terminou de sofrer a tremenda investida bolchevique, e as massas vermelhas foram mobilizadas por toda a parte a favor da ditadura do proletariado, isto é, contra os pobres vestígios demo-burgueses que sobreviveram. .

Não é de surpreender que, numa tal conjuntura, a vitória fascista italiana, a sua feliz procura de um novo Estado, emergindo do próprio coração da época, face às suas dificuldades essenciais e apelando aos valores mais firmes - nacionais angústia, necessidade de ordem e disciplina, preocupação com o destino histórico e económico de "todo" o povo – polarizou a atenção mundial.

E vejamos o segundo factor, aquele que nos apresenta as suas tarefas combativas, a sua agenda contra o marxismo, a sua revalorização do ímpeto e da violência.

Quando Mussolini assumiu o poder em Roma, ele tinha mais de dois anos de luta armada contra o marxismo. A sua vitória significou, por enquanto, a derrota radical e absoluta da revolução socialista em Itália. Mas não demorou muito para que a Internacional de Moscovo percebesse que esta vitória era mais grave do que se poderia acreditar, que não se devia, de forma alguma, à acção exclusivamente defensiva da velha sociedade, mas que nela havia , e lá estava ela, sintomas de um traço mais robusto.

O que a Internacional Marxista – tanto a Segunda como a Terceira – começou a perceber foi nada menos do que isto: o fascismo parece não ser apenas um episódio nacional da Itália. Parece não ser apenas um incidente infeliz para a revolução socialista mundial, produzida numa das frentes, na Itália, e a ela restrita. Parece antes um sinal de outra ordem, de uma nova estratégia contra nós, fornecida e alimentada por valores de qualidade superior aos até agora conhecidos. Parece que esta estratégia pode muito bem adquirir estatuto global, isto é, ser utilizada contra o marxismo em todo o mundo. Parece também que o seu objectivo é transformar a velha sociedade demo-burguesa, o velho Estado parlamentar, e forjar uma nova sociedade e um novo Estado, com vigor suficiente para superar até as últimas contradições do regime capitalista. Parece também que o seu poder de recrutamento consegue até recrutar os proletários, os trabalhadores, unindo-os à pequena burguesia, às classes médias, à juventude nacionalista e a todos os patriotas.

A conclusão marxista para estas considerações foi, naturalmente, esta: Luta mundial contra o fascismo! Um slogan como este correu o mundo antes que o próprio fascismo tivesse um cinturão semelhante de admiradores. O antifascismo foi organizado e propagado em quase todos os lugares antes do surgimento do fascismo. E note-se que o slogan antifascista não foi exclusivamente um protesto revolucionário internacional contra o regime italiano, mas antes foi transformado num slogan nacional, contra as supostas forças fascistas do próprio país.

O marxismo, a mística da revolução proletária mundial, tem hoje núcleos fiéis mesmo nos cantos mais remotos do globo. Os mesmos slogans aparecem num cartaz comunista dos bolcheviques chineses e num dos austríacos ou búlgaros. Podemos falar de uma internacional marxista, não só porque há marxistas em quase todos os países, mas também porque, além disso, são tipos humanos de qualidade rigorosamente idêntica, que torceram o pescoço de todos os signos nacionais e raciais, mesmo no custo de adquirir uma configuração espiritual monstruosa. O militante vermelho é o mesmo em todos os lugares. Ele tem as mesmas armas e luta pelos mesmos objetivos. É, portanto, também vulnerável às mesmas setas.

É claro que aquela batida e tambor guerreiro contra o fascismo coincidiu com outra, de som antagônico e contrário: o do povo angustiado pela proximidade bolchevique; a de pessoas ligadas a um profundo espírito nacional; a da juventude guerreira e generosa; a de todo aquele grande sector da multidão em público, ligado, no entanto, à lealdade e à continuidade da cultura do seu próprio sangue.

* * *

Não existe e não pode haver uma internacional fascista. O fascismo, como fenómeno global, não é filho de uma fé ecumênica, irradiada profeticamente por ninguém. É antes um conceito que reflete uma atitude global, que indica uma coincidência muito ampla na forma como o homem do nosso tempo aborda as questões políticas, sociais e econômicas mais elevadas. Mas há áreas irredutíveis nesta atitude global, que são as primeiras a denunciar a não universalidade original do fascismo. Pois bem, a sua dimensão mais profunda é a "nacional". Portanto, o fascismo não tem outra universalidade senão aquela proporcionada pelo apoio "nacional" em que nasce.

Ora, esta atitude, que chamamos de fascista, tem uma realidade inegável em todo o mundo. É um fato que está pronto, felizmente ou não, a engendrar outros factos, talvez mais vigorosos. Na verdade, pouco importa insistir sobre como esta atitude adquiriu validade. A história é alimentada e fecundada pelos acontecimentos, sejam quais forem as suas causas. As forças maternas que o impulsionam podem ter origens mais surpreendentes e contraditórias.

O fascismo, a bandeira do fascismo, o slogan do fascismo, a luta a favor ou contra o fascismo, tudo isto é evidentemente algo hoje que não pode ser ignorado.

Se o ignorarmos, este livro, ou pelo menos o seu título - FASCISMO NA ESPANHA - seria impossível, constituiria, claro, um absurdo.

O que significa, em suma, ser fascista? Que características oferece essa atitude moral, política e económica que o mundo inteiro hoje descreve como uma atitude fascista? Que aspirações e que propósitos têm esses movimentos que o mundo conhece e aponta como movimentos fascistas?

Parece que estas questões podem ser respondidas hoje, e isto, de acordo com o que dissemos antes, sem a necessidade de dirigir o telescópio exclusivamente para Itália e para Mussolini, mas captando uma dimensão essencial do nosso tempo, e da qual, em realidade, Já é consequência e produto do próprio fascismo italiano.

Apontemos brevemente, em diagramas, as características e afirmações centrais e definidoras que, em nossa opinião, determinam o fascismo como fenômeno global:

1) A Pátria é a categoria histórica e social mais forte. E o culto à Pátria, o impulso criativo mais vigoroso.

O fascismo exige, como clima inevitável para sobreviver, a validade dos valores nacionais, a existência de uma Pátria, com vigor suficiente e capacidade suficiente para que o futuro capte o destino espiritual, económico e político de todo um povo que está por trás dele. Assim, atualiza-se uma teoria aristocrática dos povos, distinguindo entre aqueles que são uma mera convivência ou agregado de pessoas, para cada um realizar o seu destino pessoal, e os outros, os grandes povos criativos, que fizeram a História universal, e são. ainda hoje a garantia de que o génio humano continua o seu curso.

A Pátria, nas mãos da velha sociedade conservadora, era agora apenas uma mera palavra, muitas vezes até uma fachada impressionante que escondia uma rede de interesses e privilégios injustos. Era, além disso, uma fortaleza exposta aos elementos, facilmente explorável por todas as tendências internacionalistas que as seitas renegadas vomitavam dia após dia. E foi, finalmente, um valor agonizante, na defensiva, sem habilidade nem audácia para se tornar a bandeira da juventude e dos núcleos mais vigorosos e fortes.

Parecia, portanto, urgente:

a) Expulsar do seu serviço as velhas oligarquias de sentido democrático e conservador, que, talvez acreditando, por vezes, serem sinceros defensores e promotores da ideia nacional, na verdade restringem a grandeza e as possibilidades da Pátria, fazendo-a coincidir com os seus interesses, com as suas crenças murchas e a sua ideia burguesa de uma vida pacífica e sem intercorrências.

b) Colocar a Pátria nos ombros dos jovens, dos produtores e dos soldados. Isto é, das camadas mais vitais e vigorosas da nova sociedade.

* * *

2) O Estado liberal-parlamentar deixa de ser o Estado nacional. As instituições demoburguesas vivem fora do interesse do país e do interesse do povo. Eles não representam nem interpretam esse interesse.

Os partidos políticos, as organizações de grupos, representam sempre interesses particulares, sem que este fato seja negado pelo fato de por vezes representarem a maioria de um país. A maioria de um povo, agrupada em torno de uma bandeira partidária, ou seja, representando interesses particulares, pode não ter qualquer relação com o interesse nacional e pode até ignorá-lo.

O interesse supremo é o da comunidade de "todo o povo". O Estado nacional é quem pode servir esse interesse. A concretização do Estado nacional compreende três etapas: a) Organização de uma força política, ao serviço exclusivo da ideia nacional e dos interesses sociais de "todo o povo". b) Partido único triunfante, exercendo a sua ditadura contra os antigos partidos para subjugar e disciplinar os interesses individuais e grupais. c) Validade do Estado nacional, cujos motivos supremos e cuja justificação histórica consistem em garantir a concretização dos desígnios espirituais, políticos e econômicos de que é capaz o gênio nacional, com olhar fixo, tanto no seu apogeu criativo como nas circunstâncias , bom ou ruim, porque passa pela cidade.

* * *

3) A oposição à democracia burguesa e parlamentar é a oposição aos poderes feudais da sociedade atual.

O fascismo nasce e se desenvolve em camadas sociais negligenciadas e ameaçadas. A sua representação mais típica é constituída pelas classes médias, que depois de experimentarem a futilidade da democracia liberal, não se rendem, no entanto, à posição classista dos proletários. Neste sentido, a rivalidade mundial do fascismo-marxismo se dá na medida em que as classes médias e os proletários classistas disputam violentamente a posição de comando da revolução, bem como qual dos dois irá incorporar o outro na sua companhia.

A existência daquelas forças fascistas que se recusam a permanecer passivas, muito menos a ser a retaguarda da revolução classista bolchevique, é uma manifestação típica do atual momento histórico. Se conseguem ou não mobilizar os setores mais capazes, heroicos e abnegados à sua volta, é o segredo do seu triunfo ou derrota, contra os marxistas e contra a velha sociedade conservadora e democrática.

Uma vez derrotado o marxismo, as maiores dificuldades são apresentadas aos fascistas do lado liberal e democrático-burguês, onde se reúnem, não aqueles pobres anseios de liberdade perdida, como afirmam as penas chorosas da democracia, mas a frente capitalista oligárquica; isto é, os donos dos grandes jornais, os diretores dos grandes bancos, todos os magnatas, em suma, que o grande capitalismo moderno oferece nas suas diversas formas. Geralmente, todos eles são apoiantes da democracia liberal, querem um regime de liberdade política. Pois são eles, com efeito, os representantes feudais, que no nosso tempo equivalem ao regime feudal dos grandes senhores antigos, mostrando-se hoje como inimigos da arrogância e da força do Estado, como o foram os seus antecessores antes da soberania do Estado. monarcas. O fascismo sabe que a democracia parlamentar é o regime ideal para que predominem as piores formas do feudalismo moderno, da forma mais flagrante.

* * *

4) O marxismo é a solução bestial, antinacional e anti-humana que o classismo proletário representa para resolver os problemas óbvios e as injustiças típicas do regime capitalista.

A primeira incompatibilidade de um tipo insolúvel de fascismo manifesta-se contra os marxistas. Tão insolúvel que apenas a violência mais implacável é uma solução.

O perfil antimarxista do fascismo é inevitável, pois o triunfo marxista equivale à derrota absoluta de tudo o que representa a atitude e o espírito fascista. Esse triunfo significaria a falência do espírito nacional, a degradação histórica de "todo o povo", a amputação da sua liberdade, o extermínio da sua força e do seu espírito e, finalmente, a não realização da justiça, a evasão das conquistas sociais oferecidas.

Na sua luta contra os bolcheviques, o fascismo tem outra arma tão ou mais eficaz que a violência, especialmente para desafiar a sua predominância entre os trabalhadores. É a sua atitude social, o seu espírito social. Graças a essa atitude e espírito, o fascismo não hesita, se necessário, em destruir as velhas tábuas da lei da sociedade capitalista. E isto, com mais eficiência, mais equidade e menos destruição, naturalmente, do que o que o marxismo pretendia e poderia fazer.

O marxismo equivale também a entregar a história aos aventureiros, não no sentido de que os seus líderes sejam corruptos, mas num sentido ainda pior, uma vez que são aventureiros das pátrias, ou seja, desconhecem e desolam a riqueza máxima que as cidades possuem.

* * *

5) Dado que o fascismo não é produto dos setores mais conformistas da sociedade, isto é, dos grupos mais satisfeitos e apoiantes da atual ordem econômica e política, o seu regime e a sua vitória implicam necessariamente grandes transformações revolucionárias.

A atual mecânica das lutas político-sociais faz do fascismo a bandeira de uma rede muito complexa de pessoas insatisfeitas, negligenciadas e insatisfeitas. Daí a origem multiforme de suas cotas, unânimes, porém, na manifestação de um espírito combativo, de miliciano, que revela como não são resíduos de vida, mas sim grupos valiosos e férteis.

São pessoas insatisfeitas com a pequenez da sua pátria, com a indefesa dos seus pequenos ativos ou negócios, com a rapacidade e a inépcia dos partidos, com a impotência do Estado democrático-burguês face aos conflitos e crises sociais, com a monotonia e o vazio de uma vida nacional ridicularizada e, finalmente, sentir-se negligenciado ou injustamente subestimado pelas potências dominantes.

Ao constituir um poder político de enorme autoridade e depositá-lo naqueles que, mais diretamente, interpretam os interesses últimos e supremos de "todo o povo", a sua primeira consequência é retirá-lo dos poderes feudais democráticos burgueses, libertando o Estado do seu jugo e para o povo.

O fascismo é a forma política e social através da qual a pequena propriedade, as classes médias e os proletários mais generosos e humanos lutam contra o grande capitalismo na sua fase final de evolução: o capitalismo financeiro e monopolista. Esta luta não implica retrocesso ou oposição aos avanços técnicos, que são a base da economia moderna; ou seja, não implica a atomização da economia, face ao progresso técnico dos monopólios, como se poderia acreditar. Pois o fascismo supera ao mesmo tempo esta defesa das economias privadas mais modestas, com a descoberta de uma categoria econômica superior: a economia nacional, que não é a soma de todas as economias privadas, nem mesmo o seu resultado, mas simplesmente toda a economia organizada tendo em vista que a própria nação, o Estado nacional, realize e cumpra os seus propósitos.

Tudo o que o fascismo supõe de "democracia organizada e hierárquica", a sua base social sindicalista e corporativa, a sua concepção totalitária do Estado, etc., é o que o coloca em conflito, tanto com muitos interesses particulares como com as antigas formas políticas, e que, ao mesmo tempo, obriga-o, inevitavelmente, a aparecer no história com perfis revolucionários.

* * *

6) O fascismo procura um novo sentido de autoridade, disciplina e violência.

Em relação à autoridade, vinculando-a aos verdadeiros chefes. Quanto à disciplina, convertendo-a em libertação, eficácia e grandeza do homem.

Em relação à violência, a sua atitude é a de quem sabe estar profundamente ligado ao destino histórico de um povo. É a de quem aceita o espírito de sacrifício e a ideia de dever, mesmo à custa da própria vida. E é também o mesmo - porque não dizê-lo - de quem sabe que a vida é uma luta, e que onde o homem mutila o seu sentido de energia e de violência, triunfa o espírito rastejante, eunocóide e hipócrita, um dos piores representantes da espécie.

* * *

Estas são as características fisiológicas da atitude fascista mundial. Com maior ou menor fidelidade a alguns deles, é assim que pensam os indivíduos e grupos a quem se dirigem as iniciativas do antifascismo global.

Ideia nacional profunda. Oposição às instituições democráticas, ao Estado liberal-parlamentar. Desmascarando os verdadeiros poderes feudais da sociedade atual. Incompatibilidade com o marxismo. Economia nacional e economia do povo face ao grande capitalismo financeiro e monopolista. Sentido de autoridade, disciplina e violência.

É evidente que esta atitude, estas ideias, aspirações ou propósitos, estão no ambiente público, com capacidade, portanto, não só de dar vida e justificação controversa a partidos ou movimentos políticos específicos, mas também dispostos a serem recolhidos, a uma maior ou menor escala, por qualquer organização, por qualquer grande instrumento histórico de comando. Pois não existem apenas indivíduos, grupos e organizações fascistas, mas também, e talvez de forma mais proeminente, indivíduos, grupos e organizações fascistizadas.

2. OS PROBLEMAS DO FASCISMO NA ESPANHA

Repetimos, mesmo à custa do peso e da maquinação excessiva, que utilizamos a palavra "Fascismo" como uma concessão ao controverso vocabulário que aí circula, e naturalmente no sentido rigoroso cuja investigação realizamos no capítulo anterior. O fascismo como atitude global, portanto, estando a Espanha no mundo, como possível atitude espanhola, não depende diretamente do fascismo italiano, mussoliniano, mas é um fenômeno da época, típico dele como qualquer outro. Isto tinha que ser dito em Espanha quando se referia às características do fascismo, já que a nossa Pátria é em si uma Pátria imperial, criativa e totalitária. Nada que seja típico e genuíno de outro país encontrará aqui raízes fundamentais, e é por isso que as formas miméticas do fascismo são aqui alegremente proscritas. Já se perceberá ao longo deste livro, e como resumo final, que o atual colapso dos movimentos F.E. e J.O.N.S. Isso se deve, em parte, ao grande número de fatores miméticos que existiram, especialmente no primeiro, e dos quais tendem a se libertar.

Afirme-se, então, que quando nos preparamos para escrever brevemente sobre "os problemas do fascismo em Espanha", referimo-nos aos problemas de um movimento cuja bandeira foi fielmente refletida nas seis seções do capítulo anterior.

A realidade atual da Espanha

Para compreender a situação atual em Espanha e os seus problemas políticos, devemos começar a partir de abril de 1931, e não mais atrás. O sistema imediatamente anterior não tem influência hoje, nem como saudade, nem como rejeição. Ela é simplesmente apagada, pois mesmo os grupos monárquicos se esforçam para prescindir de suas características, e querem rever suas bases. Ou seja, eles não iriam restaurá-lo como estava. E quanto aos republicanos ortodoxos de abril, esse regime já não é um ponto de referência a ser derrubado perante as massas. Eles agora direcionam essa fulminação para outros inimigos, que estão mais próximos e mais perigosos. É por isso que dizemos que o que aconteceu antes de 1931 não tem qualquer influência sobre a atual Espanha de 1935. Não tem qualquer valor apreciável nem significa nada na política atual defendê-la tanto como condená-la.

Basta considerarmos hoje, portanto, a República, o período e a experiência da República. O diagnóstico desse período e dessa experiência é muito simples e está na consciência da grande maioria dos espanhóis. É isto: a República falhou de forma vertiginosa. Dependendo de como alguns falam ou de como falam outros, as causas do fracasso são diferentes. Mas a apreciação do fracasso é unânime.

Na nossa firme opinião, a única razão deste fracasso reside no fato de a República, o movimento republicano de abril de 1931, não ter encarnado ou interpretado durante muitas décadas a necessidade suprema de Espanha: fazer a sua revolução nacional.

Ora, o período republicano não foi uma revolução nacional frustrada. Não é que tenha ficado a meio caminho da sua realização. Pois bem, no próprio 14 de abril, os clamores desse dia e a equipe governamental instalada no Poder naquele dia já apresentavam aquela data como frustrante para a revolução nacional. Com os ingredientes ideológicos daqueles vencedores e com os nortes político-sociais aos quais afirmavam estar ligados, a revolução nacional espanhola era de esperança impossível. Portanto, só se o período republicano tivesse produzido posteriormente episódios que significassem a ruptura com o que era típico e típico de abril - a presença de partidos, a ausência de fé nacional, a falta de preocupação com todo o povo espanhol - ou seja, deixando apenas mãe, a República poderia ter sido historicamente endireitada. Algumas pessoas ingênuas, ansiosas por descobrir essa perspectiva, acreditaram que a tinham diante de si com Azaña. Fenômeno Saharic puro de miragem.

A revolução nacional espanhola tem hoje, entre outros, estes três objetivos essenciais: Unidade moral de todos os espanhóis, ligada ao culto da Pátria comum. Criação de um Estado totalitário, dotado de autoridade, capacidade e amplo apoio popular. Nova organização sócio-econômica, com tendência para uma ambiciosa revitalização da riqueza nacional e da justiça distributiva, aumentando a produção e novas explorações, ao mesmo tempo que socializa o crédito, os transportes, a grande propriedade fundiária e, na medida do possível, todos os meios de troca. Por último, e como consequência destas conquistas, a liberdade internacional de Espanha, a sua presença vigorosa no mundo, independentemente de quem cai e de quem cai.

Tudo isso não pode e nunca resultará de uma eleição. É um empreendimento histórico, cujo cerne é necessariamente uma revolução.

O fracasso da República manifestou-se ruidosamente quando os seus representantes mais ortodoxos foram expulsos do poder. No final do primeiro biênio. Talvez estes homens sejam ainda suficientemente ingênuos para se surpreenderem com a sua derrota. Porque, é claro, quando ocupavam as cúpulas do Estado, vislumbravam de vez em quando os objetivos ideais que tinham que ser alcançados. Pretendiam conquistá-la com armas de madeira. Assim, por exemplo, Azaña disse num dos seus discursos: "Quero fazer do povo espanhol uma grande nação". E ainda: "Por uma política mesquinha, por uma política de muralhas e pousios, que não conte comigo". Quem fala assim certamente está, à primeira vista, no caminho fértil da história.

Marcelino Domingo sonhava com a escola única e, mais tarde, ao passar para o Ministério da Economia, com a organização da economia nacional. Citamos tudo isso como exemplos. Porque então descobriu-se que Azaña queria fazer uma grande nação sem ter nenhuma ideia nacional, ou com ideias nacionais mesquinhas, sem base patriótica no Estado ou nas massas. Sem promover qualquer ardor nacionalista nem na juventude, nem no povo. E que Domingo pretendia a escola única, sem que o Estado tivesse uma ortodoxia, uma unicidade de cultura para inflar e sustentar essa realidade da escola única, só possível num Estado totalitário, seja ele fascista ou bolchevique. E quanto à organização da economia, é manifesta ingenuidade que ela possa ser alcançada num sistema político tão anacrônico como o defendido e instaurado pelos nossos estadistas do primeiro biênio republicano. Domingo, queixa-se num livro de que os interesses particulares e privados não se curvaram ao interesse geral da nação. Mas devemos perguntar: Que empreendimento o senhor envolveu na Pátria e como contribuiu para a sua revitalização histórica? Pois bem, só neste caso se poderá, então, com autoridade - e, além disso, só é possível - subordinar as pessoas e os interesses privados ao interesse da nação espanhola, como unidade econômica e política.

O fracasso vertical da Terceira República ocorre, porém, no meio de uma situação histórica propícia às soluções mais fecundas. Uma grande parte da população talvez tivesse muitas esperanças no dia 14 de abril. Outra grande parte se esforça para se entusiasmar com qualquer outra data, ainda inédita. O fato é que tudo está mobilizado e alerta. No primeiro caso, o 14 de Abril deixou um sabor de frustração que, segundo eles, estava prestes a atingir o alvo. Nestes últimos, há uma experiência próxima, podendo-se dizer que já operam sob a influência de mitos heróicos. São aqueles que de ambos os lados lutaram em Outubro, ou continuaram a batalha com os corações quentes e as mandíbulas cerradas.

Parece que tal situação só pode resultar na ocupação do poder político por novas forças, com vigor suficiente para esfaquear o sistema falido. Estas novas forças, cujo triunfo deveria equivaler à ressurreição nacional dos espanhóis e à derrota de tudo o que há de falso, traiçoeiro e injusto em Espanha, não poderiam adquirir desenvolvimento senão através de um apelo supremo às energias criativas do povo e do povo. Pátria.

Esse apelo e a sua execução vitoriosa constituiriam a concretização do fascismo, que hoje em Espanha deve representar, acima de tudo, tirar o país do beco sem saída que já é, pelo seu fracasso, o regime atual.

O primeiro problema – um problema fundamental – do fascismo era apresentar-se ao povo espanhol como a única força capaz de resolver, ao nível nacional, o fracasso da República, sem qualquer perigo de cair novamente no absurdo monárquico de antes de abril.

O patriotismo dos espanhóis

Durante muitos anos, foi opinião comum expressar o diminuído patriotismo do povo espanhol. Claro, se existir, está bem escondido e escondido. Talvez apenas onde o patriotismo é forçado, isto é, no exército e no núcleo popular mais profundo, pudessem ser encontrados sintomas de uma verdadeira fé nacional. Ou seja, a capacidade de serviço heroico e altruísta aos desígnios históricos de Espanha. Ninguém olha para outras áreas, onde, notoriamente, a emoção nacional espanhola é, de facto, muito monótona.

Este é um revés essencial para o desenvolvimento do fascismo, que entre as coisas de que mais necessita é operar com uma consciência nacional em brasa. Em parte, o próprio fascismo cria ou sustenta essa consciência, mas não pode prescindir dela como antecedente. Não acreditem, por exemplo, que tenha sido Mussolini quem forjou o atual patriotismo dos italianos. Isto é anterior ao fascismo e já estava em funcionamento na atmosfera popular da Itália muito antes. Assim, o político alemão Von Bülow falava já em 1913, num dos seus livros, do "patriotismo ardente dos italianos". Quanto ao patriotismo dos alemães, também hoje um país fascista, ninguém será tão ingênuo a ponto de ter Adolf Hitler como seu fundador.

O estranho em Espanha, em relação ao que se observa noutros grandes países, é a ausência de uma doutrina nacional e de uma política nacional operando no que poderíamos chamar de áreas conservadoras. Este é um fenômeno muito visível, e não apenas hoje, quando aparentemente sofrem um eclipse do seu poder social e político, mas que é quase secular. Observemos o panorama das grandes potências europeias e em todas elas se percebe algo análogo a isto: a presença e ação de forças e uma doutrina de sentido nacional que dá continuidade a uma tarefa: a de ampliar e fortalecer a própria pátria. Existe essa força e essa doutrina na Inglaterra, em torno do slogan "da prosperidade e preservação do Império". Eles existem em França, sob o patrocínio de uma burguesia poderosa e do vizinho inimigo alemão. Eles existem na Alemanha, ao longo de todas as décadas que se seguiram à segunda unificação do Reich, desde Bismarck. Eles existem na Itália, desde Cavour.

O apoio mais seguro à doutrina nacional que aparece nestes exemplos deve estar localizado em camadas de sentido conservador, ou seja, de direita. Por que então se deve, em Espanha, à ausência de uma doutrina nacional firme e corajosa?

É, de facto, evidente que as forças que indicamos como atuando noutros países não alcançaram aqui vitórias nacionais semelhantes. A explicação é muito simples, e não demoramos mais a sua crua enunciação: Todos estes países fizeram a sua revolução nacional, ou seja, fizeram um reajustamento das instituições e dos nortes históricos que lhes permitiu avançar no caminho da riqueza , poder e da cultura. Junto com catástrofes e derrotas, também tiveram vitórias e sucessos. Só o que é conservador dá frutos quando o que precisa ser preservado são conquistas, vitórias, caminho ascendente, enfim. E só então o conservador poderá estar ao serviço de uma doutrina nacional eficiente.

Mas a Espanha não fez a sua revolução nacional moderna. E durante séculos, o seu percurso tem sido de declínio. Sem nada, então, para preservar, a não ser as catástrofes, os declínios. É compreensível que as camadas conservadoras, à direita, não tenham produzido uma doutrina nacional eficaz e vigorosa. Para isso, teria sido necessária a presença na História da Espanha de um acontecimento triunfante, a partir do qual teriam ocorrido os episódios vitoriosos, mesmo com alternativas. Esse fato, a revolução nacional espanhola, não existe. As revoluções nacionais clássicas na Europa resumem-se nestes nomes: Cronwell, Bonaparte (flor de romã da Revolução Francesa), Bismarck e Cavour. Estes dois últimos, como unificadores. No nosso tempo, isto é, nos nossos dias, as revoluções nacionais também se desenvolvem com sucesso surpreendente. Veja estes nomes que os representam: Mussolini, Kemal, Hitler e -por que não?- Stalin.

Na ausência de uma doutrina nacional ambiciosa e de forças robustas ao seu serviço, tivemos e temos em Espanha um fator político de natureza religiosa, o ingrediente católico. Mas o catolicismo, como qualquer religião, é apenas um estimulante eficaz do nacional, e talvez possa servir ao nacional quando for a religião de todo o povo, quando a unidade religiosa for eficaz. É por isso que, no século XVI espanhol, o catolicismo atuou como potenciador da expansão nacional e como instrumento orientador da vida política. A situação mudou. Hoje, o catolicismo influencia apenas uma parte do país e também inclui dentro dele uma grande parcela de pessoas desprovidas de espírito nacional vigoroso. Nestas condições, e se a liderança das massas católicas não estiver nas mãos de patriotas muito firmes, o fator religioso e católico na Espanha de hoje pode muito bem não só ser ineficaz para uma possível revitalização espanhola, mas pode até tornar-se um instrumento de fraqueza e rachaduras. Esta é a verdade, e o resto é conversa vazia e tradicionalista.

Parece evidente, face a uma situação como esta, que só o fascismo pode hoje em Espanha reunir as reservas patrióticas à sua disposição, abrindo as fontes de uma nova atitude nacional, que abrange tudo, desde o espírito fervoroso da milícia até o amor à terra e lealdade ao sangue do camponês e do proletário. A ideia nacional espanhola do nosso tempo tem de ser construída com uma base miliciana agressiva e com os olhos postos nos nortes sociais e econômicos mais ambiciosos. Só um movimento nacional fascista pode interpretar e desenvolver essa atitude em relação à vitória.

A revolução nacional e os direitos

Depois do que acabamos de dizer, veremos que dificilmente a direita poderá ser, por si só, a executora da revolução nacional, tanto no que necessita de nacionalismo impetuoso como de atitude social, contra as formas feudais e opressivas do capitalismo moderno. No entanto, um grande setor destas forças, depois de permanecerem e afiarem as suas armas na oposição durante mais de quatro anos, tende a tornar-se fascismo e a promover soluções políticas consistentes com o fascismo.

Ora, é notório que a direita provém das camadas sociais mais bem servidas pela ordem econômica atual, e só em períodos de crise profunda ou de perigo para parte dos seus privilégios, pode, de forma indireta, adotar posições que beneficiem a revolução nacional.

Por outro lado, as áreas conservadoras hoje preferem sem dúvida um sistema político de natureza demoliberal e parlamentar, mais de acordo com o seu tom de gente pacífica que postula respeito e tolerância para todos. (E também, claro, que os seus rendimentos sejam tolerados e respeitados.) Este fato de um grande setor do povo católico com uma posição econômica próspera, isto é, pertencente à alta e mesmo à média burguesia, tender para sistemas demoliberais, para a forma parlamentar, fenômeno muito de acordo com o espírito burguês, é talvez uma das maiores dificuldades da obra de Calvo Sotelo, tomemo-lo como um bom exemplo de líder de direita. fascistizado.

Nos seus anúncios, Calvo Sotelo utiliza os mais recentes recursos de evidente serviço à causa nacional de Espanha. Manifesta também uma notável inclinação para colocar perante o seu público a excelência de um sistema autoritário, corporativo e nacionalista. Como tudo isto é feito com talento e habilidade, face aos seus resultados, será possível medir até que ponto a direita e o espírito de direita podem colaborar na execução da revolução nacional espanhola.

Temos em vista os resultados do seu outro líder, Gil Robles. No que diz respeito e no interesse em colocar Espanha novamente no caminho certo, após a sua revitalização nacional e após a sua força e poder, o trabalho de Gil Robles foi indiscutivelmente nulo e sem efeito. No que diz respeito às vicissitudes políticas do presente e ao exercício do Poder, embora todos os últimos sintomas revelem a nova força da Azaña e do marxismo, nada ainda pode ser dito, porque o Sr. Gil Robles ainda está alojado no Ministério da Guerra.

As limitações da direita para a empresa que hoje interessa aos espanhóis são de vários tipos. Uma, a dificuldade de superar o próprio caráter de ser de direita, ou seja, forças parciais em conflito com outras forças igualmente parciais, que são as de esquerda. Bandeiras com sinal rotativo, parlamentar, nascidas para a tolerância e a mudança, mais ou menos violentas. Outras dificuldades são a sua incapacidade para a violência política, tanto no seu aspecto de luta armada contra as subversões marxistas como no outro aspecto de cumprir, destemidamente, a missão histórica que representam. Mas a dificuldade mais essencial é esta outra: a de garantir que grandes áreas da massa geral do povo, as camadas de espanhóis numa difícil luta pela vida, se identifiquem com os ideais da direita.

Destas três ordens de limitações, acreditamos que a última é intransponível para o direitismo. A sua incapacidade para a violência poderá, talvez, ser compensada, como já aconteceu, com o apoio da espada militar, com o apelo ao Exército, cuja doutrina nacional predominante ainda corresponde à doutrina nacional da direita.

Escusado será dizer que a primeira consequência de um movimento fascista em Espanha seria quebrar as limitações a que nos referimos. Principalmente este último, porque o fascismo teria de se alimentar dos espanhóis ao ar livre, das grandes massas hoje desassistidas e em perigo.

A revolução nacional e a esquerda

O esquerdismo espanhol, que era tão poderoso quando foi feita a proclamação da República, não conseguiu cumprir hoje nenhuma missão histórica. Isso é lógico. A sua presença foi atrasada, pode-se dizer, por um século. O fracasso do esquerdismo consiste em não ter conseguido exibir sobre a Espanha, com ardor jacobino, uma bandeira nacionalista, popular e exasperada. O século XIX ofereceu diversas situações favoráveis para esta tarefa. Agora, em 1931, quando tomou o poder nas suas mãos, esse exasperado slogan nacionalista já era muito difícil de encontrar. Pois no esquerdismo atuava uma nova força – a doutrina classista e internacionalista dos proletários – que entraria em conflito com uma possível derivação jacobina e nacionalista da República, talvez agradando, por exemplo, a um Azaña.

Influenciado, aliás, pelo esquerdismo por toda a ação sentimentalista do pós-guerra, e abrigado à sombra dos proletários vermelhos, repetimos que este é já, nos nossos dias, uma força sem missão, perturbadora e estéril. É claro que, como se viu durante a sua gestão, falta-lhe capacidade para promover a reanimação espanhola.

Referimo-nos, naturalmente, ao esquerdismo burguês. Mas o que dá vida à esquerda são as áreas proletárias espanholas. Os trabalhadores estão hoje, livremente, à mercê da propaganda marxista. Nenhuma outra bandeira revolucionária pesa sobre eles além das bandeiras negras da F.A.I.

Um movimento fascista de magnitude ambiciosa tem, na realidade do esquerdismo espanhol, a melhor e mais clara indicação de qual é o seu verdadeiro caminho. Deve primeiro interpretar o nacionalismo exasperado que a pequena burguesia republicana não conseguiu reunir em abril de 1931. Deve abrir uma brecha na frente vermelha dos proletários, arrancando um setor de trabalhadores e militantes revolucionários do marxismo.

A doutrina e as táticas da esquerda parecem firmemente fechadas a qualquer ressonância fascista. Neste ponto, tudo o que acontece e vem acontecendo na Espanha oferece perfis ao mesmo tempo dramáticos e cômicos. Muitos identificam o caminho da direita com o fascismo. Mas o que qualquer um pode observar, examinando as táticas e os fundamentos doutrinários da esquerda e da direita, é nada menos do que isto: em Espanha, a direita é aparentemente fascista e, em muitos extremos, essencialmente antifascista. E a esquerda é aparentemente antifascista e, em muitos aspectos e pretensões, essencialmente fascista. Se isso não for 100% verdade, teremos que concordar que está muito próximo disso.

Ora, o fascismo que a pequena burguesia de esquerda pode desenvolver, quando é flanqueada pelo marxismo, como é o caso do espanhol, e quando não tem uma doutrina nacional fervorosa, como também é o caso aqui, esse fascismo, eu repito, tem um nome nada invejável: México.

Um nacionalismo operário espanhol? Textos do líder revolucionário Joaquín Maurín

Aludimos nas páginas anteriores à nossa crença de que as vozes nacionais encontrariam eco no coração popular espanhol. Está prestes a ser feito um apelo como este, que liga a defesa nacional de Espanha, a sua ressurreição como grande cidade histórica, aos interesses econômicos e políticos das grandes massas. Quase inteiramente, como já dissemos antes, estes estão sob a influência direta de aventureiros.

Num livro recente de Joaquín Maurín, um conhecido líder revolucionário (Rumo à Segunda Revolução, Barcelona, 1935), há, ao lado do lixo padrão típico de todo autor marxista, ou que se considera tal, alguns magníficos e incitamentos formidáveis para alcançar a salvação nacional espanhola. Maurín supera o sentimento de classe que, aparentemente, a sua educação marxista, ainda vigente nele, o obriga a fazer, e apresenta aos trabalhadores o panorama de uma possível ação revolucionária, entre cujos motivos ou objetivos está a revitalização nacional espanhola. Para isso, invoca e convoca os proletários, considerando-os como o setor da Pátria mais bem dotado de abnegação, capacidade e vigor. Não hesitamos em atribuir extraordinária importância à atitude de Joaquín Maurín, e talvez represente o início de uma mudança de rumo na propaganda aos trabalhadores, que, ao descobrirem o caminho nacional e ao disputá-lo até com uma burguesia vulgar e carente, podem carregar dentro de si o segredo das vitórias do futuro. A seguir, apresento citações literais do referido livro e convido você a me contar qual outro líder revolucionário da esquerda mais subversiva, como Maurín, escreveu coisas semelhantes a estas:

A Segunda República Espanhola constitui um fracasso quase espectacular, ainda mais rápido, mais devastador, do que o da própria ditadura de Primo de Rivera.

A burguesia espanhola teve um destino trágico. Situada numa localização geográfica admirável, foi obrigada a observar como a burguesia de outros países somava vitórias, enquanto vivia uma vida atrofiada, apodrecendo na inação (p. 9).

A aspiração de um espanhol revolucionário não deve ser que um dia, talvez não muito longe, seguindo o seu impulso actual, a Península Ibérica se converta num mosaico balcânico, em rivalidades e lutas armadas fomentadas pelo imperialismo estrangeiro, mas, pelo contrário, , deveria tender a procurar a reincorporação livre e espontânea de Portugal na grande unidade ibérica (p. 40).

Espanha tem proporcionalmente menos população que Portugal e três vezes menos que Itália, um país cujas condições naturais são muito inferiores às de Espanha. Tomando como ponto de comparação os 132 habitantes de Itália com os 44 de Espanha, pode-se afirmar que a Espanha da decadência enterrou 88 espanhóis em cada quilómetro quadrado de terra (página 214).

Costa poderia repetir que metade dos espanhóis vai para a cama sem jantar. Há uma minoria que nada em abundância, que desperdiça, que vive esplendidamente, e uma esmagadora maioria atormentada pela fome e pela miséria. "Aqueles que não estão felizes não têm país", dissera SaintJust. A Espanha -hojenão é uma pátria (pág. 215).

O reacionário dos nossos dias seria o solvente da Espanha, o anti-Espanha (p. 224)

Um partido fascista precisa de ser nacionalista fanático, fundamentalmente anticatólico e apoiante do capitalismo de Estado. O partido de Gil Robles não é nacionalista. É agrário-católico, o que é muito diferente.

O nacionalismo como força, num país como a Espanha, cuja unidade foi imposta coercivamente pela Monarquia e pela Igreja, só pode ser iluminado pelo proletariado (p. 230).

A Espanha da decadência, na política internacional, encontra-se presa entre duas rochas: Inglaterra e França. Ele não pode sair de lá. A França e a Inglaterra acorrentaram a Espanha durante muito tempo, tanto durante a Monarquia como no período da República (p. 233).

Cabe ao nosso proletariado realizar uma tarefa amplamente nacional. Estreiteza nacionalista? Contradição com o internacionalismo socialista? Podem perguntar-se os idólatras das frases, eunucos perante a acção revolucionária (p. 240).

Libertadores da juventude, hoje ligados a um regime moribundo que os impede de testar a sua força expansiva, o seu destemor e o seu heroísmo.

A revolução não deve ser para um partido, nem mesmo para uma classe, mas para a grande maioria da população, que deve considerá-la como o alvorecer de um mundo novo, mais justo, mais humano, mais ordenado, mais habitável, em curto (pág. 241).

O enfraquecimento da Espanha burguesa, entre outras razões, deve-se ao facto de a Inglaterra e a França, cada uma por si, terem assegurado que uma nação poderosa, uma grande potência, não ressurgisse na Península, o que, se ocorresse , teria sido um rival muito perigoso.

A monarquia absoluta, a monarquia constitucional, a ditadura e a República continuaram sem interromper uma política internacional, não de acordo com as conveniências de Espanha, mas de acordo com os interesses da França e da Inglaterra (p. 247).

Os aliados naturais da Espanha não são a França e a Inglaterra enquanto estes países forem capitalistas. A linha lógica das alianças segue outro meridiano. E é: Portugal-Espanha-Itália-Alemanha-Rússia. Tal bloco subjugaria a França e a Inglaterra (p. 248).

Existem esses textos. Ninguém duvidará que respiram a emoção nacional espanhola. Maurín, embora ainda jovem, tem vinte anos de experiência lutando no movimento operário marxista. Ele ainda está em suas fileiras

como chefe de um partido não muito amplo, mas que produziu lutadores notáveis nas Astúrias, como o líder de Mieres, Manuel Grossi. O marxismo tem nas suas garras espanhóis como Maurín, que sem sujeição às orientações dogmáticas marxistas prestariam à Espanha serviços históricos formidáveis. Pois bem, é isso que falta e que falta aqui: arrancar a bandeira nacional ao grupo rabon que hoje a carrega nos ombros e satisfazer com ela o desejo de justiça que pulsa no coração da grande maioria dos espanhóis. Sem o nacional, não há justiça social possível. Sem satisfação social entre as massas, a Pátria continuará a encolher.

Espanha e Europa

É sabido que a Espanha permaneceu ausente, durante muitas décadas, dos acontecimentos europeus decisivos. A Espanha, na realidade, foi uma vítima da Europa, enquanto a Europa foi representada pelo imperialismo francês e inglês, inimigos essenciais da Espanha e da sua ressurreição como grande potência.

Mas aquela Europa dos ingleses e dos gauleses, vitoriosa na Grande Guerra, é uma Europa em vias de decomposição e ruína. As últimas derivações do confronto ítalo-inglês, que ocorrerá inexoravelmente dentro de poucos anos - ou talvez meses - coincidirão com o auge das dificuldades europeias.

Uma concepção secular da Europa está em crise. O meridiano do poder europeu mudará necessariamente, passando da França e da Inglaterra em direcção ao centro e, em última análise, fixando-se nas zonas meridionais do continente.

Tudo isto não implica a necessidade peremptória de recuperação de Espanha, no caminho dos seus novos deveres globais? A situação internacional mais ambiciosa e gigantesca está de volta para nós. Para enfrentá-lo, a primeira coisa que é necessária é a recuperação nacional. Torne-se independente do domínio franco-britânico e possua o vigor que a existência de povos livres exige.

Pode-se dizer que, ao longo da História, apenas dois homens tiveram nas mãos o leme da Europa, com a consciência de exercer sobre ela uma projeção salvífica. Eles são Carlos V e Napoleão. O primeiro realmente exerceu seu império. O segundo - também sulista, corso - cumpriu a sua missão sem entusiasmo, mal sendo compreendido pela Europa, através do seu formidável slogan contra o império inglês.

Só o triunfo na nossa Espanha de um movimento nacional muito firme colocará a Pátria em condições de não piscar diante das responsabilidades históricas, de natureza internacional, que lhe são atribuídas. Só uma Espanha forte pode decidir os próximos conflitos na Europa, num sentido progressivo e frutífero. A Itália é um povo demasiado fraco para tal missão e, se a empreendesse sozinha, encontrar-se-ia rapidamente nas garras dos alemães. Mussolini sabe bem disso. O segredo de uma nova ordem europeia, que tem amplas possibilidades históricas, está resumido neste slogan que nos preocupa: a ressurreição espanhola.

As perspectivas imediatas. Os fascistas?

É evidente que tanto o sistema como a própria situação política que hoje governa a Espanha são completamente desenraizados. São coisas no ar, sem duas horas legítimas de futuro pela frente. Nem o Estado, nem as forças que o apoiam, nem os nortes ideais a cujo serviço o sistema afirma estar, têm a menor consistência, ou mesmo respeitabilidade.

É falso que as coisas na política permitam esperar. A actual encruzilhada de Espanha também não parece admiti-lo. Se o que é conveniente não estiver disposto e maduro, triunfará e um substituto, mais ou menos eficaz e duradouro, intervirá.

A nossa tese é que a Espanha está pronta para a execução da revolução nacional (fascista, na terminologia que o leitor conhece). O que aconteceu em Espanha nos últimos três anos é a coisa mais apropriada e favorável que poderia acontecer para tornar possível a revolução nacional espanhola com rapidez e sucesso. A primeira coisa foi criar o seu instrumento político, ou seja, a organização que executa esse desenho. A realidade atual é que este instrumento (que começou a ser forjado no J.O.N.S., nele colaborou a F.E., e depois, mais tarde, continuado por ambas as organizações unificadas) não tem conseguido, por diversas razões, ser suficientemente reforçado. É, claro, uma garantia para o futuro, já que as suas bases são exatamente aquelas de que Espanha necessita. Mas não nos referiremos agora ao amanhã, mas ao hoje presente e imediato.

O problema fundamental é muito claro e só pode ser resolvido por uma atitude fascista, do tipo descrito nestas páginas. Pois bem, há hoje duas coisas inevitáveis na Espanha, duas angústias, às quais se pode dar uma gigantesca expansão histórica. Uma, erradicar a atual pequenez de Espanha, dar aos espanhóis uma pátria forte e libertadora. Outra é satisfazer os desejos de justiça da grande maioria da população, que vive uma existência difícil e limitada, muitas vezes miserável. Estes dois são imperativos de tal importância que a sua realização é e deve ser, acima de tudo, presidir à empresa revolucionária do povo espanhol, depois da sua grandeza e libertação. E para dar-lhes cara, tudo o que precisa ser pisoteado é pisoteado, desde a atual ordem econômica até o estilo de vida meticuloso e monótono das atuais classes gestoras. As palavras valem pouco. Se essa empresa exige que isso seja verificado com o grito de Abaixo o fascismo!, então vamos fazê-lo. Não há dificuldades. Embora não em todos os lugares, é verdade que em muitos lugares você vai a Roma.

Parece evidente que, neste momento, em Espanha, não existe uma força que decida o próximo futuro da Pátria e do povo de acordo com estes imperativos primordiais. Este livro indicará e explicará ao leitor por que ele não existe. O fato é que a sua possibilidade vitoriosa foi adiada e saiu do seu tempo, que é o mesmo em que vivemos.

Não há, portanto, fascismo. Quem melhor sabe disto são os antifascistas e, entre eles, os executores da Revolução de Outubro, que sabem muito bem que só a ausência do fascismo, do verdadeiro fascismo, lhes permitiu recuperar.

Se não for o fascismo, será que os fascistas conseguirão lidar com a situação? A empresa é tão simples e oportuna que seria preciso presumir que sim. Os fascistas são uma forte realidade espanhola, com posições já conquistadas no Estado e muito a perder se o inimigo chegar. Além disso, um fator impressionante é a facilidade com que os proletários classistas se ligaram novamente ao esquerdismo republicano burguês, confiando a Azaña uma nova missão orientadora. Os fascistas, como sabemos, estão hoje em lugares muito diversos; mas certamente responderão com urgência, seja qual for o dia, ao chamado da batida decisiva.

O sistema atual está em ruínas. Deveríamos dizer que ele vive da hipocrisia que todo regime democrático burguês tem em abundância? Mas em breve chegará o dia - uma questão de semanas ou meses - em que este fornecimento será esgotado, e será difícil continuar a dizer às pessoas que vivem num regime de liberdade e democracia. Esse será o momento crítico, em que ou os elementos fascistas a que nos referimos tomam o poder, para testar um novo sistema, ou a frente Azaño-Marxista irrompe. Todos os esforços hábeis, os cataplasmas centristas - que, como se sabe, já estão a tomar forma - não conseguirão impedir que a situação espanhola caminhe pelas cristas, sem possibilidade mais panorâmica do que aquelas duas breves encostas.

Quem são os fascistas? Uma tarefa muito fácil e simples é apontar-lhes o dedo, colocar os seus nomes em fila: Calvo Sotelo e o seu Bloco Nacional. Gil Robles e suas forças; especialmente os pertencentes ao J. A. P. Primo de Rivera e seus grupos, hoje ainda na órbita dos anteriores, embora, sem dúvida, não amanhã. Sem esquecer, naturalmente, um setor do Exército, dos militares espanhóis.

É claro que estas forças fascistas necessitam de uma ação militar convergente. Sem ele, em vez de um Governo, ficaria reduzido a um comitê eleitoral de um bloco anti ou contrarrevolucionário, que incluirá os mesmos grupos a que nos referimos. Muitos parecem preferir esse caminho, desejando transferir a disputa para as urnas. Contudo, a plenitude da situação histórica irá superá-los.

As possibilidades para um governo fascista são muitas. Os homens que hoje representam estas possibilidades terão de ser muito intimidados para não se encarregarem delas. Portanto, tal hipótese é pouco suportada. O caminho para eles é claro, com visibilidade perfeita e fácil deslocamento.

Um regime mais ou menos militar não foge às características espanholas. A Espanha quase sempre foi governada dessa forma. As chamadas espadas do século XIX foram a única coisa de valor político que aquele século espanhol produziu. Eles unificaram, como puderam e foram possíveis, a vida da nação. As espadas sempre agiram aqui como se fossem molas suplementares. Não estamos hoje diante da necessidade de substituir uma força nacional fascista, que não existe quando é o seu momento exato e próprio?

As equipas fascistas terão de desenvolver a sua luta, mais do que contra o imediatismo Azaño-Marxista (hoje só possível ao nível eleitoral), contra os valores centristas da República, ainda de pé, contra a inconsciência e a quietude daqueles que são ainda mostram defensores das formas demoburguesas e parlamentares. O esquerdismo revolucionário hoje não tem possibilidades no nível da violência. Sim, tem-nos ao nível eleitoral. Isto é tudo o que os elementos fascistas precisam saber para desenvolver a sua estratégia política.

* * *

O autor deste livro é um nacional-sindicalista e não renuncia à menor partícula da sua fé em Espanha e da sua fé no povo. Que não renuncia aos imperativos em que a batalha Jonsista deverá um dia ser travada.

SEGUNDA PARTE

1. AS ORIGENS: A PUBLICAÇÃO DE A CONQUISTA DO ESTADO

Um começo puro e radical | O perfil dos fundadores | A sua atitude nacionalista e revolucionária | A batalha contra o separatismo | Com a C.N.T. flanco | Interferência na greve telefônica | Incidente policial | O incêndio de conventos. Testemunhas oculares | Seu sinal histórico | Surgem os J.O.N.S.

Um começo puro e radical

No dia 14 de março de 1931, exatamente um mês antes da proclamação da República, começou a ser publicado em Madri um semanário político, A CONQUISTA DO ESTADO, em cujos números se encontram todos os germes, ideias e slogans que, mais tarde, mais tarde, eles deram vida e nome às organizações e partidos de tendência fascista que conhecemos hoje.

O exame das coleções daquele jornal, que durou seis meses, é, portanto, essencial para conhecer as origens dos movimentos fascistas espanhóis, pois constitui, na ordem histórica, o seu primeiro antecedente, a sua primeira manifestação, o seu primeiro perfil.

Antes da CONQUISTA DO ESTADO, não se viam esforços de qualquer espécie para propagar uma bandeira nacional e social na Espanha, ou seja, uma bandeira com signo fascista. (Houve, sim, a gesticulação reacionária de Albiñana, ao serviço descarado da aristocracia latifundiária e dos núcleos mais regressivos do país, e que queria apresentar-se, claro, como um emulador do Duce fascista de As tentativas de Albiñana, que podem figurar numa história do pitoresco político e picaresco da época, não precisam ocupar aqui uma referência mais longa.)

Façamos, então, um breve resumo da vida desse jornal, do seu nascimento, do percurso da sua publicação, quem o fundou e com que fins; os incidentes que o obrigaram a desaparecer e, por fim, a fertilidade que pode ser atribuída às suas lutas.

A CONQUISTA DO ESTADO, repetimos, é um puro começo. Nenhum antecedente pode ser apontado. No mínimo, a campanha, de natureza exclusivamente literária, portanto restrita, de Giménez Caballero em 1929, que postulou pela primeira vez em Espanha uma doutrina nacionalista moderna, social e vital, desmascarando efetivamente o que havia de podre no liberalismo demoburguês, reacionário e ntissocial. Mas este trabalho de Giménez Caballero dificilmente tem precedentes, já que também se juntou a A CONQUISTA DO ESTADO e continuou a mesma campanha neste jornal.

O perfil dos fundadores

O grupo fundador era formado por jovens recém-chegados à responsabilidade nacional, todos com cerca de vinte e cinco anos, e iniciaram o seu trabalho assim que a Espanha saiu da ditadura de Primo de Rivera, período que , naturalmente, desorientou e anulou a formação política da juventude. Este grupo, cujos membros eram de origens extremamente diversas, destacou como seu diretor Ramiro Ledesma Ramos, que representava entre todos eles, além de uma garantia de tenacidade, o próprio sentido da ação política.

Ramiro Ledesma tinha 25 anos quando se tornou diretor de La Conquista del Estado, coincidindo com sua entrada na política ativa. Verbo verdadeiramente estranho para quem o conheceu antes, para quem testemunhou a sua juventude como metafísico, como estudante de filosofia e matemática, reflectida nos seus trabalhos para a Revista de Occident. Esta publicação foi o fórum intelectual de maior prestígio em Espanha naqueles anos, dirigido por Ortega y Gasset, professor e conselheiro filosófico de Ledesma Ramos durante os seus tempos de estudante. A actividade jornalística e política de Ledesma significou para ele o abandono radical da sua actividade anterior, quando assim se lhe abriram as melhores perspectivas académicas. Este é um dos episódios da sua vida menos explicados pelos seus amigos da época, e não tem outra explicação senão a profunda generosidade deste homem, a verdadeira existência de um fundador, com uma dedicação mística à revolução nacional que ele começou a sentir.

Giménez Caballero já era então um prestígio literário e, como dissemos, tinha apresentado dois anos antes, em 1929, à juventude, um índice intelectual de oposição ao liberalismo burguês e de aspiração a uma Espanha imperial, apoiada por uma dupla defesa social, místico e heroico. Giménez Caballero alcançou mais tarde destaque europeu com os seus livros Genio de España (1932) e A Nova Catolicidade (1933), como um dos mais profundos e sagazes intérpretes do fenômeno fascista.

Juan Aparício. Semanas antes do lançamento de A CONQUISTA DO ESTADO, Ledesma conheceu Juan Aparicio, que lutava no abismo comunista, lutando para entrar nele, mas nunca passando pela porta, em parte por causa de sua timidez como poeta e escritor formidável. Pelas hesitações causadas pela sua magnífica sensibilidade de espanhol e patriota. Aparicio passou para A CONQUISTA DO ESTADO como secretário editorial e foi um de seus melhores redatores até o fim.

Ricardo de Jaspe veio da burocracia que estava em melhor situação com o regime. No jornal, representou um diletantismo fascista, de um jovem que se dá ao luxo de parecer insatisfeito, inquieto em dar à Espanha o tipo de grandeza com que sonham todos os diplomatas -Jaspe era um-, o que serve um pouco para afirmar mais a sua condição . Jaspe deixou o jornal logo após a chegada da República, ingressou no partido de Azaña, com tanta fortuna e inteligência que em dois meses foi promovido hierarquicamente no Conselho de Turismo a um de seus cargos mais altos.

Bermúdez Cañete era o responsável pela seção econômica e financeira do jornal. Foi a única contribuição do catolicismo não oficial que apareceu em A CONQUISTA DO ESTADO. Às vezes ele parecia um pouco hesitante e retraído, até que um dia descobriu para a equipe editorial que Don Angel Herrera, seu mentor e professor, descreveu todos eles como hegelianos inveterados, estatoláteros e uma série de outras heresias. Queixava-se frequentemente com Ledesma desse espírito do jornal; mas o diretor, que o conhecia bem, não se preocupou muito em tranquilizá-lo, confiando essa função ao datilógrafo da Administração, que o fez maravilhosamente, apenas por ser pontual na entrega dos 25 duros mensais que Cañete recebia.

Francisco Mateos era o artista. Mateos é um excelente pintor, que combina um grande sentido popular com o seu gosto artístico. Ele estava no exterior há muito tempo e tinha uma formação política fortemente extremista. Ele admirava muito Gross, autodenominando-se seu amigo, e, acredite, ele havia sido um herói comunista, junto com Ernesto Toller, durante os dias vermelhos de Munique, em 1919. Mateos, que tinha quase trinta e seis anos, era o editor mais antigo, e isso, junto com sua tendência à melancolia budista, deu-lhe grande autoridade aos olhos dos outros. Desenhou uma seção, intitulada Comicidios, de grande força satírica. Mas Mateos, para grande surpresa de todos, revelou subitamente uma tendência intransponível para escrever. O realizador, que admirava muito os seus desenhos, encurralou as inúmeras páginas que Mateos lhe pôs nas mãos. Isso deve tê-lo incomodado profundamente e um dia, apenas dois meses depois de sair no jornal, aproveitou a oportunidade que Ledesma se opôs a um sorteio para abandonar A CONQUISTA DO ESTADO. Poucos dias depois, Mateos começou a desenhar em La Tierra e também a publicar extensas informações e relatórios.

Alejandro Raimúndez, administrador do jornal e também editor de assuntos econômicos, era um galego inteligente e irônico, algo cético e também um bom ateísta, que mais tarde, acreditamos, aderiu ao lerrouxismo.

Iglesias Parga, estudante universitário, ex-leitor de espanhol na Suécia, destinatário em 1929 de uma famosa carta de Giménez Caballero, fazia parte do grupo com um entusiasmo infantil, que demonstrou nas ruas ao distribuir o manifesto político que precedeu a publicação do jornal. Iglesias era um menino grande e de cabeça quente que se tornou comunista alguns meses depois e até, aparentemente, passou por um período de problemas de saúde mental em um sanatório.

Souto Vilas, hoje professor, trouxe a firmeza de um camponês celta. Difundiu com todo o entusiasmo as palavras de ordem do jornal na Galiza e foi, e ainda é, um dos que defendem a bandeira nacional-sindical com mais honestidade, capacidade e consequência.

O grupo foi completado por Antonio Riaño, filho de um soldado republicano que Azaña adicionou à Embaixada em Londres, que era editor da universidade. O notário Ortega, um menino muito piedoso, de formação semi-integralista, um monarquista enfeitiçado, como dizia o tempo todo, que ia muito ao jornal, embora parecesse insatisfeito e em absoluto desacordo com ele. Hernández Leza e Puértolas trabalharam como repórteres e tradutores.

Tais foram os que escreveram A CONQUISTA DO ESTADO. São a primeira pedra que pode ser identificada em Espanha como fascista. No último minuto, no mês de outubro, Emiliano Aguado, um teórico de boa formação intelectual, hoje editorialista de um jornal reacionário, entrou na redação.

Sua atitude nacionalista e revolucionária

O jornal estava ligado a dois slogans: era profundamente nacionalista e era profundamente revolucionário, social e subversivo. Note-se que lhe atribuímos agora a sua filiação fascista, ao colocá-lo na História, e, sobretudo, tanto pela sua posição patriótica e sindical naquela época como pelas derivações finais do grupo. Mas eles, no jornal, nunca se autodenominaram fascistas nem se definiram como tal.

Não devemos esquecer o momento em que apareceu em Espanha: março de 1931. Quando as campanhas eleitorais contra a Monarquia culminavam e esta vacilava radicalmente. O jornal, porém, demonstrou nos seus primeiros números um desprezo soberano pela onda do republicanismo, sem, claro, defender a Monarquia moribunda, baseado no fato de o movimento republicano ter ligado todo o seu destino às formas mais antigas e demoliberais.

A CONQUISTA DO ESTADO pretendia representar um novo espírito e teve necessariamente que se chocar com o republicanismo de 1931, em cujas redes também viu cair toda a juventude, generosa e inexperiente. Na realidade, a oposição do jornal ao espírito predominante dos grupos de sucesso de Abril foi, e tinha de ser, absoluta. Pois bem, quem se lembra dessas datas sem paixão - afinal, muito próximas - notará que toda a propaganda do movimento antimonarquista se baseava em oferecer aos espanhóis as delícias de um regime parlamentar-burguês, sem qualquer apelo a um regime ambicioso e patriótico. Sentido nacional, e sem qualquer perspectiva de transmutação econômica, de modificações essenciais que satisfizessem o desejo de uma economia espanhola mais eficiente e mais justa.

Com um ímpeto formidável, o jornal aceitou o seu destino naquele momento, que consistia em estar à frente de tudo e de todos, batendo para despertar uma nova consciência juvenil, que naquela época só aparecia no grupo editorial e em apenas uma centena de simpatizantes . Assim que a República foi proclamada, iniciou-se uma oposição muito violenta contra o Governo Provisório, atacando-o pelo seu espírito demoburguês e antimoderno, e pela sua indiferença, pela sua insensibilidade aos problemas históricos de verdadeiro significado nacional. Ao mesmo tempo, naturalmente, o jornal era anticomunista, embora examinasse de perto as linhas que postulavam uma solução social subversiva - por exemplo, a C.N.T -, procurando apaixonadamente coincidências que lhe permitissem vincular os seus esforços a alguém.

O Governo Provisório da República nem sequer foi capaz de manter o apoio entusiástico das suas próprias fileiras. Julgue como um grupo como o de A CONQUISTA DO ESTADO, que aspirava a erradicar de toda a juventude as ilusões liberal-burguesas, precisamente aquelas apoiadas e representadas por aqueles governantes, seria colocado diante dele.

O jornal refletiu o seu profundo significado nacional e patriótico numa campanha muito tenaz e violenta contra os separatistas catalães. E também mostrou os seus desejos revolucionários, a sua tendência para uma revolução sócio-econômica, ligando-se em muitos aspectos à atitude da C.N.T. e exaltando as atividades subversivas do Comandante Franco.

É importante estabelecer este duplo perfil de A CONQUISTA DO ESTADO, onde reside a sua originalidade histórica, o seu carácter de primeira publicação espanhola que tenta nacionalizar o sentido revolucionário moderno, ao mesmo tempo que apoia uma bandeira nacionalista no plano social-econômico das grandes massas.

A batalha contra o separatismo

A sua filiação a uma Espanha unida, sem concessões aos núcleos desintegradores da periferia, principalmente da Catalunha, proporcionou ao jornal as suas primeiras perseguições. É sabido como os primeiros governantes da República estiveram ligados a Maciá por fortes compromissos. Uma campanha como a iniciada pela CONQUISTA DO ESTADO, movendo-se, não esqueçamos, dentro da revolução, a favor de um esmagamento revolucionário dos separatistas, teve que ser travada pelo Governo.

Maciá proibiu a circulação do jornal em toda a Catalunha, excedendo claramente os seus poderes. Mas não importa quantos protestos foram feitos a Maura, então Ministra do Interior, a sua livre circulação na Catalunha era impossível. Algumas centenas de exemplares, em tiras dobradas e endereçados aos assinantes, foram os únicos que penetraram na Catalunha durante a realização da campanha anti-separatista, que pode-se dizer que durou quase a mesma duração do jornal.

Mas não se tratava apenas de Maciá. Da Direção Geral de Segurança, então chefiada por Galarza, prepararam-se também para desenvolver uma ação governamental contra A CONQUISTA DO ESTADO, naturalmente mais profunda e perigosa que a organizada por Maciá.

A campanha pela unidade da revolução e pela unidade de Espanha aumentou a circulação do jornal, e também aproximou dele alguns grupos de espanhóis, ansiosos por complementar a sua eficácia. Com eles, Ledesma deu os primeiros passos de uma possível organização, destruída pelo Governo assim que nasceu.

Esses grupos – que não seriam compostos por mais de 18 ou 20 militantes – alcançaram seu primeiro sucesso naquela época, que levou Ledesma à prisão. A coisa foi assim: poucos dias depois das eleições para a Assembleia Constituinte, os deputados catalães leais a Maciá e ao separatista Esquerra anunciaram a sua chegada a Madri, num comboio especial e com todo o barulho.

Isto foi considerado no jornal como uma magnífica oportunidade para se manifestar nas ruas contra tais elementos. Quatro dias antes da data marcada para a sua chegada, começaram os preparativos e também as suspeitas da Polícia, que colocou vigilância no jornal. O plano era colocar dois ou três fogos de artifício na estação Mediodía, que explodiriam em alguns vagões do trem da fronteira na linha por onde entrava o trem dos deputados. Ao mesmo tempo, na saída da estação, esperava-se conseguir localizar grupos suficientemente grandes para organizar um protesto o mais violento possível. Para tal, foram escritas algumas folhas, convidando o povo de Madri para a manifestação, que continha grandes ataques ao separatismo.

Os fogos de artifício foram preparados por um unitário entusiasta, um velho lerrouxista, que vinte e cinco anos antes tinha lutado contra o separatismo em Barcelona. Ele era um cara legal, um homem de vida difícil, um comissário com poucas vendas, que se comovia só de pensar na desintegração espanhola. Ele tinha mais de cinquenta anos, quase o dobro da idade do mais velho do grupo. Entre os seus jovens camaradas, tinha muito orgulho, satisfeito por desempenhar o papel de um militante claro, como um deles. Ele e outro colega ficaram encarregados de colocar os fogos de artifício nos departamentos ferroviários, de acordo com o plano que mencionamos anteriormente.

As folhas clandestinas foram jogadas fora em uma pequena gráfica, mas não antes que o gerente da outra gráfica onde era feito o jornal, na rua Martín de los Heroes, descobrisse, por imprudência de um editor. Este regente vendeu confidências à Direção de Segurança e informou imediatamente Galarza do fato de terem sido impressas um grande número de folhas clandestinas contra Maciá e os seus adjuntos. Além disso, temperou a confiança com a afirmação de que tinha ouvido os editores de A CONQUISTA DO ESTADO que preparavam um expurgo de castor para o próprio Galarza.

Ele não precisava de mais nada, naturalmente, para agir contra o grupo. A polícia encontrou vinte mil páginas que Enrique Compte, um dos primeiros a aderir à política do jornal, guardava num dos porões de sua casa. Além disso, embora não tenham sido descobertas, a Polícia conseguiu descobrir que tinham sido feitos fogos de artifício - presumiram que se tratavam de bombas -, presumindo, em suma, uma organização terrível, pronta para a violência contra os deputados separatistas.

Então aconteceu o mais pitoresco: diante de tais relatos, percebendo o quão desagradável e desastroso seria para eles serem recebidos em Madri com protestos, dispensaram o trem especial, abandonaram a tentativa de chegar e entrar em Madrid de forma espetacular, contentando-se em fazê-lo nos expressos de passageiros, em dois ou três lotes e sem chamar muita atenção. Foi, repetimos, o primeiro sucesso dos grupos ligados ao jornal, bastando apenas uma dezena e meia de militantes, como vimos, para impedir a arrogância dos catalães bem-sucedidos.

Como resultado, porém, Galarza prendeu o diretor e a perseguição policial contra o jornal se intensificou.

Com a C.N.T. flanco

No verão de 1931, a única força insatisfeita com o Governo Provisório, que poderia representar um perigo real para ele, era a Confederação Nacional do Trabalho, a C.N.T. De 10 a 14 de junho daquele ano, dois meses após a proclamação da República, a C.N.T. realizou um Congresso extraordinário em Madri, no antigo Teatro Princesa. Muitos atribuíram a este Congresso uma importância decisiva para a revolução. A verdade é que, de fato, a C.N.T. Representou e polarizou então a ascensão revolucionária; mas esse Congresso foi realizado de forma aleatória e, ao mesmo tempo, expôs a escassez tática daquela formidável organização. A CONQUISTA DO ESTADO, cujo norte social e nacional em nada diferia das diretrizes da CNT, viu, no entanto, na C.N.T. a alavanca subversiva mais eficaz da época, também livre de influências bolcheviques devido à oposição anarcossindicalista à doutrina do marxismo.

Em muitas ocasiões, o jornal demonstrou o seu desejo de apoiar as lutas diárias e os slogans dos sindicalistas.

Assim, por exemplo, dedicou páginas inteiras às sessões do Congresso, publicou entrevistas com os seus dirigentes mais destacados, etc., etc. O número de A CONQUISTA DO ESTADO, que surgiu no dia 13 de junho, em pleno Congresso Sindical, foi dedicado, ao meio, à campanha anti-separatista e à divulgação e comentário daquela assembleia.

Naquele dia, os editores do jornal tiveram a satisfação de assistir à sessão de um dos andares superiores e ver nas mãos da maioria dos parlamentares exemplares de A CONQUISTA DO ESTADO, que foi vendido na entrada. Este fato foi notado por muitos e muito comentado em Madri.

O propósito tático é vincular, em seu flanco, de forma temporária, as lutas do grupo com as desenvolvidas pela C.N.T. Era, portanto, uma realidade. Note-se que a esta altura o grupo editorial inicial estava reduzido à metade, e aqueles com melhor temperamento e maior qualidade de combatentes políticos permaneciam firmemente em torno de Ledesma, entre eles, aquele que ao longo da publicação do jornal foi o seu próprio secretário editorial efetivo, Juan Aparicio.

O crescimento social do jornal foi evidente, e essa evidência chegou também à Direção Geral de Segurança, que no mesmo ritmo forçou a ação governamental contra o semanário.

Interferência com greve telefônica

Depois, na primeira semana de julho, ocorreu a famosa greve telefônica, o primeiro ataque revolucionário desencadeado contra o tímido Governo Provisório. Poderia ter sido, com efeito, o caminho para a tomada do poder pelos sindicatos e para o ensaio aprofundado da revolução social espanhola. A CONQUISTA DO ESTADO encontrou na greve motivo de agitação contra o polvo capitalista ianque, sediado na Companhia Telefônica. Por isso, não poupou esforços para favorecer a greve, embora o diretor soubesse muito bem que por trás dela havia um propósito subversivo e um plano para derrubar o Governo provisório. Este, tanto por medo de retaliações do capitalismo americano como por medo da dita subversão revolucionária, estava extremamente nervoso com o desenvolvimento da greve.

Os sindicalistas que formaram o Comitê encarregado de dirigir o conflito estavam certos de que a sua missão histórica era utilizá-lo como alavanca revolucionária. Para o efeito, procuraram colaborações, armas, e receberam e aceitaram as múltiplas ofertas que lhes foram feitas dos mais variados setores, nomeadamente da própria Polícia.

Mas a C.N.T. Não dispunha de uma equipa de dez ou doze homens capazes de liderar ou triunfar os organizadores da revolução, então quase madura, pois existiam as circunstâncias favoráveis de um regime inconstitucional, ingênuo e com defesas fáceis de violar em múltiplos pontos. O C.N.T. Contou apenas com aquela capacidade elementar e primitiva, muitas vezes heroica, dos seus militantes; mas os seus homens, por vício ou defeito inexorável da ideologia anarco-sindicalista, eram então, e sempre foram, absolutamente incompatíveis com uma técnica revolucionária eficiente.

O fracasso da greve telefônica marca o declínio ou, pelo menos, a paralisia revolucionária da C.N.T. em 1931. Muitos dos seus líderes convenceram-se então da impotência da CNT para derrotar o governo provisório. Foi o que confessaram dois ou três deles na redação do jornal.

Para A CONQUISTA DO ESTADO, esta greve também significou uma grave perda. Não leitores ou eficiência, que aumentou, mas econômica e repressiva. Econômico, porque diversas ações e atividades, devido à greve e à campanha contra a Telefónica, enfraqueceram o caixa do jornal em cerca de cinco mil pesetas. E repressiva, porque, face à violência com que foi levada a cabo aquela campanha, ligando-a, naturalmente, à traição do Governo, que favorecia de forma lacaia os interesses ianques, a Direcção de Segurança preparou-se para pôr fim ao semanário .

Além da prisão de Ledesma, que foi logicamente um grave revés, o jornal foi recolhido sistematicamente, levando-o a própria Polícia ao Ministério Público. Durante cinco semanas seguidas, o diretor foi processado por diversos artigos, sempre relacionados com a Telefónica ou com os separatistas.

Incidente policial

A vida de A CONQUISTA DO ESTADO tornou-se impossível desta forma. A Polícia de Galarza não esperou que os exemplares fossem enviados ao governo civil para selar, mas interveio ela própria na edição na gráfica. O último número assim publicado, correspondente ao dia 25 de julho, foi feito numa gráfica da rua Hernani, em Quatro Caminos, onde a Polícia compareceu quando a tiragem chegava aos dois mil exemplares. Ele forçou a parada das máquinas e levou algumas delas à Diretoria de Segurança para exame. Dois agentes permaneceram ali para vigiar, para evitar que os demais fossem retirados, e cumpriram as instruções com tanto rigor que não permitiram que ninguém levasse um único exemplar. Diante disso, os grupos ligados ao jornal entraram na gráfica escalando um muro nos fundos do prédio, que dava para algumas clareiras, e fugiram para lá com os dois mil exemplares, mas não sem antes dominar os agentes, que depois prudentemente mantiveram silêncio sobre a tarefa.

Nestas condições, naturalmente, a publicação de A CONQUISTA DO ESTADO era claramente impossível.

No dia 25 de julho, suspendeu – de forma nada voluntária, como vimos – a sua saída, que depois retomou, na segunda fase, no dia 3 de outubro seguinte.

O incêndio de conventos. Testemunhas oculares

A CONQUISTA DO ESTADO teve sua redação instalada na Avenida Dato, número 7. Isso fez com que os editores fossem testemunhas oculares, na manhã do dia 11 de maio, do incêndio do famoso convento jesuíta chamado de la Flor, localizado na mesma área. Avenida ., a cerca de cem metros do jornal.

Aproximadamente às dez horas, um grupo de doze ou quinze indivíduos, ao qual se juntou outro grupo de não mais de vinte pessoas, começou a gritar em frente ao prédio, atirando pedras de vez em quando. Imediatamente, encharcaram a porta com gasolina e ela começou a queimar, facilitada por um feixe de farpas que já haviam preparado.

Nesse mesmo momento, chegou uma seção de segurança e dispersou os incendiários, que recuaram em direção à rua San Bernardo. Da esquina desta rua com a rua Dato, onde fica a agência do Banco de Vizcaya, quatro ou cinco deles dispararam cerca de dez tiros contra os guardas.

O fogo então não passou da porta e do pequeno molho de lascas. Cinco minutos depois, com o fogo ainda bem aceso, apareceu um caminhão de bombeiros que, devido à pressão pouco aquecida dos grupos, retirou-se sem agir. A seção de guarda também foi retirada. Depois, já com total controle do terreno, os grupos atiçaram o fogo, que logo atingiu enormes proporções.

Metade de Madri - um Madrid passivo, espectador e marginal, para quem, no entanto, aquele espetáculo ainda tinha um interesse formidável - encheu toda a ampla Gran Vía contemplando o fogo. Quando as chamas atingiam a cúpula e dela saíam para cima, delimitadas geometricamente pela sua redondeza, a visão tinha, com efeito, uma força cativante.

Na redação do jornal, foi imediatamente percebido o caráter dos incêndios, como algo arquitetado, preparado e executado por uma minoria, e com a óbvia cumplicidade do Governo provisório. E os perpetradores eram uma minoria tão pequena que, claro, os editores de A CONQUISTA DO ESTADO afirmam que a intervenção, contra os incendiários, de duas ou três dezenas de indivíduos teria sido suficiente para ter evitado o ataque à Flor que foi o ataque mais retumbante. E da mesma forma devemos assumir que todos os outros.

Não faltaram pessoas no jornal que propuseram tentar. Não, naturalmente, por excessiva simpatia pela Igreja, já que A CONQUISTA DO ESTADO era tudo menos clerical; mas em oposição às ações odiosas das multidões. Mas foi descartado na hora. Pois bem, assim como tem os seus médicos, também deve ter os seus defensores, pois são muitos os que prosperam e se abrigam politicamente nas suas bandeiras. Além disso, A CONQUISTA DO ESTADO culminou então a sua tática de alvoroço popular, de aproximação com as palavras de ordem da revolução contra o Governo provisório, e a sua intervenção nesse processo, afinal não a ele ligado de forma demasiado direta, teria reduzido o jornal e o grupo à impotência.

No sábado anterior aos incêndios do convento, publicou A CONQUISTA DO ESTADO, em página inteira, uma carta revolucionária, dirigida ao Comandante Ramón Franco. Nela foi encorajado a continuar o seu percurso no caminho da revolução, embora dela extraísse tanto a sua dimensão social como a dimensão nacional espanhola, a grandeza da Pátria.

Aquela carta, com manchetes grossas, ocupava toda a primeira página do jornal, dando-lhe um aspecto sensacionalista.

Na tarde do dia dos incêndios, quando a Gran Vía estava repleta de massas revolucionárias e enormes multidões, os editores acreditaram que era uma magnífica oportunidade para propagar o tema, aproveitando a oportunidade. A coisa tinha, no entanto, algum risco, porque A CONQUISTA DO ESTADO já era descrita como fascista por muitos, especialmente pelos comunistas e pela sua imprensa.

Porém, como rapidamente não foram encontrados vendedores, toda a redação saiu, com o datilógrafo administrativo e o zelador, e em menos de uma hora venderam quase cinco mil exemplares sem o menor incidente.

A ação dos incendiários de 11 de maio produziu naturalmente um certo estupor em muitos setores. Dois ou três dias depois, em parte guiados pela carta a Franco, e em parte procurando uma possível bandeira na organização que o jornal postulava, alguns aviadores apareceram para falar com Ledesma, entre eles Ruiz de Alda, capitão Iglesias, organizador da expedição à Amazônia, Escario e alguns outros. Mostraram, e até assinaram, a sua adesão à política do jornal, mas sem maiores consequências.

Seu sinal histórico

Sob que signo histórico deve ser apreciada e julgada a publicação de A CONQUISTA DO ESTADO? Já nos referimos às circunstâncias em que ele nasceu e teve que se desenvolver. Diante da avalanche demoliberal de 1931, aquele jornal, que parecia totalmente imunizado contra qualquer bandeira liberal-burguesa, percebeu que lhe era negada eficácia imediata. Ledesma Ramos dizia, portanto, frequentemente aos seus camaradas, os editores, que deveriam estar claramente conscientes de que, por enquanto, as ideias de A CONQUISTA DO ESTADO não poderiam ser expressas de forma vitoriosa. E que o destino do jornal, em tal situação, seria lutar como guerrilheiro e até perecer como publicação. Mas que tempos viriam, numa data não muito distante, recolhendo o espírito e a eficácia das suas lutas.

A situação dramática do jornal e do grupo era que, embora permanecendo, claro, em oposição ao velho Estado monárquico, então moribundo, estava também em radical desacordo com o espírito que informava as forças republicano-socialistas encarregadas de substituí-lo .

A primeira coisa que notamos hoje, revendo a sua coleção, é aquele seu caráter, algo ainda não maduro, que procura justamente desenvolver-se com o máximo frescor no futuro.

É evidente que, em qualquer outro momento histórico que tivesse surgido, teria encontrado um ambiente mais favorável e menos agreste. Mas ter nascido numa situação como a que Espanha ofereceu em abril de 1931, estar em desacordo com o regime que estava a morrer e também em desacordo com aqueles que o derrubaram, equivalia, naturalmente, a afastar-se do plano das eficiências imediatas .

O jornal, porém, não abandonou a sua missão. Ele poderia ter embarcado em uma das tendências existentes na época ou, pelo menos, seguido o mesmo destino dos grupos que ajudou e flanqueou. Mas ele teve a honestidade e a consciência histórica de não fazê-lo. Apoiou, sim, campanhas convergentes com os sindicalistas, com as atividades revolucionárias de Franco, etc., mas não se identificou - nem pôde identificar-se, a não ser que traísse o seu sinal - com eles, nem teve a menor intenção de extrair do turbulento rio revolucionário a menor vantagem ao custo de seu próprio ser.

Que, de facto, continha eficiências consideráveis, e que representava verdadeiramente, com a sua filiação à dupla empresa nacional e social, fundida e fundida numa só, uma voz de grande futuro, é demonstrado pelos acontecimentos subsequentes, uma vez que é inegável que este jornal constitui o foco inicial dos movimentos posteriormente identificados e destacados como fascistas. Isto também é demonstrado pelo fato de hoje o seu mesmo vocabulário e as organizações que ele deu origem predominarem entre os jovens e se espalharem por outras áreas sociais mais amplas.

Surgem os J.O.N.S.

Num dos últimos números de A CONQUISTA DO ESTADO, correspondente a 10 de outubro de 1931, foi anunciada a próxima organização do J.O.N.S. (Juntas Ofensivas Nacional-Sindicalistas), e em artigo de seu diretor, posteriormente impresso como manifesto do novo grupo, foram indicadas as orientações e táticas das JUNTAS.

É assim que, mesmo sem ruptura de continuidade, está ligado ao jornal o nascimento da primeira organização conhecida em Espanha influenciada pelo fascismo: o J.O.N.S.

2. DA FUNDAÇÃO DO J.O.N.S. AO APARECIMENTO DE EL FASCIO

Nove jovens querem salvar Espanha | O líder marxista Fernando de los Ríos descobre o feixe de flechas e o jugo | O grupo Valladolid | Os tempos difíceis. Atmosfera glacial ao redor | Uma conferência ressonante | A insurreição de 10 de agosto | Uma situação favorável | O aparecimento do FÁSCIO

Nove jovens querem salvar Espanha

Dissemos que nos últimos números de A CONQUISTA DO ESTADO a organização do J.O.N.S. Na verdade, surgiram para que, quando o jornal desaparecesse, vítima da repressão policial, não se difundissem os vários grupos juvenis que, em Madri e nas províncias, pareciam influenciados pela sua propaganda.

O J.O.N.S., em seu nascimento, reuniu a experiência de A CONQUISTA DO ESTADO, e em seu programa de manifestos já contava com uma linha mais segura e firme do que aquela que norteou as campanhas iniciais do jornal.

Encontraram a sua denominação nacional-sindicalista, um conceito que apareceu neles pela primeira vez, mais tarde retomado em Portugal por Rolão Preto no seu esforço fracassado para criar uma organização fascista.

Claro, o nascimento do J.O.N.S. Para os seus fundadores, significa abandonar a tática de abordagem às tentativas subversivas dos sindicalistas. Desejo de criar sua própria doutrina. Querem a unidade intangível de Espanha. Eles postulam respeito pela tradição religiosa. Chamam preferencialmente os jovens, só admitindo espanhóis com menos de quarenta e cinco anos. Expressam a sua incompatibilidade radical com o marxismo. E apresentam uma exigência imperativa de uma revolução socioeconômica, baseada na sindicalização obrigatória, na intervenção nacional da riqueza e na plena dignidade dos trabalhadores.

O espírito do J.O.N.S., embora respondesse a uma profunda agitação social, a uma atitude nacional-sindicalista, continha certas concessões ao que poderia ser chamado de espírito da direita e, em parte, para derrotar o marxismo, procurou apoio na sua mídia necessária.

Porém, no seu propósito mais íntimo e verdadeiro, o J.O.N.S. Queriam captar a rápida desilusão da Revolução de Abril, a fraude que o seu desenvolvimento significou para a juventude e para a verdadeira libertação social do povo.

A data de apresentação dos primeiros estatutos Jonsistas na Direcção de Segurança é 30 de Novembro de 1931.

Os fundadores, à data da aprovação dos estatutos, não chegavam a dez. Nove camaradas estiveram presentes na assembleia constitucional, para surpresa do agente da autoridade, para quem aqueles nove jovens pareciam, sem dúvida, muito pouco valiosos para iniciar a salvação da Espanha.

A denominação de Juntas Ofensivas Sindicais Nacionais (J.O.N.S.) foi proposta por Ramiro Ledesma. O feixe de cinco flechas atravessadas por uma canga foi adotado como emblema jonsista. Este foi um grande sucesso, porque além da sua simplicidade geométrica e beleza, está ligado aos momentos históricos em que Espanha alcançou a sua unidade e simboliza perfeitamente os slogans fundamentais do Jonsismo.

O líder marxista Fernando de los Ríos descobre o feixe de flechas e o jugo

Aliás, a escolha desse emblema contém uma anedota curiosa. Vários foram propostos. Alguns, um leão desenfreado. Outros, um sol com uma pata de leão dentro. Etc. Então, Juan Aparicio, que estudou Direito na Universidade de Granada, lembrou ao grupo que Don Fernando de los Ríos, o líder socialista, explicou um dia na sua cadeira de Direito Político uma lição sobre o Estado fascista, depois de fazer alusão, além do emblema litorâneo do machado e das jardas, desenhou no quadro-negro o feixe de flechas e a canga, dizendo que este seria o emblema do fascismo, caso tivesse nascido ou surgido na Espanha.

Foi unanimemente reconhecido por todos como o símbolo profundo e exato que era necessário. E esse tipo de intervenção, que corresponde ao professor marxista na descoberta de um magnífico emblema para os fascistas espanhóis, não é desprovida de interesse.

Pois bem, apesar de as flechas e o jugo constituírem o selo dos gloriosos Reis Católicos, e por isso aparecerem como emblema real, numa infinidade de edifícios da época, dá uma ideia do abandono em que o político, partidos e organizações tradicionalistas possuem os melhores símbolos da História Espanhola, pelo fato de ninguém compreender o significado do emblema adoptado. Aconteceu assim que o grupo de camaradas de Valladolid, cujos fundadores eram todos reacionários, ao receber o emblema de Madri, também o considerou algo estranho, apesar de no castelo da Mota, num pátio do famoso convento de San Gregorio , e em mais uma centena de locais históricos de Valladolid, há cangas e feixes de flechas em profusão.

O grupo de Valladolid

Após a fundação do J.O.N.S. em Madri, uma das primeiras cidades onde se desenvolveu a sua operação foi Valladolid. Ali foi publicado um jornal, o Libertad, que A CONQUISTA DO ESTADO saudou com simpatia num dos seus últimos números, porque embora se situasse então numa zona de extrema-direita, as suas páginas destacavam, no entanto, uma nova preocupação nacional, diferente daquela que geralmente existe na mídia de onde veio.

À frente daquele jornal, e à frente do grupo de Valladolid, estava Onesimo Redondo, um jovem não desprovido de talento, antigo discípulo dos jesuítas - com quem manteve contatos estreitos -, bom orador, cheio de ambições hispânicas e com verdadeira preocupação social pelos destinos e interesses do povo.

Este grupo não oferecia muitas garantias de fidelidade ao espírito e aos propósitos do J.O.N.S., uma vez que era composto, na sua maior parte, por antigas "Louises", e com uma formação totalmente reacionária. Mas Ledesma e os restantes fundadores Jonsistas, ansiosos por alargar o raio da organização e recorrer ao máximo de colaborações possíveis, na crença de que a formação Jonsista dos militantes chegaria mais tarde, não mostraram problemas em gerir a entrada deste grupo no J.O.N.S., oferecendo também a Onésimo Redondo um cargo na direção nacional do Partido.

Os tempos difíceis. Atmosfera glacial ao redor

Ao longo de 1932, a atividade do J.O.N.S. Foi quase zero. A organização estava completamente desprovida de meios financeiros. No mês de maio daquele ano, teve até que sair de sua casa em Madri, um modesto escritório que valia cem pesetas por mês na Avenida de Dato. Os inscritos eram menos de 25, e o Partido mal conseguia produzir algumas folhas de propaganda, cujo montante era suportado por aquele pequeno grupo, não sem grandes sacrifícios, pois eram todos pequenos funcionários, estudantes e trabalhadores. O endereço oficial das autoridades foi definido no escritório do militante Enrique Compte, na rua San Vicente. Mas as reuniões eram realizadas pelo grupo num pequeno café da Gran Vía, nas tardes de domingo.

Silenciosamente, porém, vários grupos foram criados nas províncias, baseados em antigos leitores de A CONQUISTA DO ESTADO, distinguindo o de Valência, organizado por Bartolomé Beneyto, e o de Zafra, formado com grande força, baseado em camponeses, por Bernardino. E, claro, o de Valladolid, ao qual já fizemos menção especial, que desenvolveu algumas lutas vitoriosas nas ruas, com a palavra de ordem jonsista de oposição ao Estatuto da Catalunha, então em discussão na Assembleia Constituinte.

Uma conferência retumbante

No dia 2 de abril daquele ano, porém, os Jonsistas organizaram um evento singular em Madrid: Uma conferência no Ateneo, liderada por Ramiro Ledesma, e com o título Fascismo versus Marxismo. A coisa era de uma audácia incomum. Considere o que o Ateneo é e representa. O centro era mais qualificado como inimigo das ideias que seriam defendidas pelo palestrante. E se não bastasse a oposição radical da maioria dos membros, uma grande representação do Partido Comunista reuniu-se na sala, com a intenção, presumivelmente.

Ramiro Ledesma compareceu ao Ateneo com seus 25 companheiros. A sala estava completamente cheia de inimigos. O chefe do J.O.N.S. Para maior seriedade, usava camisa preta e gravata vermelha, roupas que os Jonsistas pensavam adotar naquela época.

O evento foi, naturalmente, ressonante. O público, organizado e preparado para isso, interrompia o orador a cada segundo, e ele, renunciando à exposição fundamentada e discursiva do tema, dedicava-se exclusivamente a combater as ideias marxistas do público com as frases mais grosseiras. Foi, portanto, uma luta de um contra 2.000, e durou, porém, mais de meia hora.

A imprensa comentou amplamente o acontecimento. Aqui estão dois exemplos. O ABC disse no dia seguinte:

Ontem à tarde, no Ateneo, Dom Ramiro Ledesma Ramos proferiu uma palestra sobre este tema, vendo a sala lotada de gente, na qual ficou evidente um certo espírito de polêmica desde o início da dissertação.

O orador declarou-se porta-voz do novo partido J.O.N.S, afirmando que grande parte das ideias que pretendia apresentar não seriam bem recebidas pelo público. (Esta confissão inicial é recebida com grandes aplausos.) Acrescenta que vai falar contra os princípios informativos dos partidos políticos da República, mas que não pode ser chamado de monarquista porque não o é. Ele vai combater as influências marxistas, colocando-as contra o fascismo. (O orador veste uma camisa preta e exibe o tom violento de uma gravata vermelha.) Ele censura a violência marxista que arruinou as democracias. Que eles mataram o patriotismo. Que especulam sobre a fome das massas. O marxismo é antinacional e desaloja da alma das classes populares o sentimento que mais diretamente lhes corresponde: a fidelidade à Pátria. O marxismo é o inimigo declarado da nação. Destrua a nação. Apresenta a adesão à Pátria como um disparate burguês. Somente no subconsciente – ou melhor, na consciência – de um judeu como Marx poderia ser forjada a destruição dos valores nacionais, garantindo a colaboração das massas.

Explicou as características peculiares do Estado fascista, descrevendo-o como totalitário, ou seja, requer colaboração ativa nas tarefas do Estado, e não apenas passividade respeitosa. "Há algo onde o espírito crítico e a frivolidade da inteligência individual devem parar: diante da majestade do Estado. Somente contra um Estado artificial, antinacional, detentor e incapaz, é lícito e obrigatório tornar-se indisciplinado. "Não há espaço na vida do Estado nacional para dissidência contra o Estado." (Cada declaração do orador é saudada com início de alvoroço entre setores de ideologias diferentes.)

O orador continua afirmando que a violência dos vermelhos deve ser combatida com violência semelhante.

O clima de contradição em que decorre a conferência agrava-se e um membro do Conselho de Administração intervém pedindo calma para que a dissertação possa evoluir.

Mas como não consegue silenciar para que o orador possa ser ouvido, ele desiste de terminar o seu discurso, convidando aqueles com ideias opostas a argumentar noutro lugar.

O Socialista, não sem séria preocupação, escondida no seu tom irónico, dedicou um editorial à conferência. Aqui está:

"Uma camisa negra e nela o grito violento de uma gravata vermelha." Esta combinação lucífera nada mais é do que um espantalho contra Marx, embora o espantalho, numa vitória absurda contra toda a liberdade e razão, afirme o seu poder por onde passa. Isto não legitimará a sua origem nem estabelecerá a legalidade da sua existência. O preto é uma reação extrema, e o vermelho também é usado por aqueles que se autodenominam os últimos da esquerda; ambos os extremos unem-se contra Marx; eles não representam a nossa declaração, nem pretendem expressar outra coisa senão o seu ódio comum. Ódio é quem amarra aquela gravata vermelha naquela camisa preta. Nós, socialistas, explicamos perfeitamente esta toalete. Quem usa merece. As nossas bandeiras, simplesmente vermelhas, nada têm a ver com os estandartes abássidas ou com os véus inquisitoriais.

A fraternidade universal e a união dos proletários de todos os países para a afirmar, Marx não está perdoado por aqueles que não compreendem a vida do Estado se esta não for limitada e ajustada dentro da fronteira; e alimentado, além disso, pela suspeita externa e pelo egoísmo interno. Isto é chamado de "patriotismo" por aqueles que, nesse caminho, empurram o seu país para a guerra e a ruína. A guerra também não é marxista, mas é consequência de um nacionalismo exagerado. O fato é que a humanidade, inteligente e dona do seu ritmo, não é explorada nem tiranizada; mas, dividida em compartimentos estanques, é muito diferente. As grandes burguesias são, portanto, fascistas; e a atração da grandeza nacional, os destinos da raça e o exemplo de Júlio César são os melhores fundamentos líricos do bom nacionalismo. Para isso, não é necessário ser monarquista; você pode ser um republicano, como Catilina, e até um democrata, como Napoleão, antes de sua coroação. Com tais atitudes e considerações, qualquer ator contradiz Marx e dá-se a ilusão de que está a destruir o internacionalismo. Contudo, resta um sentido econômico a superar: a evidência da exploração do homem pelo homem tem uma força tal que é invencível; e é por isso que não é negado nem evitado: é aceita, roubando-o ao próprio Marx. É a razão da gravata vermelha na camisa preta; e a combinação é chamada de nacional-sindicalismo. Chamamos de comediante alguém que explica e proclama isso, e não há ofensa nisso, porque o cerne do sermão que ele prega é uma comédia. Os homens, notemo-lo com pesar e vergonha, também foram oprimidos e governados por comediantes desejáveis e por vezes

assustadores; mas sempre tiranos; e o que é terrível são os tombos históricos que às vezes levam as pessoas a farsas injustas e sangrentas.

Uma conferência no Ateneu, afogada em insultos e punhos, inspira-nos com o que dissemos. Trata-se de afirmar a condição férrea do Estado imperial: o monarca ataca, mas o sentido importa; e o sentimento nacional está entusiasmado com a tensão máxima. O inimigo é Marx; mas Marx provou estar certo devido a um fracasso histórico. A história é realidade; O raciocínio para chegar a um fato histórico é muitas vezes cômico; e nisso, quantas vezes uma frase feliz salva uma situação e traz sucesso! Por que então não derrotar Marx com uma frase? Aí vai a frase, por exemplo: "Somente na mente de um judeu como Marx o internacionalismo pode ser forjado..."

Por que não responder-lhe: "Só no coração de um judeu como Jesus poderia caber o cristianismo?"

É verdade que todos estes, no fundo dos seus corações e pensamentos, são repugnantes para os dois judeus: Marx e Cristo. São de linhagem romana, como Pôncio Pilatos e Polichinela.

Além dos gritos e dos protestos verbais, os comunistas não desenvolveram nenhum outro tipo de violência. No entanto, houve algumas batidas. O estudante jonsista Luis Batllés deu um duro golpe num comunista, justamente aquele que mais se destacou no seu vocalismo, e que, aliás, aderiu ao fascismo anos depois. Luis Batlleés, enquanto fugia, bateu a cabeça no vidro da porta, ferindo-se, e os guardas o detiveram. Não houve mais incidentes.

A insurreição de 10 de agosto

Em agosto ocorreram as jornadas insurrecionais de Sanjurjo. Naturalmente, o J.O.N.S. Ficaram à margem, nem um pouco à margem, desse episódio, protagonizado pelos monarquistas em aliança com o sector republicano inimigo do Governo Azaña, e de facto histórico para se opor tanto ao Estatuto da Catalunha como ao reforma agrária e outras leis sociais.

Ledesma foi, no entanto, preso. Ele foi mantido na prisão por cerca de vinte dias e libertado sem que ninguém anotasse seu depoimento.

Como resultado do 10 de Agosto, a ação política subsequente, e ainda mais para organizações fracas e nascentes como o J.O.N.S., foi muito difícil. Em Valladolid, parece que os Jonsistas, ou pelo menos alguns deles, estiveram de alguma forma ligados aos acontecimentos, e Onésimo Redondo emigrou para Portugal, onde permaneceu catorze meses. A sua ausência de Valladolid também significou a palidez da secção. O mesmo pode ser dito dos outros grupos. Também em Madrid e no resto de Espanha, a atividade do J.O.N.S., durante o semestre seguinte aos acontecimentos de Agosto, foi absolutamente inexistente.

Uma situação favorável

No final de janeiro de 1933, Ramiro Ledesma foi preso para cumprir pena de dois meses por um artigo publicado há quase dois anos contra o separatismo catalão.

Poucos dias depois de estar na prisão, no dia 30, Adolf Hitler tomou o poder na Alemanha, o que causou enorme convulsão política em todo o mundo.

Em Espanha, este acontecimento coincidiu com o momento em que o Governo Azaño-Marxista entrou, depois de Casas Viejas, na sua fase de decomposição. Assim, ocorreu uma formidável mudança de clima na política espanhola, da qual o Jonsismo aproveitou para iniciar o seu período de crescimento.

Até então, isso se devia em parte às ilusões que a atitude supostamente enérgica e nacional de Azaña suscitava em muitos, em parte pela dificuldade de que, sob um regime de origem revolucionária, no seu período de ascensão e constituinte, se organizassem e atuassem forças radicalmente inimigas. A empresa do J.O.N.S. foi necessariamente um propósito ilusório.

No próximo capítulo falaremos da expansão, crescimento e consolidação definitiva do movimento Jonsista ao longo do ano de 1933, desde o mês de março.

O aparecimento do FÁSCIO

Revisaremos agora um episódio que teve bastante ressonância e ao qual corresponde, naturalmente, neste livro, uma alusão um tanto extensa. Referimo-nos ao aparecimento do El Fascio, um semanário que publicou apenas um número, recolhido quase na sua totalidade pela polícia.

O episódio é sintomático, mas na realidade foi uma vantagem formidável que o Governo suspendesse aquela publicação, o que, no meio de alguns sucessos, representou uma posição muito falsa e errônea para o movimento nacional. (Por exemplo, o seu próprio nome, El Fascio, um título que nada tinha a dizer à alma espanhola, foi a primeira contradição séria.)

A ideia de fundar El Fascio corresponde inteiramente a Delgado Barreto, então, e creio que ainda hoje, diretor de La Nación. Ocorreu-lhe, naturalmente, em vista do triunfo de Hitler, quando a enorme massa espanhola, que começava a concordar com o governo Azaña, testemunhou com admiração as façanhas do fascismo alemão.

Delgado Barreto, com o seu olfato formidável de jornalista Garduño, viu claramente que, num momento como este, num ambiente como aquele, se um semanário conseguisse concentrar a atenção e o interesse das pessoas pelo fascismo, estava garantida uma tiragem de 100.000 exemplares. Barreto não se enganou nesta avaliação. Ele era um homem que possivelmente não tinha nada além de ideias muito básicas e até falsas sobre o fascismo; mas conhecia perfeitamente a arte de fazer um jornal fascista para o lojista da esquina, para o homem da rua. O que é, claro, um valor.

Sem dúvida, José Antonio Primo de Rivera já estava atrás de Barreto. Não se esqueçam das relações de Delgado Barreto com o general. E agora, diante do empreendimento fascista, atuou de acordo com os propósitos políticos de seu filho, José Antonio, que nesta época começou a sonhar com um partido fascista do qual seria o líder. No entanto, Delgado Barreto já nessa altura dava a impressão de não estar dominado pela fé absoluta na capacidade de José António, e com muita prudência evitou jogar tudo a favor da exclusividade deste.

Foi formado um conselho editorial, para o qual foram necessários Jonsistas. Concordaram com muita relutância, porque ficaram verdadeiramente horrorizados com o título do jornal e porque não viam garantias de que este não se tornaria numa toca de coelho reaccionária. Mas a vontade de valorizar o seu trabalho e de popularizar ao máximo o movimento Jonsista prevaleceu sobre tudo, e eles aceitaram entrar naquele Conselho, embora sob o compromisso de que eles, os do J.O.N.S., redigiriam dois planos, que de certa forma exclusivamente estariam com integridade dedicados ao Jonsismo.

O Conselho Editorial, além do diretor, que era Barreto, era integrado por: Giménez Caballero, Primo de Rivera, Ramiro Ledesma, Sánchez Mazas e Juan Aparicio.

Antes de seu lançamento, El Fascio foi amplamente divulgado. Isso fez com que as reações das pessoas pudessem ser percebidas e também que as encomendas dos correspondentes aumentassem dia a dia, ultrapassando no último minuto os 130 mil exemplares.

O Governo mostrou-se muito preocupado com esta realidade. Mas ainda mais do que o Governo, os socialistas, para quem uma produção tão flagrante e nua de um jornal fascista, apenas um mês e meio depois de a social-democracia alemã ter sido derrotada por Hitler, pareciam intoleráveis.

Ao mesmo tempo que aumentavam as expectativas do povo, crescia a preocupação do Governo, que se preparava para mobilizar o seu aparelho policial.

Nisto, de forma precipitada e espectacular, reuniram-se os dirigentes do partido socialista e da U.G.T. O acordo consistia em anunciar que ambas as organizações estavam dispostas, por si mesmas e com todas as suas forças, a impedir a publicação e venda de El Fascio, se as autoridades não avançassem e o suspendessem governamentalmente.

O trabalhador estava pronto e preparado para enfrentar qualquer vendaval. Claro que, e depois da atitude coerciva dos socialistas, a intervenção do Governo era certa, sendo muito provável que prendesse mais dois importantes editores. Na véspera da partida só faltava uma peça a Sánchez Mazas, um homem aparentemente não dotado de heroísmo, que, apesar da inclemência da tempestade, com várias desculpas, não se lembrou da peça e foi falecido no fatídico dia em Escorial.

Giménez Caballero desenvolveu um plano programático muito interessante, talvez demasiado severo, intelectual e árido. Primo de Rivera escreveu um artigo teórico contra o Estado liberal, que assinou com as iniciais E. Ledesma e Aparicio preencheu as duas páginas Jonsistas. E Barreto, prolífico jornalista, escreveu inúmeras páginas fazendo apelos, delineando uma futura organização, etc.

O Fascio surgiu no dia 16 de março e só podia ser vendido em um pequeno número de cidades. Ele foi rigorosamente detido pela polícia. Em Madrid, foi apreendida uma carrinha com mais de 40 mil exemplares.

Repetimos que foi uma grande vantagem que a aventura de El Fascio terminasse assim que nasceu. Isso o levou a uma segunda edição do antigo upetismo, o que, naturalmente, para aqueles que representavam um novo sentido nacional-sindicalista e revolucionário, teria significado o maior revés.

Teria representado também a renúncia de fazer do movimento algo próprio, algo da juventude nacional, com a sua doutrina, as suas táticas e os seus propósitos, de forma alguma desvinculada do passado e da carniça sobrevivente.

Os Jonsistas, à vista daquela gente, e depois de se regozijarem com a suspensão, regressaram às suas tendas, quando começou o seu melhor período para eles, o que os tornou indiscutíveis indicadores e guias do novo movimento.

Pela primeira vez conheceram Primo de Rivera, que, é justo dizer, não parecia muito satisfeito com aquela virgolancia de El Fascio, porque embora não tenha as qualidades de um líder, é um homem inteligente e com boas senso. Naquela ocasião, como em muitas outras, ele se deixou levar.

3. EXPANSÃO JONSISTA

A expansão Jonsista | A revista teórica mensal | Agitação e luta | A única presença Jonsista | Preocupação ofensiva e defensiva | O ataque aos escritórios dos Amigos da Rússia | O Governo Azaño-Marxista organiza um complô | Na prisão de Ocaña | Primeiras notícias do que eram planos para um tremendo ato terrorista | Limitações da Internacional | A caixa Festa, vazia | Tarefa e resultados da revista JONS | Os focos da organização Jonsista

A expansão Jonsista

O ano de 1933 é o verdadeiro ano do J.O.N.S. Durante ela, tornaram-se a bandeira inegável da juventude nacional, conduzindo-a às suas melhores lutas pela Pátria, pela libertação social do povo e contra o marxismo.

Como tal evento se desenvolveu e ocorreu?

Já dissemos que, no final de janeiro daquele ano, Ramiro Ledesma foi preso por causa de um artigo antigo. Ele ficou lá por um mês, até o final de fevereiro. Dissemos também que naquela altura a organização jonsista passava por uma vida débil, difícil, sem sucesso. Mas na prisão, Ledesma recebeu a visita de um grupo de dez ou doze estudantes, alguns deles ex-comunistas, que queriam colocar-se sob a sua liderança política e organizar o J.O.N.S. na Universidade.

À frente desse grupo, destacaram-se José Guerrero, Aparicio López e Ortega, três jovens de grande entusiasmo e atividade. Ledesma deu-lhes instruções para as primeiras tarefas, explicou-lhes brevemente as palavras de ordem do Jonsismo revolucionário e, como planeava estar livre dentro de poucos dias, agendou-as para então, a fim de estudar um plano para a emergência Jonsista na Universidade.

De facto, por volta do dia 10 de Março, devido a alguns motins estudantis, houve um grande alvoroço na Faculdade de Direito, em que os estudantes manifestaram em voz alta as suas filiações políticas, dividindo-se em dois grupos: um, que torcia pelo marxismo e cantava a Internacional, e outro, que torceu para o J.O.N.S., da Espanha e cantou hinos nacionais.

Após o confronto entre os dois, os Jonsistas permaneceram donos absolutos da Universidade. Na semana seguinte, já estavam inscritos no J.O.N.S. mais de quatrocentos estudantes de Madrid.

Foi necessário procurar um endereço. O Partido alugou então um terceiro andar na Rua Accord, 16, local que dificilmente poderia ser utilizado porque a Polícia intervinha constantemente e dificultava todo o trabalho. Tudo começou assim para o J.O.N.S. um período de vida semilegal, com toda a organização do grupo tendo que passar à clandestinidade.

Foi necessário procurar um endereço. O Partido alugou então um terceiro andar na Rua Accord, 16, local que dificilmente poderia ser utilizado porque a Polícia intervinha constantemente e dificultava todo o trabalho. Tudo começou assim para o J.O.N.S. um período de vida semilegal, com toda a organização do grupo tendo que passar à clandestinidade.

Face às grandes perspectivas que se abriam para o J.O.N.S., à medida que começavam a aderir grupos proletários além dos estudantes, o que dava ao Partido a verdadeira base inicial de que necessitava - estudantes patrióticos e nacional-sindicalistas -, Ledesma propôs-se a desenvolver o máximo de atividade.

A revista teórica mensal

No dia 5 de abril mudou-se para Lisboa, onde Onésimo Redondo, líder da secção de Valladolid, de quem já falamos, permaneceu no exílio. Ledesma estava firmemente determinado a acentuar o carácter nacional-sindicalista e revolucionário do J.O.N.S., pois viu que este era, para além da missão Jonsista, o caminho que conduziu à mobilização triunfante da juventude. Onésimo, com uma forte educação católica herreriana, apresentava um grande número de remanescentes de direita; mas, apesar disso, a sua filiação a formas patrióticas de signo social foi impecável.

Trocaram longas impressões em Lisboa, e Ledesma regressou a Madrid dois ou três dias depois, anunciando para o início de maio o aparecimento de uma revista teórica mensal que orientaria os esforços jonsistas. Foi a mais tarde conhecida revista JONS.

Com contribuições dos associados e alguns donativos, o Partido conseguiu angariar cerca de duas mil pesetas, com as quais cobriu as despesas de uma instalação clandestina, a factura do primeiro número da revista e a impressão de um grande número de folhas, manifestos e circulares, que as universidades espanholas semearam com propaganda nacional-sindical.

Muitos estudantes se lembram da chegada dessa propaganda aos centros universitários. Dois anos depois, nestas mesmas semanas em que escrevo, alguns deles, que hoje terminaram a carreira, falaram-nos da atenção e da emoção que a calorosa prosa patriótica e nacional-sindical dos primeiros manifestos jonsistas suscitou entre os estudantes.

O sucesso da primeira edição da revista JONS também foi enorme. Apesar do seu elevado preço para as economias dos estudantes e dos trabalhadores – uma peseta – foi vendido profusamente e rapidamente. Note-se que os J.O.N.S., nesta época da primavera de 1933, colocaram todos os seus esforços para conquistar a juventude universitária. Esse foi seu primeiro objetivo.

O sucesso da primeira edição da revista JONS também foi enorme. Apesar do seu elevado preço para as economias dos estudantes e dos trabalhadores – uma peseta – foi vendido profusamente e rapidamente. Note-se que os J.O.N.S., nesta época da primavera de 1933, colocaram todos os seus esforços para conquistar a juventude universitária. Esse foi seu primeiro objetivo.

Em todas as universidades surgiram grupos compactos de Jonsistas, com os seus líderes e triunviratos, de acordo com a organização hierárquica do Jonsismo. Valência, Granada, Santiago e Valladolid destacaram-se. Mas também se formaram núcleos em Saragoça, Salamanca e Barcelona.

Agitação e luta

Não passava uma semana sem que os estudantes jonsistas aparecessem e entrassem em conflito de alguma forma com aqueles ligados ao marxismo.

A venda na Universidade de Madrid do primeiro número da revista JONS provocou um conflito com graves consequências. O grupo Jonsista foi atacado pelos encarnados, e teve de se defender com grande violência. O camarada Fernando González, um menino de grande coragem, confrontou-os com uma pistola, ferindo gravemente um destacado antifascista e outros dois, mas não sem receber fortes golpes dos vermelhos com um chocalho.

Essas lutas inflamaram cada vez mais os companheiros estudantes, apesar das inúmeras prisões. Em Granada, onde os estudantes universitários Jonsistas contavam com um líder muito entusiasmado e móvel, Gutiérrez Ortega, os sucessos sucediam-se dia após dia. O governador multou-os em duas multas de mil pesetas, que todos conseguiram pagar com pequenas doações. El Defensor de Granada, um jornal local, escreveu com extrema indignação em 6 de maio, frases como estas:

O Governo da República, com evidente sucesso, proibiu a propaganda do fascismo em Espanha. Apesar de tal proibição, estes elementos organizam a sua propaganda, e na Universidade quase todos os dias manifestos do J.O.N.S. Isso cai diretamente no reino do intolerável.

Nestas linhas percebe-se a atitude repressiva do Governo, que obrigou o J.O.N.S., como dissemos antes, a uma acção semiclandestina; mas entenda bem, nunca segredo. A revista teórica era legal e tinha assinaturas, chefiada pelo destacado camarada Ramiro Ledesma. Mas mesmo a publicação da revista, apesar do seu aspecto teórico, apresentou grandes dificuldades, e retirar o selo do Governo Civil custou sempre batalhas.

Se o desenvolvimento do J.O.N.S. Nas universidades, em vez de começar em Abril e Maio, uma vez expirado o curso, realiza-se nos meses de Novembro e Dezembro, com seis meses de antecedência, a agitação Jonsista nos centros universitários teria alcançado ressonância no país e enorme significado.

No dia 30 de maio, e para pôr fim à agitação, o Triunvirato do Executivo Central - e com a assinatura de Ledesma, o único triunviro que atuou - publicou um manifesto aos estudantes jonsistas, que transcrevemos para que o espírito que presidiu às lutas :

CAMARADAS: O curso universitário está agora a terminar, e isso dispersa-vos pelas vossas províncias, devolve-vos ao círculo familiar, às velhas amizades e à calma das férias. Mas o Partido está a acompanhar os progressos e considera de grande interesse orientar a atividade dos camaradas estudantes nos próximos meses de verão.

Nas últimas semanas, a presença do J.O.N.S. como bandeira retumbante da juventude nacional. Junta-te a ele com fervoroso entusiasmo, pronto a alimentar os avanços do Partido na sua luta contra os inimigos da paz, da prosperidade e da grandeza de Espanha. Vocês levantaram vozes e gritos nacionais nos espaços onde até agora triunfaram a inconsciência traiçoeira e os abusos marxistas contra a Pátria. Você executou as palavras de ordem do Partido com determinação, coragem e tenacidade. Alguns, em Madri, com valor insuperável. Bom para os camaradas estudantes J.O.N.S.

Agora, a caminho das vossas cidades e vilas, confiamos-vos outro tipo de tarefas que exigem também o amor ao Partido, o cumprimento rigoroso da sua disciplina; mas diferem daqueles que até agora realizaste com honra, porque consistem em trabalho isolado, de recrutamento e de propaganda, em meios de comunicação social e em locais onde talvez hoje ainda se desconheça a própria existência do Partido.

O vosso dever como jovens e tenaz "jonsistas" é dinamizar o conhecimento doutrinário dos J.O.N.S., desenvolvendo um trabalho eficaz de recrutamento nos círculos familiares ou de amizade, onde passam as vossas férias. A Espanha deve ser plantada com núcleos dedicados ao Partido, fiéis à sua disciplina, que garantam em todos os momentos a defesa da nossa dignidade como espanhóis contra a barbárie e a traição das organizações marxistas. Que uma blasfêmia contra a Pátria nunca fique sem a resposta justa de um autêntico espanhol! Isto, camaradas, deve ser alcançado pelo nosso Partido, o único, como sabem, que de forma revolucionária e violenta nasce disposto a alcançar, custe o que custar, a grandeza e a dignidade de Espanha.

Devemos estar atentos, camaradas, ao espírito que informa o J.O.N.S., porque nesta área a confusão seria muito perturbadora e prejudicial. Somos uma organização de massas que precisa e busca o apoio moral e material do povo. Vamos em busca do PAÍS, do PÃO e da JUSTIÇA. Três coisas pelas quais o povo espanhol está faminto e exausto. Hoje, a Espanha é uma nação quebrada e as massas espanholas não têm pão nem justiça. Esta tremenda verdade é o que cabe a vocês difundir por todo o país, com a justa notícia de que uma bandeira de salvação e triunfo já aparece nas lutas políticas: a J.O.N.S. Conseguiremos tudo o que nos falta - a Pátria, o Pão e a Justiça - e o sangue Jonsista o garantirá numa batalha permanente contra aqueles que hoje ou amanhã negam aos espanhóis essas três conquistas supremas.

Entre em contato com os Triunviratos mais próximos, que irão orientá-lo e dar-lhe facilidades com base no seu cartão Party. Esperamos grande eficiência do seu trabalho.

Todos, então, para obter:

1) Que em Outubro haja núcleos Jonsistas poderosos nas vossas cidades e vilas.

2) Que os trabalhadores e a população rural conheçam os justos propósitos do Partido.

3) Que ninguém confie na democracia liberal-parlamentar como meio de aniquilar o poder marxista e alcançar a paz e a prosperidade nacionais.

4) Que todos os jovens nos quais existe o desejo de derrotar o marxismo percebam que isso é conseguido sendo ativos no nosso Partido, aceitando o nosso slogan de "revolução nacional espanhola contra a revolução socialista" e abandonando as organizações pacíficas das quais os Anciãos com jovens as máscaras recomendam cursos de paciência, prudência e sabedoria eleitoral.

5) Que o significado do Partido seja ampliado com cuidado e pureza, evitando as confusões com que hoje somos caluniados, e reafirmando tenazmente o nosso absoluto desdém para com as pessoas e grupos que se levantam fora do J.O.N.S. bandeira da reivindicação nacional, com espírito reacionário e esbanjador.

6) Deixe-os ser os J.O.N.S. que em todos os momentos e ocasiões desenvolvem a violência máxima contra a barbárie comunista.

Em suma, camaradas, recomendamos, como sempre, a necessidade de manter intransigentemente um espírito partidário firme e radical face a outros grupos, por mais semelhantes que possam parecer. Elevemos e glorifiquemos o nosso sentimento de facção, de partido ativo e militante, que gosta da verdade plena e imaculada.

VIVA O J.O.N.S.! VIVA A REVOLUÇÃO NACIONAL ESPANHOLA!

Pelo Triunvirato do Executivo Central, seu camarada Ramiro Ledesma Ramos.

Madri, 30 de maio de 1933.

Esta circular foi recolhida pela Polícia, o que fez com que poucos exemplares chegassem ao destino. Mas a dificuldade foi superada em algumas Universidades, como a de Santiago, de forma magnífica: os Jonsistas pregaram duas folhas na porta, formando então uma guarda permanente para que ninguém impedisse que fossem lidas por todos os alunos.

A presença exclusiva Jonsista

No mês de junho, e concluída a propaganda nas Universidades pela conclusão do curso, o J.O.N.S. a primeira trabalha para se tornar uma verdadeira organização lutadora.

Um detalhe de como o J.O.N.S. Naqueles tempos, estavam a ganhar personalidade, como revela o seguinte fato: os elementos da direita - agrária, Ação Popular, etc. - organizaram um comício para o dia da Ascensão na praça de touros de Valladolid, ao qual queriam dar grande ressonância. Seriam 30.000 espectadores, camponeses de Castela, e iriam discursar Royo Villanova, Martínez de Velasco e Gil Robles. Os jonsistas acreditaram que era uma boa oportunidade para influenciar aquelas massas camponesas, entregues de boa-fé à direita, e prepararam-se para comparecer no comício, não naturalmente de forma hostil, mas distanciados dos organizadores. Ledesma mudou-se para Valladolid por este motivo, já que naquela altura não havia líder próprio nesta secção, uma vez que Onésimo Redondo continuava no exílio de Portugal.

O acontecimento, devido à grande propaganda que o precedeu, teve pendente a atenção de toda a Espanha, e o Governo hesitou em suspendê-lo ou não, sob pressão das organizações trabalhistas socialistas que ameaçavam com uma greve. Finalmente, horas antes, o ministro do Interior, Casares Quiroga, decretou a suspensão, e em declaração aos jornalistas - no dia 25 de maio - afirmou que isso se devia “ao fato de o ato ser fascista, já que se confundiram e pensei que os do J.O.N.S.

Preocupação ofensiva e defensiva

Além de penetrar em áreas sociais mais amplas, o Partido preocupava-se em alcançar uma capacidade efetiva de violência, tanto porque a ação direta e a ação revolucionária constituíam um dos postulados táticos do Jonsismo, como devido à sua própria necessidade defensiva elementar.

No final de junho, esses propósitos foram resolvidos em Madri. Ramiro Ledesma, com um efetivo tenente, o camarada Ramón Ruiz, conseguiu organizar e selecionar uma centena de militantes, em patrulhas de cinco, o que ofereceu todas as garantias desejáveis para a ação. Havia, portanto, vinte grupos, alguns deles com um ímpeto formidável e um poder agressivo. Todos os seus membros eram estudantes, jovens funcionários e ex-legionários de África. Estas três origens estavam muito niveladas nos grupos e eram evidentemente as mais adequadas para a sua função.

Soma-se a esta qualidade o fato de quase todos terem atuado pela primeira vez numa organização política, sendo, portanto, desconhecidos como tal na Direção de Segurança. Eles se reuniam uma vez por semana, em grupos. Os jardins da Plaza de España foram o local preferido, pela sua amplitude e caráter central.

O sucesso de tal organização não demorou muito para se tornar visível. Como já estávamos em meados do verão, a atenção do Partido residia realmente inteiramente nestes grupos, uma vez que a grande maioria da sua base militante estava deslocada e a data não era muito oportuna para propaganda.

O ataque aos escritórios dos Amigos da Rússia

No dia 14 de julho, uma dessas patrulhas joanistas realizou um acontecimento que teve grande repercussão e preocupou consideravelmente o Governo. Os deputados da maioria Azaño-Marxista, com grande nervosismo, mostraram e comentaram o acontecimento como prova do poder fascista, e pediram graves sanções.

A coisa era assim:

No dia 14, às onze da manhã, três indivíduos entraram, de arma em punho, no escritório que os intitulados Amigos da União Soviética haviam estabelecido na Avenida Dato, número 9.

Foi um dos muitos centros e associações que os comunistas criaram, sob o pretexto de cultura e admiração apolítica pela URSS, sendo na realidade centros de agitação e propaganda bolchevique.

Parece que os Jonsistas sabiam que naquele gabinete havia importante documentação sobre o plano para o dia comunista do próximo 1 de Agosto, bem como um magnífico arquivo e provas dos propósitos da Internacional Comunista em relação à Espanha.

O ataque foi realizado com perfeição e audácia insuperáveis. Os Jonsistas eram violentos, mas sem derramamento desnecessário de sangue. O conhecido líder comunista e professor Wenceslao Roces e uma secretária estavam então dentro do escritório. Ambos foram amarrados a cadeiras e amordaçados por dois dos agressores, enquanto o terceiro apreendeu todo o arquivo, arquivos e documentação oficial da entidade, além de pulverizar todos os móveis.

Não devemos esquecer que o escritório dos Amigos dos EUA. Ficava no terceiro andar, com acesso perigoso por uma escada bastante estreita, e na casa há mais de uma centena de escritórios. Sem que se saiba exatamente qual a patrulha jonsista que executou o incidente, uma versão detalhada do mesmo, bem como de todos os seus incidentes, circulou no Partido naquelas semanas. Parece que, enquanto destruíam os móveis e amarravam os que estavam dentro, o líder comunista Roces murmurava protestos, intercalados com frases de verdadeira preocupação religiosa, como: "Oh, meu Deus, estes são fascistas e estão nos matando!" Não lhes causaram, porém, o menor mal, exceto pelo formidável susto das pistolas no peito, pressionando-os com força caso iniciassem a menor tentativa de gritar.

O plano para o dia 1º de agosto foi, de fato, acertado. Documentação também de extrema importância, posteriormente utilizada pelo Partido.

Tal acontecimento, repetimos, obteve grande ressonância, tanto pela audácia dos cineastas como porque revelou que tinham por trás deles uma organização forte e poderosa.

O jornal Ahora, no dia seguinte, dia 15, publicou, tal como a restante imprensa, uma nota que revela o que dissemos. Aqui está:

Após a sessão, dirigiram-se ao gabinete dos ministros do Congresso, onde se reuniram com o senhor Casares Quiroga, os deputados Srs. Hidalgo, Gomáriz, Menéndez (Don Teodomiro) e Balbontín, e os Srs. os EUA Como afirmou Don Diego Hidalgo ao sair, fizeram com que o Ministro do Interior visse que a atitude com que o J.O.N.S. É uma questão puramente política e é necessário acabar com este surto fascista.

A Polícia começou a agir freneticamente. Altas autoridades governamentais exigiram a prisão rápida dos perpetradores. Durante uma semana, mais de cem pessoas foram detidas por suspeita de participação, e posteriormente tiveram que ser libertadas por não serem reconhecidas pelos agredidos. Entre essas centenas, apenas havia dois Jonsistas, o que comprova o facto que referimos anteriormente, de que os militantes do J.O.N.S., por serem jovens e não figurarem nos livros de filiação ou em qualquer lugar, eram nesses casos quase impossíveis de identificação.

Como não conseguiram encontrar membros do J.O.N.S., os agentes detiveram todos aqueles que apareciam na Direcção de Segurança como direitistas activos e qualificados. Sticks cegos autênticos.

O Governo Azaño-Marxista organiza um complô

O então Ministro do Interior, Casares Quiroga, face à agitação ocorrida, encarregou o Diretor de Segurança, Sr. Andrés Casaux, de lhe apresentar no prazo de três dias um dossiê sobre a verdadeira realidade e situação das forças fascistas.

Digamos aqui, em breves linhas, que naquela época, além do J.O.N.S., existiam outros grupos que se autodenominavam "fascistas", seguidores do jornal El Fascio, que faleceram, como vimos, no mesmo dia em que foi nasceu, e que se dedicaram infantilmente a espalhar pequenos folhetos e panfletos, com uma escrita bastante ingênua, que circularam amplamente por Madrid e pelas províncias. Estas obras já eram dirigidas por Primo de Rivera e Ruiz de Alda, circulando tais folhas entre antigos elementos ligados à ditadura, soldados reformados e proprietários de terras nas províncias. Em todo o caso, a sua actividade reduzia-se a isso, à distribuição de folhas, que tinham uma caixa com as iniciais F.E. (Fascismo Espanhol).

Pois bem, a Direcção de Segurança apresentou o "dossiê" ao ministro e, como resultado disso, em satisfação dos protestos e do medo que o ataque aos Amigos da Rússia tinha causado nos sectores marxistas, numa bela manhã os jornais que Acabava de ser descoberta uma terrível conspiração fascista contra o regime, na qual a F.A.I., a J.O.N.S. e os fascistas. Nada menos.

Mais de 3.000 prisões foram feitas em toda a Espanha, de 19 a 22 de julho. Escusado será dizer que os verdadeiros autores do ataque, causas diretas de toda aquela comoção, não foram presos.

Veja as manchetes da imprensa daquela época:

Dia 23: Há receios de uma conspiração contra o Governo na madrugada?

Dia 25: A trama, abortada.

Dia 26: Aparentemente, trata-se de destruir uma organização de tipo fascista em seus primórdios.

Essas manchetes são retiradas do jornal Ahora e, claro, a última delas revela claramente o caráter imaginário e repressivo de tal trama.

Na prisão de Ocaña

Houve uma seleção de crianças em Madrid e à noite, três dias depois, em carros celulares, partiram cerca de noventa metros quadrados para a prisão de Ocaña. Dê-lhes, quarenta e anarquistas, o pai social-Cristão Gafo, e o resto, um conglomerado de monarquistas, fascistas de Primo de Rivera e do grupo J.O.N.S. Entre estes últimos, Ramiro Ledesma, o secretário editorial da revista JONS, Juan Aparicio, e o ex-militante Enrique Compte.

A famosa trama foi, portanto, o anarco fascista-jonsista. Os propósitos do Governo não foram nada difíceis de descobrir. Pensou em transformar a prisão de Ocaña num verdadeiro campo de concentração para os seus inimigos políticos. Isso é comprovado pelo fato de que dias antes de ser enviado, o diretor dos presídios descobriu se ali poderiam permanecer 2.000 detentos.

O Governo, hesitante, não se atreveu a fazer isso. Não esqueçamos que isto ocorreu quatro ou cinco semanas antes de a situação de Azaña cair. Assim, passados oito dias, chegaram à prisão alguns magistrados, que libertaram os anarquistas e o Padre Gafo, processando todos os outros por um crime raríssimo e não sei se é conhecido pelos juristas, o de "conspiração punível" .

A vida na prisão de Ocaña não deixou de ter perfis divertidos. Os anarquistas são, em geral, pessoas sociáveis, e não se importam em conversar e raciocinar mesmo com seus maiores inimigos. Pode-se dizer que os 41 que ali estiveram eram os Faístas mais destacados de Madrid, Melchor Rodríguez, os irmãos González Inestal, etc.

O espírito de grupo só era perceptível nos anarquistas e nos J.O.N.S. Nos demais, detidos como direitistas, avistava-se um pitoresco guirigay. Eram pessoas diversas, com nenhum ou muito pouco vínculo partidário. Destes, cerca de doze pertenciam à organização que Primo de Rivera tentava fundar naquela época, com o nome - parece que nos lembramos - de M.E.S. (Movimento União Espanhola). O resto eram direitistas indefinidos, monarquistas, ex-sindicalistas livres, albiñanistas (destes, o secretário particular de Albiñana, Felipe Simón, um cara bom) e um conhecido pistoleiro livre, León Simón. Este foi o único com quem os anarquistas não conversaram.

"Ele assassinou muitos dos nossos companheiros", disseram uns aos outros, referindo-se a este último Simão.

Entre os homens de Primo de Rivera estava José Gómez, ex-motorista de confiança do general. Parecia muito fiel e admirador do filho de José Antonio e, embora bastante rude, ainda demonstrava boas qualidades militantes. Elevou o moral de muitos de seus companheiros, que, pouco ou nada habituados à perseguição política, frequentemente ficavam deprimidos, iniciando altercações e brigas entre si. Havia entre eles, por exemplo, um valenciano que reclamou à organização não sei quantos milhares de pesetas pelos transtornos - disse - que a sua permanência na prisão lhe causou, e reclamou-as à pessoa que o recrutou para o partido Primorriverista, eu acho, do que um senhor Marquina, ex-toureiro.

Tudo isto, presenciar isto, foi muito divertido para os jonsistas.

Primeiras notícias do que eram planos para um tremendo ato terrorista

Lá também estava um sujeito de algum interesse, ex-servo ou criado de Alfonso XIII. Acho que o nome dele era Alonso. Contou a dois ou três companheiros de prisão, com quem ganhou confiança, um fato, talvez até hoje que vamos contar aqui, absolutamente desconhecido, e que poderia ter tido consequências históricas incalculáveis.

Sabe-se que, após a chegada da República, muitos dos antigos servidores do Rei continuaram nos seus cargos durante alguns meses, residindo no Palácio e aí prestando serviços. Pois bem, um dos primeiros banquetes oficiais, realizado pelo Governo Provisório da República na sala de jantar de gala do Palácio, foi servido pelos próprios servidores do Rei.

Quando souberam disso oito ou dez dias antes da data, começou a surgir em sua imaginação a ideia de preparar uma terrível vingança contra aqueles que os haviam derrotado e expulso da Espanha, como fiéis servos dos Reis.

Julguem a imprudência do Governo Republicano, entregando-se indefeso às reacções ressentidas dos antigos servos do Rei, para quem aqueles ministros eram pouco menos que representantes directos de Lúcifer.

Pois bem, os cinco ou seis mais exaltados organizaram um plano, que foi posteriormente aprovado pelos demais companheiros. Baseava-se no conhecimento exato que tinham do interior do Palácio e na situação, aparentemente isolada, dos guardas que ocupavam a sala de jantar de gala.

Eles estavam pensando em desligar os sinos e, a um sinal, armas em punho, os vinte e cinco ou trinta servidores, ajudados por alguns elementos estranhos anteriormente introduzidos, obrigam os comensais a descer uma escada que conduz, quase sem se darem conta, a um fosso interior. Trouxeram as pistolas para dentro do Palácio e traçaram perfeitamente o plano, que "não foi posto em prática", disse ele, "devido à deserção de três ou quatro assustados", o que deprimiu os demais e, aparentemente, os assustou também. (É claro que isto não deveria ser muito surpreendente, pois não devemos esquecer que eram empregados, empregados domésticos e, claro, o ato monstruoso que tramavam teria exigido - não foi o ato terrorista mais sinistro da história ? - para sua execução um sangue-frio e uma audácia não típica dos manobristas.)

Restrições da Internacional

Ao sair de Ocaña, chegou ao J.O.N.S. A notícia de que a Internacional Comunista, muito indignada com o ataque aos Amigos da Rússia, exigia retaliação imediata e severa, com a ameaça, caso contrário, de cortar subsídios. Por esta razão, um grupo de comunistas seguiu durante algum tempo os líderes Jonsistas, procurando uma oportunidade para assim descarregar as suas armas, mas sem encontrar oportunidade, muitas vezes atacaram ou destruíram os nossos líderes.

A caixa do Partido, vazia

O movimento Jonsista tinha então, e pode-se dizer que sempre teve, uma grave dificuldade: a sua absoluta falta de meios financeiros. Não se esqueça do seu carácter de organização combativa e minoritária, na qual, portanto, as receitas provenientes das quotas eram necessariamente muito pequenas. Além disso, notou-se a necessidade de difundir propaganda, de os líderes viajarem, de "equipar" os grupos, de criar, se possível, uma imprensa.

Nessa situação, assim que saiu da prisão de Ocaña, Ledesma fez uma viagem a Bilbao e San Sebastián, onde tinha alguns amigos, que o conheciam e estimavam desde a publicação de A CONQUISTA DO ESTADO. Lá ele conseguiu que meia dúzia de jovens da alta burguesia conseguissem alguma ajuda financeira para o J.O.N.S. Arrecadaram cerca de 10.000 pesetas, um valor não muito elevado, mas que colocou o Partido no controlo, permitiu-lhe ter um grande espaço e aumentou muito o ritmo da propaganda.

* * *

No final de agosto, Ledesma dirigiu-se a San Sebastián, onde passaram o verão os elementos que, fora e longe do J.O.N.S., tentavam organizar uma força fascista há alguns meses: Primo de Rivera, Ruiz de Alda e Valdecasas. Teve uma longa entrevista com os três, à qual também compareceu José María Areilza. (Um jovem engenheiro de Bilbau, amigo íntimo de Ledesma, com grande sensibilidade nacional e capacidade política.)

Durante os meses anteriores, o relacionamento do J.O.N.S. com os projetos daqueles elementos a que nos referimos era muito escasso. Os Jonsistas não acreditavam na seriedade do seu trabalho, nem lhe atribuíam muita importância.

Naquela entrevista em San Sebastián, Ledesma pôde perceber que ainda estavam dispostos a organizar alguma coisa, e que certamente estavam muito ansiosos para contar com os Jonsistas. Mas ele também percebeu que eles oscilavam entre grandes hesitações, que seus planos eram excessivamente frios e calculados e, acima de tudo, que estavam determinados a não divulgar seus propósitos até que ocorresse a queda de Azaña. Ledesma talvez tenha sido muito intransigente com eles, trancando em sua trincheira J.O.N.S, e só os viu novamente dois meses depois, após a realização do comício da Comedia.

Ao regressar a Madrid, e nas vésperas de retomar a normal ação política depois do Verão, os Jonsistas prepararam-se para aumentar a extensão do Partido. No mês de setembro, pode-se dizer que todos os focos da organização estavam prontos para realizar intensa atividade. Foi então que ele se juntou ao J.O.N.S. um grupo compacto de sindicalistas, desiludidos com a C.N.T. e desejoso de uma disciplina nacional, de uma bandeira nacional-sindicalista.

A revista mensal duplicou a sua circulação e surgiram semanários jonsistas em várias províncias, o que divulgou a sua doutrina e contribuiu para alargar a base do Partido.

Em outubro, ocorreu um acontecimento de extrema importância na política nacional: a dissolução das Cortes Constituintes. Novas Cortes foram convocadas e a Espanha entrou, portanto, num emocionante período eleitoral, em que o J.O.N.S. não teve nada a ver, tanto pela sua natureza de organização incipiente e jovem, como pelo seu distanciamento relativamente à ação parlamentar.

Durante os incidentes eleitorais, porém, e dentro de uma sala onde se realizava um comício socialista, um camarada, Ruiz de la Hermosa, um Jonsista de Daimiel, foi morto. Nesta cidade de La Mancha, e graças à atividade dos irmãos Galiana, dois jovens entusiastas, leitores de longa data de A CONQUISTA DO ESTADO, organizou-se um magnífico grupo do J.O.N.S. caminho.

As eleições distrairam a atenção do país durante dois meses. Durante este tempo, os Jonsistas reforçaram a coesão dos seus grupos, reforçaram a sua disciplina e aperfeiçoaram a sua formação teórica.

Tarefa e resultados da revista JONS

A revista mensal JONS cumpriu de forma magnífica a sua missão orientadora. A sua coleção - foram publicados 11 números e durou um ano e meio, tendo sido suspensa governamentalmente duas ou três vezes - é hoje a única referência teórica e a única fonte onde aparecem explicados os slogans do Jonsismo.

Pode-se dizer que o movimento Jonsista saiu integralmente da revista. Nela surgiram tanto o vocabulário como as ideias, os gritos e a bandeira que sobreviveram a todas as aventuras internas do Partido, e que hoje constituem a única substância sugestiva, fresca e nova, incorporada pelos grupos fascistas.

Apesar do seu carácter mensal e teórico, cumpriu também uma missão de agitação, utilizando um estilo polémico, direto e combativo.

Aqui está a apresentação que Ledesma fez, no início de seu primeiro número:

O J.O.N.S. Eles lançam a sua revista teórica, isto é, as suas razões polémicas contra aquelas disponíveis e geridas pelo inimigo. O Partido dará assim à juventude nacional espanhola uma linha de firmeza incontestável. Não apenas o slogan certo, a ordem eficaz e o grito ressonante, mas também as razões, o sistema e as ideias que alcançam prestígio e profundidade para o nosso movimento. A revista JONS não será um retrocesso para o Partido, um derivado que suplanta e substitui nas nossas fileiras o impulso elementar e violento, a coragem revolucionária, por uma atitude suave, estudiosa e "razoável". Não. A revista será precisamente o laboratório que fornecerá ao Partido a teoria revolucionária de que necessita. Portanto, um camarada nosso não fará o menor gesto, a mais simples ação, sem que isso sirva claramente a uma teoria revolucionária, a alguns perfis implacáveis, que constituem a nossa própria fé como espanhóis, o nosso sacrifício, a nossa dedicação à nossa Espanha.

Aqui, então, as orientações do Partido aparecerão justificadas com uma certa rigidez, com uma certa dureza. Os propagandistas e organizadores locais, que hoje pedem ao movimento bases teóricas, a doutrina Jonsista, devem permanecer sujeitos a elas.

Porque as Juntas Ofensivas Nacional-Sindicalistas não só têm um estilo vital, ou seja, uma forma de ser ativo, militante e revolucionário, que é a própria alma da juventude deste tempo, mas, ao mesmo tempo, têm uma doutrina, de uma justificação, ao nível dos princípios teóricos.

Agora, o nosso movimento já tem razão – sem mais razões – quando declara a sua vontade de combater violentamente as forças marxistas. Para isso, basta permanecermos fiéis a algo que é anterior e primeiro a toda ação política, toda ideia e toda manifestação: o culto à Pátria, a defesa da nossa própria terra, do nosso ser mais primário e elementar: o nosso ser. Dos espanhóis. Que isto seja dito claramente, em primeiro e único caso: para combater o marxismo, as razões não são necessárias, ou melhor, as razões são desnecessárias.

Mas o movimento J.O.N.S. É antimarxista e outras coisas também. Precisamos de tudo. Pois bem, as organizações que nos precederam imediatamente nos dão uma herança escassa. Algum homem isolado, de grande emoção nacional e de grande estatura. Mas não há diretrizes seguras, nem um apoio firme no qual se apoiar. Devemos fazer tudo e faremos tudo. Procurando, diante das ausências imediatas, as presenças distantes, retumbantes e luminosas do grande século imperial, e também dos próprios anos em que surgiram pela primeira vez os nossos raios, as nossas flechas encadeadas: a unidade nacional, a realidade histórica de Espanha, os signos criativos e brilhantes de Isabel e Fernando.

O movimento J.O.N.S. É o grito do povo espanhol para recuperar uma pátria, para construir estritamente – ou reconstruir – uma nação quebrada. Mas também a necessidade primária do povo espanhol na ordem quotidiana, o imperativo de uma economia, a conquista do pão e da justiça para as nossas massas, o otimismo nacional do povo espanhol.

Finalmente, camaradas, no início deste primeiro número peço-lhes fé no J.O.N.S., fé nos justos slogans do Partido, fé na Espanha e fé no esforço da juventude nacional. Pois bem, com essa bagagem faremos a revolução e triunfaremos.

Os camaradas mais proeminentes colaboram regularmente em questões doutrinárias e táticas da revista. Nele também apareceram manifestos, circulares e boletins de notícias da organização.

Ledesma desenvolve nos seus artigos os slogans que mais tarde serviram para a propaganda e atividade quotidiana do Jonsismo. Assim, por exemplo, apontou e justificou a conquista da Pátria, do Pão e da Justiça como a sua aspiração revolucionária. E novamente que "o jonsismo coloca a luta antimarxista, não no nível da reação, mas no da rivalidade revolucionária". Etcetera, etc.

Onésimo Redondo escreveu algumas obras luminosas sobre o problema histórico de Espanha, a interpretação de Castela e os possíveis fundamentos de uma doutrina nacional.

Juan Aparicio fez um extenso trabalho na revista. Tudo o que nele apareceu sobre a ressurreição e valorização do grande Império Espanhol do século XVI, a figura de César Carlos e os mitos férteis daquele grande momento na Espanha corresponde inteiramente a ele.

José María Areilza, que já mencionei nas páginas anteriores, foi bastante ativo, ao lado de Ledesma, nos primeiros florescimentos Jonsistas. Ele escreveu no JONS sobre nacional-sindicalismo e unidade nacional. Areilza não ficou muito tempo na casa Jonsista. Pois bem, a sua posição social em Bilbao, a sua lealdade monárquica e o grande prestígio que a sua juventude inteligente lhe conferiu em Biscaia fizeram dele o guia e organizador das forças unitárias e patrióticas que grandes setores da alta burguesia basca dão vida naquela região.

Outro colaborador frequente foi Francisco Bravo. Bravo é um jornalista de Salamanca, cujo bom temperamento e patriotismo o afastaram de antigos flertes com o marxismo. Coincidiu com o J.O.N.S. numa aspiração cardeal: a de arrebatar a bandeira catilinária, subversiva e libertadora do pseudo-revolucionário de esquerda, colocando-a ao serviço do povo e da Pátria; isto é, estabelecê-lo nos verdadeiros revolucionários. Bravo compreendeu isso claramente, o que, por outro lado, apareceu como uma aspiração estratégica Jonsista desde os primeiros manifestos. Os seus artigos, breves e esquemáticos, criticavam a tendência reacionária, que ele via ou acreditava estar oculta em algum grupo do Partido. (Isso não o impediu, quando a crise de tendências ocorreu muito mais tarde, de se identificar com a tendência sectária e reacionária.)

O camarada Cordero era responsável por uma seção de política internacional. Cordero é um jovem irónico e inquieto, particularmente apto para os problemas internacionais, muito informado e, claro, dotado de uma emoção Jonsista muito fiel.

Montero Díaz, de quem falaremos mais tarde, publicou um apelo muito eficaz a favor da unidade nacional, que, juntamente com o seu trabalho organizador na Galiza, fez dele um dos mais prestigiados Jonsistas.

Também colaboraram: Giménez Caballero, Emiliano Aguado, García Blázquez, Salaya, Bedoya, etc.

A revista, que no início, pelas dificuldades de arrecadação das vendas, era um sacrifício econômico para o Partido, em poucos meses passou a ter um fundo próprio, o que lhe permitiu cobrir todas as suas despesas. Contribuiu para isso, porém, o trabalho de José Ignacio Ramos, Jonsista da primeira cota, que fez uma viagem de negócios à Argentina e trouxe de volta cerca de 1.500 pesetas em assinaturas protetoras da revista, feitas por espanhóis residentes em Buenos Aires.

A revista JONS adquiriu enorme prestígio no Partido. Continuou a ser publicada até depois da unificação com a F.E., até agosto de 1934, e como nenhuma revista da sua importância foi publicada novamente, é hoje a única fonte de doutrina e explicação teórica disponível para as chamadas forças fascistas em Espanha.

Os focos da organização Jonsista

No final de 1933, já fundada a Falange Espanhola, contavam com o J.O.N.S. nas suas mãos os recursos do setor juvenil mais vivo, mais revolucionário e mais patriótico. Tinham criado a bandeira nacional-sindicalista e as setas colocadas nas bandeiras vermelhas e pretas constituíam o orgulho daquela juventude, que via tudo aquilo como algo próprio.

Façamos uma breve revisão da situação e da actividade dos centros do Partido até ao mês de Dezembro de 1933, ano Jonsista.

Madrid

Em Madrid, como já dissemos, ingressou no J.O.N.S. um grupo de ex-militantes da C.N.T. Entre eles, alguns significados, Sotomayor, Salaya, Olalla; outros da base, combativos, como Pascual Llorente, que mais tarde se destacou pelo seu violento Jonsismo, sempre amigo e apoiante da luta armada. A secção madrilena adquiriu o ar e a tradição típicos deste tipo de movimento. Era composta por estudantes inquietos e patrióticos, sindicalistas ávidos por uma ordem nacional firme, pequeno-burgueses e trabalhadores com uma esperança espanhola nos seus corações e profundos desejos sociais de justiça.

O Triunvirato do Executivo Central publicou um manifesto dirigido aos trabalhadores, com orientações sindicais jonsistas, que foi amplamente divulgado e muito comentado entre os trabalhadores. A sua divulgação foi feita directamente pelos Jonsistas nos estaleiros, oficinas e fábricas, apesar de naqueles tempos a classe operária estar bastante revoltada contra o fascismo, devido às primeiras intervenções públicas de F.E.

Valladolid

Em Valladolid, a secção Jonsista alcançou amplo desenvolvimento e mereceu prestígio entre os outros centros do Partido. Onésimo Redondo, após catorze meses de exílio em Portugal, regressou à Espanha em outubro, publicando novamente o semanário Libertad e aumentando consideravelmente a ação jonsista. Os membros eram em sua maioria estudantes universitários e pequenos grupos de trabalhadores que fugiam do marxismo. Além disso, o J.O.N.S. pelos povoados da província, em busca do pequeno agricultor e da emoção camponesa de Castela. Redondo teve dois magníficos assistentes em Valladolid: o estudante Javier M. de Bedoya, bom jornalista político e orador, e Gutiérrez Palma, proletário, com grande capacidade de agitação e luta. A secção de Valladolid e o seu jornal Libertad, embora representando no Jonsismo uma marcada tendência para as formas de catolicismo político, prestaram grandes serviços ao movimento, conseguindo em Castela fervorosos adeptos para a bandeira nacional-sindicalista.

Barcelona

Em Barcelona, a propaganda jonsista foi iniciada por um grupo de camaradas, modelo de disciplina, seriedade e preparação. Era formada por Ildefonso Cebriano, José Maluquer, Berenguer, Poblador e Vegas, todos ex-leitores de A CONQUISTA DO ESTADO. Em pouco tempo, e com a palavra de ordem correta de combater os separatistas como burgueses e os partidos burgueses como separatistas, conseguiram dar ao grupo, além de importância numérica, personalidade política e prestígio.

Bilbao

Em Bilbao, entre a tenacidade do nacionalismo basco e do marxismo, formou-se um interessante núcleo jonsista, que por vezes deu provas de combatividade e entusiasmo. Ledesma colocou no comando Felipe Sanz, um Jonsista muito exaltado e, embora não muito inteligente, patriótico e ativo.

Zaragoza

Nesta cidade os Jonsistas publicaram o semanário Revolución, e dirigidos por J. Casafranca, um rapaz de incrível juventude, realizaram com sucesso os primeiros anúncios.

Valencia

O J.O.N.S. Difundiram-se rapidamente em Valência, assim que chegaram os primeiros manifestos. Em poucas semanas, toda a cidade mostrava nas suas paredes sinais do entusiasmo e fervor propagandístico dos Jonsistas. Publicaram um jornal, Pátria Sindicalista, que alcançou bastante prestígio no Partido. As obras Jonsistas em Valência foram dirigidas por Maximiliano Lloret.

Jonsismo na Galiza. Montero Diaz

Montero Díaz começou a publicar um jornal na Galiza, Unidad, com o objetivo de obstruir o Estatuto de autonomia que estava a ser preparado pela conspiração separatista-caciquil galega. Essa campanha, continuada em discursos e conferências, colocou Montero em plena mobilização política, tornando-se rapidamente o campeão da juventude galega patriótica e nacional-sindical. Depois juntou-se ao J.O.N.S., e o Triunvirato do Executivo Central colocou em suas mãos toda a organização da Galiza.

Montero Díaz tinha sido comunista, embora um comunismo cheio de ressonâncias e desejos que não eram nada bolcheviques. Quando A CONQUISTA DO ESTADO foi publicada, Montero era comunista, acho que até membro do partido e líder de sua juventude. Escreveu uma longa carta polêmica a Ledesma, que publicou no jornal, pois nela notou imediatamente a verdadeira e profunda filiação de Montero Díaz, em quem a posição comunista se devia a uma falsa sugestão. A carta, bem escrita e combativa, já denunciava o que Montero realmente era e o que mais tarde o levou ao J.O.N.S.: um patriota revolucionário, um subversivo contra a desordem nacional e a pobreza espanhola, ou seja, um nacional-sindicalista.

Assumiu a responsabilidade do trabalho Jonsista na Galiza, e muito em breve os grupos, que até então viviam desligados e com pouco incentivo, tornaram-se os mais ativos, disciplinados e entusiasmados de Espanha. Montero governou o J.O.N.S. Galego, até o momento da fusão com a F.E. Falaremos mais tarde da sua atitude em relação a essa fusão.

* * *

O J.O.N.S., no final de 1933, tinha desenvolvido uma presença entre os jovens de toda a Espanha, o que colocou a organização no nível dos melhores presságios para o futuro.

Abaixo copiamos a circular de final de ano, representativa do espírito e da ambição nacional que dominava os dirigentes do Partido naquela data.

CAMARADAS: No final de 1933, o Partido é apresentado a um panorama de novos esforços e responsabilidades. Embora os CONSELHOS caminhem no ritmo de crescimento que lhes confere o caráter de estarem vinculados à ascensão histórica da juventude, é urgente hoje, porém, acelerar as etapas e alcançar eficiências mais contundentes no futuro próximo. Devem ser as tarefas Jonsistas de 1934. O J.O.N.S. Eles já têm tudo o que é necessário para se tornarem um movimento nacional muito amplo e poderoso em poucos meses. Pois bem, temos uma doutrina, uma rede firme de jovens ao seu serviço, um trabalho de organização tranquilo e lento, uma experiência magnífica que é prova de dificuldades; e, acima de tudo, a garantia optimista de que só nós representamos o desejo obstinado de salvar-nos de que a juventude espanhola parece estar hoje equipada.

Em 1934, eles tiveram que obter o J.O.N.S., um dos objetivos mais difíceis: abrir uma brecha na frente dos trabalhadores marxistas. Ou seja, obter a colaboração, o apoio e o entusiasmo de um grande setor de trabalhadores. O percurso do Partido está suficientemente dotado de espírito social para tornar a nossa reivindicação legal, possível e próxima, o que, por outro lado, é essencial para os propósitos jonsistas de mobilização das massas nacionais.

A palavra de ordem para 1934 é, portanto, muito clara: passar do trabalho organizativo interno para uma realidade polémica ao ar livre, superar a situação dos pequenos núcleos entusiasmados com o recrutamento e a conquista de numerosos quadros.

Esperamos que todos os camaradas prossigam com zelo a sua acção Jonsista, aderindo às regras que se seguem, as únicas que podem proporcionar ao Partido a vitória que acreditamos corresponder em 1934:

1) Precisamos que todos os militantes fortaleçam o seu sentido de ação. Pois bem, não nascemos para um trabalho educativo lento, mas para realizações diárias. E só apresentando aos espanhóis um exemplo de sacrifício, atividade e abnegação poderão ser alcançados os sucessos que o Partido procura e necessita.

2) O J.O.N.S. Têm de evitar que as suas ações sejam atribuídas a uma política de direita ou de esquerda. Sentimos igualmente repulsa por aqueles que estão localizados nessas áreas, que vivem alimentando e fomentando a discórdia espanhola, ignorando a urgência de que em Espanha só existem duas frentes de luta: primeiro, a daqueles que afirmam a sua realidade como nação e eles tentam servir essa realidade, unindo o seu destino moral e econômico ao destino moral e econômico de Espanha. E, em segundo lugar, a de todos aqueles que o negam e o ignoram traiçoeiramente. A concepção Jonsista é simples assim e ninguém pode complicar a nossa bandeira com raízes ou motivos diferentes. A propaganda deve, portanto, ser feita sem esquecer aquela concepção nacional muito ampla do J.O.N.S., para que apenas os inconscientes ou os traidores permaneçam fora da órbita nacional do Partido.

3) Devemos fornecer o J.O.N.S. de uma ampla base proletária. Afirmamos que é um estranho ao nosso tempo quem acredita que é lícito resistir à hostilidade de todos os trabalhadores. Que ninguém confunda o Jonsismo com uma tarefa frívola e vã de cavalheiros. Interpretamos profundamente uma posição social que se identifica em muitos aspectos com os interesses da classe trabalhadora, e por isso temos a certeza de que se os nossos camaradas propagandistas agitarem a bandeira Jonsista entre os trabalhadores com inteligência e coragem obterão eficiências formidáveis. Para isso, para favorecer e orientar a propaganda nos setores da classe trabalhadora, lançaram o J.O.N.S. o manifesto aos trabalhadores, onde aparecem os slogans justos que devem ser utilizados.

4) A disciplina Jonsista deve, claro, ser exemplar. Mas muito pelo contrário, de uma submissão cega que impede a força criativa das organizações. Dentro do J.O.N.S. Haverá grupos especiais - aliás, Patrulhas de Assalto já começaram a ser formadas com esse espírito - onde existe uma disciplina rígida e férrea. Mas o Partido, nesta fase de crescimento que se aproxima, deve lançar-se com ousadia à ação e à propaganda, sem estar atento a cada hora à atitude dos dirigentes. O que dissermos será bem compreendido. Há, nos próximos meses, algo para agir e crescer, aconteça o que acontecer.

5) A realidade espanhola não pode ser esquecida. Oitenta por cento dos nossos compatriotas vivem insatisfeitos, adiados ilicitamente nas suas justas aspirações. Isto emana da vida moral e social anárquica em que a Espanha tem lutado nos últimos tempos. O J.O.N.S. Devem e podem ser o único canal para onde convergem os esforços destes compatriotas para se salvarem com dignidade e eficácia. A bandeira Jonsista pode oferecer aos injustamente negligenciados, aos legitimamente insatisfeitos, aos deixados para trás pelos privilégios abusivos de uma minoria voraz e inepta, um abrigo salvador, uma vitória comum. Estes são o caminho e os objetivos imediatos da propaganda. Todos para se salvarem com e para Espanha!

VIVA O NACIONAL-UNIONISMO! VIVA A ESPANHA! VIVA A REVOLUÇÃO JONSISTA!

Contudo, um acontecimento já tinha ocorrido, a fundação da Falange Espanhola, que provocou uma situação radicalmente decisiva na rota Jonsista.

4. FALANGE ESPANHOLA. SEU NASCIMENTO E PRIMEIROS PASSOS

O Comício da Comédia | Falange Espanhola | Valdecasas desaparece | Características da nova organização | O marxismo está ciente | A violência dos vermelhos | Agentes da Monipodio no fascismo | Colaboradores diretos | Jovens militantes | A publicação do semanário F.E.

O Comício da Comédia

Em 29 de outubro de 1933, Valdecasas, Ruiz de Alda e Primo de Rivera reuniram-se no teatro Comédia de Madrid. Já se passaram dois meses desde a queda do Governo Azaña, sob cujo comando aquela reunião não poderia ter sido realizada. Mas nessa data o país já estava em pleno período eleitoral e o Governo de Martínez Barrios preparava-se para ajudar com bons olhos o enfraquecimento do marxismo.

O comício da Comédia foi transmitido para toda a Espanha e também foi altamente protegido pela força pública. Isto fez com que Giménez Caballero, um homem alerta, embora às vezes tenha olhos escuros, espalhasse a crença de que a Maçonaria - então no poder - não só favoreceria o encontro a que aludimos, mas também, graças a uma ampla intriga, Ele estava se preparando para controlar o movimento fascista que daí surgiria. O julgamento foi certamente imprudente e, em nossa opinião, desprovido de veracidade.

A expectativa em torno da manifestação vinha esmagadoramente das áreas de direita e reacionárias do país. O estranho grupo de rapazes pode ter ficado curioso, mas o grosso do ambiente que foi mobilizado e que se preparou, uma vez celebrado, para aderir à nova bandeira, era constituído por setores que não eram virginais na política nacional.

A revista teórica dos monarquistas, Acción Española, publicou com alegria todo o discurso de Primo de Rivera. La Nación, antigo órgão da Ditadura, dedicou meio número ao comício, publicou os textos estenográficos dos discursos e, em seu editorial de primeira página, apontou o evento como um dos três eventos de maior importância nacional que deveria ser destacado neste século. Os outros dois, segundo o jornal, foram: um, a presença de Maura na política espanhola; outro, a ditadura do general Primo de Rivera, pai do novo protagonista.

Como se pode verificar, a direita, na sua representação mais extremista, juntou-se à manifestação, claro que sem violar muito os textos. E os palestrantes Valdecasas, Ruiz de Alda e Primo de Rivera não levantaram nenhuma objeção visível a essa tarefa. Um ano e meio depois, ocorreram retificações, a da direita, não se sentindo representada pelo fascismo de Primo de Rivera, chamando-o de movimento fraco e carente, e a de Primo de Rivera, não aceitando a filiação à direita como apenas um.

Falange Espanhola

Poucos dias depois do comício, seus organizadores anunciaram a fundação da F.E., Falange Espanhola. É fácil ver neste nome o desejo de não abandonar as iniciais F.E., que meses antes, como iniciais do Fascismo Espanhol, já utilizavam nos seus folhetos de propaganda.

Nas primeiras semanas, uma verdadeira avalanche de adesões chegou à Falange Espanhola. O entusiasmo dos antigos grupos upetistas que se mantiveram fiéis à memória do General, de todos aqueles que ansiavam pela Ditadura, de um certo setor de senhores riquíssimos, dos militares reformados pela lei Azaña, dos latifundiários das províncias , etc., etc. Não hesitamos em afirmar que a grande massa que aderiu à Falange nos primeiros tempos foi em grande parte uma mercadoria política muito prejudicada, sem capacidade ou espírito para colocar nos ombros uma empresa como aquela com que os fundadores sem dúvida sonharam.

Apenas um grupo de estudantes, jovens, ingressou na F.E. com propósitos de ação eficaz e verdadeira. Eles, realmente, deram ao movimento a pouca ou muita vida que teve nos primeiros meses, e deles também saiu a lista dos primeiros mártires.

Nessa data, tendo a Espanha acabado de emergir, como já dissemos, da experiência Azañista, foi garantido aos iniciadores de um movimento aberto e abertamente fascista um impacto imediato no país. Especialmente se, como neste caso do comício da Comédia, esses iniciadores também tivessem uma plataforma ressonante. Pois bem, nós, espanhóis, talvez pelo nosso distanciamento ou incapacidade para a tarefa crítica, não centramos realmente a nossa atenção, mas sim no que aparece diante de nós munidos de alguma bugiganga especial que o destaca. Atitude de idiotas, de preguiçosos.

Os três fundadores da F.E. Tinham aquele ingrediente favorável, aquela plataforma adequada para que os fascistizantes espanhóis se sentissem convocados por eles desde o primeiro minuto. Valdecasas havia sido deputado na Assembleia Constituinte, portanto, tanto o interesse de ser em algum aspecto protagonista do período de abril - nos primeiros meses da República ocupou um alto cargo - como o de oferecer o nome de um jovem intelectual, de um estudante universitário e professor. Ruiz de Alda foi o herói popular da fuga para a América, o homem, além disso, cercado por um boato público de destemor, serenidade e altas qualidades organizadoras. Por fim, Primo de Rivera carregava aquela curiosidade de filho de figura histórica, tão próxima e visível como o General, seu pai.

Não é segredo, e aqui o relatamos com veracidade comprovada, que ao discursar no comício nenhum dos três cedeu voluntariamente lugar aos outros dois. Mas no comício, o discurso de Primo destacou-se consideravelmente, dando o tom para o evento e até mesmo, em alguns aspectos, salvando-o de se tornar um evento político fracassado.

Valdecasas desaparece

Depois de apenas quinze dias, Valdecasas, obedecendo a motivos desconhecidos, desapareceu da órbita de F.E. sem deixar rastro. Parece que fez um ótimo casamento com uma marquesa e, deixando de lado os objetivos de salvação nacional, estendeu a lua de mel no exterior por mais de seis meses. Foi, claro, um acidente para F.E., porque Valdecasas tem um talento claro e eficaz, ingrediente que a organização fascista nunca teve muito.

Ruiz de Alda e Primo de Rivera permaneceram, portanto, os únicos líderes. O escritor Sánchez Mazas pairava em torno deles como conselheiro, como teórico ou como provedor de retórica, e Giménez Caballero permaneceu mais distante, embora tenha demonstrado publicamente o seu apoio a eles.

Características da nova organização

Na fundação da Falange Espanhola há que ter em conta duas características que influenciaram decisivamente o seu futuro imediato.

E eles são:

Um, que surgiu desde o primeiro dia como um movimento de inspiração mimética, flagrantemente fascista; isto é, como a organização que se propôs, sem mais delongas, alcançar na Espanha uma vitória análoga às da Itália e da Alemanha. Isto significava, portanto, que o primeiro objetivo era esmagar as organizações marxistas; realmente lutando contra o partido socialista no nível da violência. Não esqueçamos que José Antonio falou em seu discurso de "uma dialética de punhos e armas", e Ruiz de Alda expressou sua opinião de que considerariam os marxistas "como inimigos em pé de guerra".

Outra, que quando nasceu ligada a essas duas figuras, não era possível pensar que se tratava de uma brincadeira de criança, mas que os seus propósitos seriam de facto esses, munidos de consideráveis meios financeiros e dispostos a alcançar vitórias rápidas.

Estas duas características, e a resposta que lhes foi dada pelo marxismo, proporcionaram a F.E. os primeiros acidentes graves. Colocando-a, inclusive, em processo de perecer, mal nascida.

Aconteceu que a presença de F.E. Foi feito com excessivo otimismo e gesticulações. Você tem que ser mais cauteloso no vocabulário da violência, especialmente quando suas frases não podem ser cumpridas, ou quando há quase certeza de que o inimigo vai acreditar nelas pelo valor nominal.

Na verdade, ambas as circunstâncias existiram neste caso. Bem, nem mesmo F.E. nem ninguém pode desenvolver, oito dias após o nascimento, uma ação forte, especialmente quando os propósitos e as preocupações primárias dos organizadores consistiam não em dar vida a uma facção minoritária e violenta, mas na adesão de grandes massas. E, por outro lado, os marxistas acreditaram literalmente em todas as ameaças, veladas ou expressas, que a nova organização lhes lançava na cara.

O marxismo está ciente

A vitória de Hitler na Alemanha trouxe à mente dos socialistas a necessidade de se defenderem contra o fascismo. Pois bem, esse fato significou a derrubada absoluta da secção mais forte e segura que a Segunda Internacional tinha: a social-democracia alemã.

Na reunião da Internacional que examinou a derrota dos marxistas alemães, foram aprovadas algumas palavras de ordem para países onde o fascismo ainda não tinha aumentado. Por exemplo, Espanha. Além disso, o nosso país, desde a proclamação da República e da participação socialista no Governo, elevou-se dentro da Segunda Internacional a um nível de preocupação primária.

Os slogans a que nos referimos podem ser resumidos nesta frase: "Em países onde o fascismo ainda não está organizado, deve ser cortado pela raiz no seu período inicial, nos seus primeiros passos".

O nascimento de F.E. Aconteceu também, logo após as eleições, que o marxismo sofreu o seu primeiro revés no lado parlamentar, o que se tornou outro motivo de irritação.

As táticas contra F.E. Seguiu dois caminhos: um, o assassinato dos seus militantes, pelo simples fato de o ser. Outra, a intensificação de uma campanha antifascista, conseguindo levar à consciência das massas a crença de que o fascismo significa o esmagamento dos trabalhadores por uma tirania de senhores ricos, que organizam bandos armados ao serviço dos exploradores. Esta campanha teve entre as massas o efeito que os líderes marxistas desejavam, e foi grandemente a seu favor que F.E. nasceu sob o patrocínio de Primo de Rivera, de José Antonio, cuja personalidade atingiu as camadas populares como tipicamente representativa do cavalheiro rico, herdeiro e tirânico, opinião que mais tarde foi aceita, sem críticas, por toda a ampla área da classe média, o que foi ainda mais grave.

A Falange Espanhola, apenas dois meses depois de emergir, encontrou-se numa encruzilhada. Algo, por outro lado, muito previsível.

Teve que assistir, semana após semana, ao espetáculo de ver seus militantes sendo assassinados nas ruas; e isto, sem poder lutar eficazmente contra as gangues executoras. Ela também estava envolvida no perigo de não poder escolher a sua própria tática, ou seja, neste absurdo dilema: ou seguir a do inimigo, transformando a luta armada numa competição criminosa, baseada na caça ao homem com armas de fogo, que era muito sério, infrutífera e perigosa. Ou, se não, continuar a sofrer impassivelmente a liderança marxista, que oferecia o risco de se tornar um movimento tolo e fútil, um fascismo zombeteiro, um "franciscanismo", como em tal situação, mesmo antes de se repetirem os assassinatos. O escritor Fernández Flórez convocou isso na ABC, com graça de roedor, no dia 18 de novembro.

A violência dos vermelhos

A ofensiva foi desencadeada pelo aparecimento do semanário F.E. Os quiosques públicos e os vendedores profissionais recusaram-se a intervir na sua divulgação, tendo os próprios militantes de realizar a venda. Houve, portanto, a ocasião semanal de que os Vermelhos precisavam para organizar o astuto ataque às forças fascistas nas ruas.

Aqui, resumidamente, estão os primeiros resultados:

No dia 11 de janeiro, o jovem Francisco Sampol, que acabava de comprar o jornal, foi morto a tiros na rua Alcalá.

Dias antes, o estudante Baselga, afiliado à F.E., havia ficado gravemente ferido em Saragoça.

No dia 27 de janeiro, o encarregado de vendas do semanário F.E., Vicente Pérez, também foi morto a tiros na rua Clavel.

No dia 3 de fevereiro, na Gran Vía, dois estudantes da F.E. foram baleados e feridos. que vendeu o jornal.

No dia 9, o jovem Matías Montero, um dos estudantes mais ativos e fervorosos à disposição da Falange Espanhola, foi morto a tiros pelas costas. Regressava a casa, depois de ter intervindo na venda do semanário.

Deve-se notar que esta violência não teve sentido de retaliação. Bem, naquela época, F.E. Ele não deu nenhuma ocasião para isso. Coloque uma bandeira com o grito "Viva Fascio!" —gritar, digamos de passagem, horrível e insuportável numa voz nacional espanhola—e quebrar alguns móveis da FUE na Universidade, mesmo que um membro da FUE tenha ficado ferido na colisão, não diminuem nem um pouco a categoria dos crimes acima mencionados .

Julgue o estado de espírito que corresponderia, tanto aos líderes como aos membros de uma organização assim espancada pela violência inimiga e incapaz de tomar medidas reparadoras e eficazes.

Alguns publicistas de direita começaram então a insinuar as suas críticas, com uma ironia excessivamente severa. Na mesma manhã do dia do enterro do jovem Montero, um colaborador da ABC, comentando o desempenho da Falange, escreveu: «...a opinião pública esperava algo mais do que o protesto enérgico exigido nos jornais; alguma retaliação imediata... e nada.» Depois acrescentou que tal fascismo não passava de literatura, sem constituir "nenhum risco para os adversários".

Primo de Rivera, em seu breve discurso no cemitério, respondeu dolorosamente a essas críticas, entre outras, com esta frase: "É muito fácil aconselhar".

Por sua vez, o mesmo colaborador do ABC escreveu no dia 13, em resposta a esse discurso, algumas linhas, não isentas de aspereza polémica: «...o meu espanto, que nisto coincide com o de muita gente, ao ver o desamparo em que FÉ. "Deixe sua juventude corajosa."

A atmosfera ficou um tanto tensa em torno de F.E. , e nessa conjuntura a organização estabeleceu a sua tática numa nota publicada pela Imprensa, à qual pertence este parágrafo:

Por outro lado, a Falange Espanhola não se parece em nada com uma organização de criminosos, nem pretende copiar os métodos de tais organizações, por mais incentivos não oficiais que receba.

Aquelas primeiras violências contra F.E. Vieram do campo socialista, sendo incubados e preparados na sua juventude, que desta forma, dez meses antes da revolução de outubro, começaram a gabar-se da sua capacidade de luta armada. Nada é mais falso, porém, do que acreditar na intervenção direta da Juventude Socialista como executoras dessa violência. Não. Eles se limitaram a apoiar uma banda, cujos membros geralmente não eram membros deles. O assassino de Montero, que se descobriu ter mantido correspondência com o presidente da juventude socialista madrilena, pertencia a esse tipo de extremistas que recebem um salário pelas suas intervenções.

* * *

A realidade um tanto adversa que cruzou o caminho da F.E. provocou as primeiras divergências entre seus dirigentes, Ruiz de Alda e Primo de Rivera. Declarou, confidencialmente, que a fundação da F.E., como organização concreta e visível, tinha sido um grande erro e que, de acordo com a situação espanhola, o mais adequado era ter continuado a propaganda após o comício da Comedia, com um significado semelhante. A tarefa de organizar, de criar uma disciplina política, ficaria para depois.

Ruiz de Alda, pelo contrário, defendeu o fato de ter procedido, logo após o comício, à fundação da Falange, acreditando ser muito eficaz na recolha, preparação e organização rápida das numerosas adesões que chegavam. Esteve, portanto, de acordo com a criação da F.E., e na medida em que a sua falta de experiência política e a sua capacidade para estas atividades o permitiam, procurou enfrentar, com bom ânimo, todos os conflitos.

Ruiz de Alda apresentou, para sustentar a sua opinião, a realidade quotidiana do enorme volume de inscrições no partido. Primo apontou, em apoio ao seu, a impotência diante dos assassinatos e a organização confusa exigida pela própria aglomeração de militantes.

Pois bem, não esqueçamos que as primeiras adesões, em número considerável, à Falange não foram a ela enquanto tal, mas foram adesões ao fascismo, que naquele ano de 1933 interessava a grandes áreas de opinião em Espanha. Ora, o fascismo foi interpretado por cada pessoa segundo os seus próprios critérios, resultando em pessoas com uma ideia rudimentar e muito falsa dos objetivos perseguidos pelos fundadores.

Claro que isto foi uma consequência forçada da forma como a propaganda foi feita, bem como do perfil externo que a nova organização adotou. Em geral, aderiu ao molde fascista italiano. No geral, parecia inspirado e dependente de suas ideias, objetivos e estilos.

A Falange Espanhola chegou a escrever uma espécie de cartilha, algo como as primeiras verdades reveladas do fascismo, num estilo seco, intelectual e frio. Esse livreto foi intitulado Pontos Iniciais e foi amplamente divulgado em toda a Espanha.

Para além das ideias, do ritual e da marca fascista (já de certa forma internacionalizada), F.E. Mal conseguiu incorporar algo nacional e sugestivo. Nem bandeira, nem vocabulário, nem agitação profunda em torno da verdadeira angústia do povo espanhol. (Tudo isso foi proporcionado três meses depois, quando se unificou com o J.O.N.S., o movimento nacional-sindicalista das flechas em jugo, que era apoiado por um mito juvenil vigoroso e por uma inquietação social muito fecunda.)

Primo de Rivera e Ruiz de Alda contavam então com a confiança da direita, especialmente dos monarquistas. Já notamos o sucesso que o discurso de Primo no Teatro de Comédia teve nesses setores. Eles financiaram os primeiros meses da F.E. com cerca de cem mil pesetas. É compreensível que assim fosse, porque os monarquistas estavam convencidos de que, sem a ajuda de alguma outra ideia que não a monárquica, capaz de atrair multidões, seria extremamente difícil para eles reforçarem as suas posições. Essa foi, obviamente, uma observação inteligente; e a estratégia de interferência nos movimentos fascistas, nada favorável aos seus interesses.

Agentes de Convênio no fascismo

Os chefes da F.E. Encontrar-se-ão sozinhos com as dificuldades da realidade externa, mas também com outros de linhagem diferente; isto é, interiores. Lembremo-nos de um deles: um, a ausência de colaboradores eficazes; outra, que em torno da gestão de topo excessivamente desajeitada e inexperiente se formou uma rede invisível de agentes do convênio, encarregados da tarefa invariável de absorver os fundos especiais do novo partido.

Este último é sério, mas correto. É muito fácil compreender que uma organização como a F.E. Não havia precisamente nenhum país no país e não sabíamos que no início havia falta de recursos econômicos. Pois bem, entende-se, com as mesmas evidências, que há muitas coisas que uma organização como esta precisa cuidar rapidamente. Desde materiais de oficina até instrumentos ofensivos e defensivos específicos para o seu sexo.

Sem o conhecimento de Ruiz de Alda e Primo de Rivera, a rede de fornecedores monopolistas, adotando as mais diversas formas, triunfou nos seus esforços para reduzir o poder econômico de F.E. abaixo de zero. Houve um observador atento que afirmou que esta rede tinha uma organização perfeita entre si e que agia segundo um plano de unidade.

Colaboradores diretos

Os seis ou oito militantes que ocupavam cargos de confiança imediata dos dirigentes eram de um nível muito pobre. Vamos apontar aqui alguns exemplos, num rápido panorama do cinema:

O senhor ALVARGONZÁLEZ, militar aposentado pela lei Azaña, tinha, além de um sobrenome romântico, uma barriga considerável e um hobby ainda maior que sua barriga: a mania de escrever, sem rima, razão ou limite.

Conseguiu um dos cargos mais importantes, com um nome que causou inveja aos demais altos dignitários: chefe de províncias. Toda a Espanha era, portanto, a sua ilha Barataria, que governava sentado a uma mesa formidável, com tampa de vidro, e um grande mapa da Península espalhado entre o copo e a mesa. O partido proporcionou-lhe, para cumprir a sua elevada missão, que consistia em transportar correspondência e orientar os grupos provinciais que se formavam, um datilógrafo, o que encheu a satisfação de Alvargonzález, já que se sentia o homem mais feliz do mundo por poder fazê-lo. Respondeu 50 cartas todos os dias, cada uma com uma extensão e meia. Julguem o resultado da sua literatura castelhana, bombástica, temperada com a sua mentalidade oitocentista, reacionária e de muito pouco esclarecimento, sendo, como foi, o guia de toda a organização das províncias. Ruiz de Alda logo descobriu suas manias, mas Alvargonzález era muito leal a Primo de Rivera, como também havia sido a seu pai, o general, e também tinha outra condição favorável, que não era onerosa, pois seus bons rendimentos lhe permitiam dedicar gratuitamente dez horas por dia à correspondência partidária.

Outro colaborador importante foi o Sr. TARDUCHY, também ex-confidente do pai de José Antonio, e que, como Alvargonzalez, se distinguiu pela devoção ao filho do General. Tarduchy desempenhou funções de grande mistério e, blindado pelas delicadas características do setor social que dirigia, demonstrou uma cautela tão exagerada ao relatar o seu trabalho que, com razão, os dirigentes o julgaram quase inexistente . O Sr. Tarduchy, pequeno e de cabelos grisalhos, estava na F.E. outro representante do pastismo primorriverista, ortodoxamente fiel à memória da Ditadura.

FÉ. Ele organizou milícias desde o primeiro momento. Seu chefe era ARREDONDO, comandante do exército e também aposentado pela lei Azaña. Este homem não tinha a menor ideia da sua missão. Pois bem, o primeiro problema, o problema fundamental que se coloca a um organizador de milícias políticas, é o de fazer de um simples membro, de alguém aderente a uma ideia política, um verdadeiro militante, um combativo, um soldado da revolução a que o seu partido aspira . Arredondo, com todas as suas boas intenções, nunca percebeu isso. Ele acreditava que o partido, F.E., já lhe estava dando soldados, e que ele, como se ainda comandasse companhias no exército, não tinha nada a fazer senão dirigi-los e manter sua disciplina.

Não há necessidade de continuar com mais exemplos. Os primeiros meses de F.E. Eles tinham aquele sinal, de uma organização cheia de desperdícios, de pessoas maduras, antijovens e saudosas.

Jovens militantes

Os melhores militantes da F.E. Na primeira hora, estavam no grupo de estudantes, na juventude universitária. Seis ou oito deles eram e são meninos fervorosos, eficientes e dinâmicos. Eles criaram uma organização universitária, afetando a F.E., a S.E.U., que ainda existe. Citemos aqui Valdés, organizador do S.E.U. Guitarte, ex-comunista e revolucionário, com bom temperamento e capacidade para a violência. Aguilar, organizador das primeiras seleções juvenis da F.E. Allanegui, um jovem arquiteto, com a fina intuição nacional dos aragoneses e bem penetrado pelo norte revolucionário do partido. Também Matias Montero, entre todos eles o de maior sensibilidade histórica, muito jovem, e como já vimos, um dos primeiros mártires. Claro, apenas este grupo universitário tinha na F.E. o sentido histórico que correspondia, ou que deveria corresponder, ao movimento: o sentido revolucionário, social, antiburguês. Por esta razão, o patriotismo subversivo dos Jonsistas, que mais tarde seria tão repugnante ao enorme setor reacionário e upetista da F.E., encontrou, no entanto, no grupo universitário da Falange a compreensão e a estima de camaradas do mesmo signo.

A publicação do semanário F.E.

Um dos maiores erros da F.E. No seu primeiro período, foi a publicação do semanário. Quando grandes setores de Espanha esperavam que o jornal Falange os guiasse politicamente com slogans eficazes e precisos, todos se depararam com um semanário retórico e astuto, no qual era evidente o objetivo supremo de alcançar uma sintaxe acadêmica e uma certa posição intelectual. Naqueles meses, o movimento perdeu uma das suas melhores oportunidades de penetrar, de forma profunda e fértil, em grandes áreas da cidade e do campo.

Foi absurdo e triste perceber a grande difusão do jornal, como era esperado pelas massas e como circulava nas cidades espanholas, perceber o tremendo erro que estava envolvido em escrever sob tais condições uma revista de capricho literário, em que se falava Roma, por Platão, e a política era abordada com a mentalidade, o estilo e a retórica dos entusiastas da literatura.

O semanário F.E. Foi controlada pessoalmente por Primo de Rivera, que impôs essas características. A razão fundamental para isso era que, em nenhuma circunstância, queria que alguém o apresentasse como líder de um movimento sem doutrina, seriedade e asseio. Que ninguém acreditasse que o julgamento Mostrenco de Albiñana se repetia com ele. E, sobretudo, pesava na mente de José Antonio uma preocupação que o acompanha

constantemente, e é uma pedra crucial no seu julgamento sobre a ditadura do pai: o desejo de contar com os intelectuais, de bajulá-los e confiar neles. Preocupação errônea, porque o verdadeiro criador político - exemplo histórico, Napoleão, e exemplo atual, Mussolini - sempre teve e sempre encontra a constelação de intelectuais, cuja missão não está na vanguarda, mas na retaguarda, justificando os triunfos com retórica e conceitos lógicos.

Mas, em suma, a preocupação de Primo de Rivera pode ser, de certa forma, respeitável, embora a missão do jornal não lhe fosse nada exorbitante.

Naqueles momentos, e pode-se dizer que em todos os tempos enquanto existir o período de luta, a F.E., como qualquer movimento revolucionário, precisava, mais do que um jornal de educação, formação e aprendizagem (coisas típicas de uma revista teórica), de um jornal de agitação, um jornal combativo. Primo tinha medo destas últimas características, porque acreditava que agitar e lutar equivalia necessariamente a uma campanha violenta, pessoal e insultuosa contra este ou aquele político. Isso o irritou. Mas um jornal de agitação e combate não precisa necessariamente ser um difamador, nem ser projetado sobre estas ou aquelas pessoas. O seu papel, e mais ainda tendo e tendo por trás uma organização séria, é destacar os motivos da agitação eficaz a partir da realidade quotidiana, para fortalecer e revigorar as suas próprias linhas.

* * *

Como se pode observar, o panorama oferecido por F.E. No momento da sua unificação com o J.O.N.S., acontecimento ocorrido em meados de fevereiro de 1934, três meses após a sua existência, apresentava, juntamente com algumas dimensões valiosas, falhas e defeitos de enorme volume.

E entramos no novo período das organizações, que se abre com a unificação da F.E. e o J.O.N.S.

5. O J.O.N.S. E A FALANGE ESPANHOLA UNIFICAM-SE

Depois de os contornos de ambas as organizações terem sido delineados nas páginas anteriores, será surpresa para muitos que consigam chegar a um acordo de fusão.

O J.O.N.S. Eles levantaram e criaram uma bandeira, o nacional-sindicalismo. Eles descobriram e adotaram símbolos históricos, as flechas yugadas, e manejaram um vocabulário antiburguês, um patriotismo social.

A F.E., entretanto, vacilou no seu norte, influenciada em grande parte pela tradição política reacionária da maioria dos seus militantes, influenciada também pelo sobrenome do seu líder mais proeminente, Primo de Rivera, que, naturalmente, está ligado à organização de modo com o período da Ditadura.

No entanto, a unificação foi alcançada, embora não sem superação de dificuldades, e na realidade houve muitas razões objetivas a favor dela. Em primeiro lugar, os enormes defeitos observados em F.E. Eram, talvez, de caráter transitório, podiam ser anulados e derrotados. Quanto àquela massa de aluvião, carecia de vigor e de uma consciência histórica unida, pelo que não deveria ser difícil retirá-la das áreas de gestão. Por outro lado, o J.O.N.S., gerindo a plataforma ressonante da F.E., poderia conseguir a popularização dos seus slogans com relativa facilidade.

Não se esqueça de que a fundação da F.E., que ocorreu, como se sabe, quando o J.O.N.S. começou a ganhar popularidade e prestígio, polarizou a atenção do país como uma organização do fascismo. Mais tarde, os repetidos incidentes na rua devido à venda do semanário e os assassinatos a que já nos referimos contribuíram para manter F.E. a expectativa, vendo, em vez disso, o J.O.N.S. um tanto deslocado e então seu progresso ficou paralisado.

Ainda assim, os Jonsistas não hesitaram, mantendo-se fiéis à sua bandeira; mas a entrada de novos militantes, a trajetória ascendente do J.O.N.S., encalhou visivelmente com a fundação da F.E. É claro que este poderia ser, e sem dúvida foi, um fenômeno transitório, que ocorre frequentemente em todas as organizações políticas devido à novidade dos grupos relacionados. E que desapareceria assim que se passassem dois ou três meses, quando F.E. tropeçasse com as primeiras dificuldades. Mas, por outro lado, os líderes Jonsistas sabiam que Primo de Rivera e Ruiz de Alda queriam a unificação e mostraram uma tendência acentuada para favorecer os slogans Jonsistas, que poderiam assim ser impostos e adotados por todo o movimento.

De fato, Ruiz de Alda, jovem, com grande sentido popular, pôde sem qualquer violência mostrar a sua concordância com o nacional-sindicalismo jonsista. E Primo de Rivera, desde os tempos imediatamente pós-ditatoriais da sua propaganda de extrema-direita da União Monárquica, em 1930-31, foi evoluindo cada dia mais para uma interpretação revolucionária do fascismo, o que facilitou a inteligência com o J.O.N.S.

Nos dias 11 e 12 de fevereiro de 1934, o Conselho Nacional Jonsista reuniu-se em Madrid. Entre os temas a serem discutidos estava este: Atitude do J.O.N.S. antes do grupo F.E.

Naqueles dias, devido a uma busca policial nas instalações Jonsistas da rua de los Caños, onde foram encontradas algumas pistolas, a realização do Conselho não foi autorizada; e, além disso, foi emitido um mandado de prisão pela Direção de Segurança contra Ramiro Ledesma, que a presidiria.

O Conselho reuniu-se, clandestinamente, no escritório de um militante, num sótão da Gran Vía. Era composto por: Gutiérrez Ortega (Granada), Sanz (Bilbau), Montero Díaz (Galiza), Onísimo Redondo (Valladolid), Bedoya. (idem), Candial (Saragoça), Oliva (Zafra), Cebriano (Barcelona), Lloret (Valência) e Juan Aparicio, Sotomayor, Giménez Caballero, Guerrero e Aguado (Madri).

Em relação às táticas com F.E. Duas tendências foram examinadas. Um argumentou a necessidade "do J.O.N.S. afirmar a sua desconfiança relativamente a esse grupo, declarando os seus dirigentes e as forças sobre as quais apoiam os seus primeiros passos como as menos adequadas para articular em Espanha um movimento com firme conteúdo nacional e sindical. O outro considerou "que o movimento F.E. Contém algumas qualidades valiosas e que os seus líderes podem, sem dificuldade, interpretar uma atitude nacional-sindical. Reconhecemos, no entanto, nas suas táticas e ações anteriores erros graves, que podem ser corrigidos, e, claro, acreditamos que o J.O.N.S., antes de denunciá-los e combatê-los, deve tentar influenciar esses meios de comunicação para conseguir a sua possível retificação. Para tanto, defendemos que o J.O.N.S. Eles devem convidar solene e cordialmente F.E. a sair das suas posições rígidas, colocando-se num novo terreno, onde a confluência, a unificação e a fusão de ambos os movimentos são possíveis. E se o convite a que aludimos falhar, acreditamos ser oportuno apoiar e aprovar a primeira tendência.

O segundo triunfou pela maioria das opiniões. No evento, foram convidados Ruiz de Alda e Primo de Rivera para que, se considerassem oportuno, pudessem esclarecer a posição da F.E. perante o Conselho em relação a diversos pontos de doutrina e tática. E uma vez delineadas e aceitas as bases do acordo, Primo de Rivera, para a Falange espanhola, e Ramiro Ledesma, para o J.O.N.S., procederam à sua assinatura.

Este fato foi posteriormente muito discutido entre os Jonsistas. Os militantes da F.E. Receberam-no de formas muito diferentes, dependendo dos setores. O setor idoso, tradicional e upetista, com profunda desconfiança, considerava os jonsistas "petróleo" e os elementos subversivos, homens perigosos. Por outro lado, a maioria dos jovens da Falange recebeu a unificação com profunda alegria.

O qualificado Jonsista Montero Díaz discordou do acordo, renunciou aos seus cargos e deixou a organização, licença que Ledesma reservou ao conceder-lhe férias. Oferecemos aqui a prova documental da sua atitude, através de uma carta dirigida a Ledesma, e numa circular, aos camaradas das suas secções galegas:

Caro camarada Ledesma: O J.O.N.S. eles não se desviam, diziam os números 5 e 6 da nossa revista, referindo-se a F.E.

E quando me juntei ao J.O.N.S., levando comigo um grupo compacto de militantes, fiz desta plataforma um slogan. Mantivemos o sentido patriótico e revolucionário do J.O.N.S. como a nossa bandeira de batalha mais diáfana.

Chegou o Conselho Nacional, ao qual não pude comparecer. Você já conhece a opinião que te enviei. Aumentar cem vezes nossas atividades, esclarecer nossa atitude; não se fundir com um movimento cujas limitações de direita eram muito evidentes.

E o J.O.N.S. eles se desviaram.

Eu, pela campanha que realizei em toda a Galiza contra a F.E., com base nessas suas circulares; porque sei que, apesar de todas as declarações verbais em contrário, o povo, o conteúdo e as formas políticas da Falange estão em oposição aberta à revolução nacional, e continuam a estar, encontro-me totalmente deslocado dentro de um movimento que quer unir duas tendências que são na verdade tão diferentes quanto o primitivo J.O.N.S. e a Falange.

E os revolucionários espanhóis também se sentirão deslocados muito em breve.

Aquela minha campanha tornou-me inapto para servir na Galiza sob o duplo título de F.E. do J.O.N.S., cuja irredutibilidade mantive com unhas e dentes.

A minha íntima convicção de que, malgré lui, os contingentes falangistas estão muito longe de compreender e sentir os reais objetivos da nossa revolução, impede-me de proporcionar a disciplina inabalável e fanática que preciso dar ao Partido.

Por isso, camarada, e em congruência com a minha opinião categórica, enviada ao Conselho Nacional, prefiro colocar-me voluntariamente fora da nova disciplina.

Compreendam bem – digo-vos isto porque não reconheço outro líder político nem por um único momento – que a minha fé nacional-sindical não sofreu nem sofrerá a menor violação. Mas a minha colaboração com outros líderes, que sei que representam outro conceito da revolução, é impossível.

Essa atitude será chamada de esquerdista. E não é. Por outro lado, a própria essência da Falange é de direita. Essa essência é preservada apesar da união. E prevalecerá, infelizmente, camarada Ledesma. Algum dia você vai perceber isso.

E se nesse dia você decidir recuperar a independência do movimento ou criar um novo sob as mesmas diretrizes do primitivo J.O.N.S., "colocando a luta com o marxismo no nível da rivalidade revolucionária", você me terá mais uma vez incondicionalmente sob sua liderança .

Se esse dia não chegar, ou enquanto não chegar, podem ter a certeza de que a minha retirada de toda a atividade política será radical e definitiva. Colocarei no meu silêncio a mesma energia que me viram colocar na ação Jonsista na Galiza.

Saudações, camarada, e até que você queira.— Santiago Montero Díaz. 12-3-34.

Montero Díaz tinha, em certo sentido, razão ao descrever desta forma o perfil falangista. Mas a sua atitude ignorou circunstâncias muito qualificadas, que aconselhavam, apesar de tudo, a unificação. É evidente que o J.O.N.S., mesmo sacrificando aparentemente a sua predominância, conseguiu aumentar consideravelmente o seu raio de ação.

Havia, além disso, dentro do J.O.N.S. uma corrente que postulou a abordagem de F.E. Os dirigentes falangistas também o queriam, e quando viram as dificuldades - não esqueçamos que passaram mais de três meses desde a reunião da Comedia até à data histórica do acordo -, uns e outros, maliciosamente, apontaram como um dos obstáculos a possível o desejo de Ledesma de não perder a liderança Jonsista. O erro era óbvio. Este amado, assim que acreditou que a unificação era oportuna e benéfica, manifestou-se a favor dela, com toda generosidade e desapego pessoal.

É notório que os objetivos supremos e fundamentais do J.O.N.S. Eram duas: a luta pela revolução nacional-sindicalista e a luta contra o marxismo, um rival revolucionário e inimigo perigoso. Se, de facto, se percebia algum perigo para o carácter decididamente antiburguês e patriótico-social do Jonsismo, havia também a possibilidade de o fortalecer, sobretudo se no âmbito da nova entidade, F.E. do J.O.N.S., manobrado com algum talento, capacidade e audácia.

No dia 16 de Fevereiro, a notícia foi tornada pública na Imprensa, através da seguinte nota:

O documento pelo qual o J.O.N.S. e a Falange Espanhola formam uma organização única.

O nome oficial do movimento será Falange Espanhola do J.O.N.S.

Foi estabelecido como essencial que o novo movimento insista em manter uma personalidade que não se preste a qualquer confusão com grupos de direita. As hierarquias superiores de F.E. e o J.O.N.S. Eles constituíram um único conselho de comando. Em todos os níveis nacionais e locais da organização, a fusão é realizada com o mesmo critério de totalidade. Todos os comandos serão confiados a militantes mais jovens, de quarenta e cinco anos de idade.

O emblema do movimento deve ser as cinco flechas e o jugo do J.O.N.S. No programa, aparecerão sempre mantidas as bases fundamentais sobre as quais já existiam coincidências perfeitas: unidade patriótica, ação direta, antimarxismo, antiparlamentarismo, revolução econômica que estabelece a redenção da população camponesa, dos trabalhadores e de todos os pequenos produtores.

Pode-se presumir o efeito que a nota teria sobre certos grupos falangistas. Acima de tudo, a base que fixou a idade para ocupar cargos de comando em quarenta e cinco anos. Bem, a maioria das seções provinciais de F.E. Eles eram administrados por pessoas acima dessa idade.

Para F.E., a unificação com o J.O.N.S. Foi um descanso tremendo. Foi o seu primeiro sucesso, depois de um período tremendo em que só colheu vítimas. Após a fusão, e por causa dela, a nova organização ganhou moral mais forte e melhor ânimo para a luta.

Parece oportuno publicar aqui provas oficiais sobre como a unificação foi recebida e o espírito com que foi feita por todos. Bastam dois: o artigo do semanário F.E., em que a Falange Espanhola foi informada do fato, e a circular dos dirigentes Jonsistas aos seus camaradas.

Aqui está o primeiro, publicado na edição da F.E. correspondente a 22 de fevereiro:

Desde a semana passada, F.E. e J.O.N.S. Formam uma organização única, com um único comando, com uma fusão perfeita em todos os níveis nacionais e locais da hierarquia, com uma fraternidade cativante em todas as massas de membros. Não poderia ser de outra maneira. Não se conseguiu uma união, mas sim uma fraternidade que se reconheceu. Por esta razão, a discussão programática não nos custou um único minuto, e depois, em todo o trabalho prático de acoplamento de comandos, a generosidade e a boa vontade de ambos os lados foram tais que não surgiram dificuldades nas deliberações e resoluções da superioridade, cujo único critério foi dar o máximo aumento ao nosso empreendimento comum de redenção da Espanha e constituição do novo Estado. Servir de exemplo a todas as juntas provinciais. F.E e J.O.N.S. Foram dois movimentos idênticos, provenientes do mesmo estado de espírito ético e patético, com raízes intelectuais comuns, nascidos da mesma breve autenticidade espanhola. Ambos foram e são colocados ao serviço dos mesmos grandes invariantes da história nacional e nutridos pela mesma relevância técnica e universal face às vicissitudes dos tempos. Além disso, o povo de F.E. e o J.O.N.S. Estavam ligados por verdadeiras amizades e por um conhecimento exato e mútuo, que deviam superar de uma vez por todas as diferenças superficiais e todas as competições circunstanciais. Este último momento de F.E. como uma entidade separada do J.O.N.S. É necessário que aproveitemos para elevar o louvor que sempre cantou dentro de nós a estes camaradas que já são um conosco, não só na fé e no combate que sempre foi comum, mas na disciplina, no destino de cada momento, sob aquele claro símbolo imperial das flechas e do jugo, que desde hoje tomamos como nosso e que sempre sentimos, como nosso, insubstituível. Com o J.O.N.S. Numa única e nova irmandade, vamos substituir no escudo, no quadrante solar da Espanha, o jugo e a trave; equilíbrio perfeito entre pastoral e épico. Esse é o nosso objetivo de combate, camaradas do que hoje é sempre chamado de Falange Espanhola das Juntas Ofensivas da União Nacional. Nossos irmãos do J.O.N.S., guiados por Ramiro Ledesma, foram os primeiros a abrir a difícil brecha. Foram os primeiros guerrilheiros do novo estilo, os galos de março, que cantaram alto e corajosamente a suave primavera de Espanha, que hoje já nos dá o seu irresistível surto de verde por toda a parte. E não poderia ser, dizemos, de outra forma. Dois movimentos, com um propósito idêntico, fortalecidos, além disso, no princípio inabalável da unidade e da abolição dos partidos, não tiveram outro remédio senão aniquilar-se, o que teria sido desumano, pouco inteligente e absurdo, ou fundir-se num só, o mal demonstrou a vitalidade já demasiado evidente de ambos. Feita a união, a sorte nos sorriu em tudo.

O movimento J.O.N.S. Acima de tudo, insistiu numa certa crueza das declarações sindicais, que em nós talvez tenha retardado a sua virtude operativa e expressiva, embora estivessem bem traçadas nas nossas entranhas. Com o J.O.N.S. Hoje, ainda mais do que ontem, ao formarmos um único grupo de combate, não somos enfaticamente "nem de esquerda, nem de direita", isto é, de Espanha, de Justiça, de comunidade total de destino, do povo como integridade vitoriosa das aulas e das festas.

Um dos primeiros efeitos que a superioridade previu como resultado imediato da união foi a garantia de que o nosso movimento aumentaria poderosamente as suas capacidades de atração. No mesmo dia da assinatura do pacto, este previsível resultado foi produzido em larga escala, não só devido a um maior fluxo de adesões, mas também devido à incorporação em bloco de núcleos importantes, que anunciaremos em breve. Saudemos todos esta união fraterna, absoluta e sem reservas, camaradas de F.E. e o J.O.N.S. No momento em que este artigo está sendo escrito, é a última vez que nossos nomes serão separados. Unimo-nos desde cima, como seres nobres e generosos, para defender abnegadamente a Pátria, e não por interesses particulares subalternos, que unem partidos de classe sob máscaras de grandes princípios. Não temos interesses de classe subalternos, e quem nos conhece e quem nos olha de perto e profundamente sabe disso. Unimo-nos não só pelo que é mais elevado e nobre, mas pela emoção, ainda mais do que pela inteligência. O sangue dos nossos mortos nos uniu e foi o que selou o nosso pacto. Aqui embaixo, nos abraçamos num único pacote; mas lá em cima, sobre o céu azul de Espanha, José Ruiz de la Hermosa e Matías Montero abraçam-se hoje. Diante de nossas fileiras cerradas, eles estão presentes.

Não é difícil perceber, através da retórica deste artigo, o estado de espírito de alguém que recebe ajuda considerável em todas as oportunidades. Eis agora o documento Jonsista, a circular publicada na revista JONS, através da qual a notícia da fusão foi comunicada a todos os camaradas:

Apressamo-nos em informar todas as Secções Jonsistas sobre a situação criada para o Partido por ocasião da nossa fusão ou unificação com a Falange Espanhola.

Em primeiro lugar, fazemos aos nossos camaradas a declaração de que tanto o Conselho Nacional como o Triunvirato Executivo decidiram pela unificação do J.O.N.S. com a Falange Espanhola para fortalecer e fortalecer a posição nacional-sindicalista revolucionária que sempre nos distinguiu. Não tivemos, portanto, que retificar nada em nossas táticas e muito menos, naturalmente, nos postulados teóricos que constituíram a base doutrinária do J.O.N.S.

Os amigos da Falange Espanhola seguiram um caminho tão paralelo ao nosso que o contacto pessoal dos dirigentes de ambas as organizações tem sido suficiente para perceber e demonstrar totais coincidências nas suas linhas tácticas e doutrinárias.

Vamos constituir, portanto, um movimento único. Nele temos a certeza de que os camaradas dos primeiros grupos Jonsistas irão realçar as suas próprias virtudes de ação e mobilidade, influenciando os setores talvez um pouco mais reticentes, para que se acentue o nosso carácter anti-burguês, nacional-sindicalista e revolucionário.

Apresentamos abaixo as linhas gerais que regem a nossa fusão com a Falange Espanhola, e que deverão ser completadas com instruções específicas, dirigidas particularmente a cada Triunvirato local, para que, no mais curto espaço de tempo, com absoluta disciplina, tenham em conta todos os Jonsistas, hierarcas e camaradas as seguintes bases do acordo:

1) Todas as secções locais do novo movimento serão denominadas Juntas Ofensivas Nacionais Sindicalistas de... (J.O.N.S. de...) e integração nacional, o nome total do Partido será Falange Espanhol do J.O.N.S. O J.O.N.S. atualmente constituído permanece e as seções locais da F.E. Eles se tornarão J.O.N.S., cada um deles regido pelos novos estatutos que estão sendo elaborados.

2) Falange Espanhola do J.O.N.S. Será chefiado por uma Junta de Comando, composta por sete membros, dentro dela funcionará um Triunvirato Executivo: os camaradas José Antonio Primo de Rivera, Julio Ruiz de Alda e Ramiro Ledesma Ramos.

3) O emblema e a bandeira do novo movimento são os mesmos do J.O.N.S. Os nossos camaradas não precisam de modificar em nada as insígnias que têm hoje, e esperamos que no futuro seja um feito e um orgulho ter os primeiros modelos Jonsistas.

4) Tal como já acontecia nas nossas Juntas, o novo movimento tenderá a ser a expressão vigorosa de toda a juventude e o princípio da rejeição dos camaradas com mais de quarenta e cinco anos de idade para a liderança regerá a sua organização.

5) F.E. do J.O.N.S. desenvolverá um programa concreto que afete as preocupações econômicas das grandes massas, interpretando a angústia atual dos trabalhadores e dos modestos industriais.

Por fim, camaradas, repetimos-lhes como última ordem que alimentem em bloco, com todo entusiasmo, as novas fileiras, que, claro, são iguais às anteriores. E que, em vez de interpretarem este fato da nossa fusão como uma retificação ou uma política de concessões aos nossos povos que pensam da mesma forma, reafirmem-se na habitual linha Jonsista, preparando-se para serem mais nacional-sindicalistas e mais revolucionários do que nunca.

VIVA A ESPANHA! VIVA O J.O.N.S.! O Triunvirato do Executivo Central.

Madri, fevereiro de 1934.

A luta pelo nacional-sindicalismo

Após a unificação, a revolução nacional-sindicalista começou a ser vista como o princípio orientador do movimento. Esta invocação apareceu em todos os slogans, discursos e declarações, evidentemente incorporados pelo jonsismo.
O primeiro contato dos jonsistas com a organização da Falange Espanhola causou-lhes uma impressão lamentável. Eles perceberam imediatamente que, especialmente nas seções provinciais, o falangismo era alimentado por pessoas de pouco valor.
Apesar disso, durante as primeiras semanas os jonsistas estavam absolutamente otimistas. Os antigos líderes da F.E., Ruiz de Alda e Primo de Rivera, aceitaram a palavra de ordem do nacional-sindicalismo revolucionário e, embora pudessem ter reservado sua interpretação, essa atitude foi suficiente para que os jonsistas desenvolvessem livremente sua atividade.

O triunvirato governante

O novo movimento, a Falange Espanhola do J.O.N.S., era governado por um Triunvirato Executivo Central: Primo de Rivera, Ruiz de Alda e Ramiro Ledesma. Esses três foram os únicos líderes da organização de 15 de fevereiro, data da fusão, até setembro do mesmo ano, 1934.
Este período, em que o Triunvirato Alda-Primo-Ledesma atuou, coincide com a fase culminante do Partido, e é quando este teve maior intervenção na política nacional, conseguindo inclusive inspirar medo nas organizações inimigas.

Uma manifestação retumbante em Valladolid

Não demorou muito para que ficasse claro o que a união de ambas as organizações realmente significava para o fortalecimento do Partido. Apenas quinze dias depois, em 4 de março, um grande comício foi realizado em Valladolid, o primeiro evento nacional-sindicalista de massa.
Valladolid era, como sabemos, uma cidade de importância jonsista.
A manifestação teve um enorme impacto em Castela. Cerca de dez mil jovens compareceram ao evento e após o evento demonstraram grande alegria por terem encontrado sua bandeira de luta. Os discursos foram proferidos por Ruiz de Alda, Onésimo Redondo, Ramiro Ledesma e Primo de Rivera. Antes, Gutiérrez Palma e Bedoya disseram algumas palavras eficazes de saudação; o primeiro, pelos trabalhadores jonsistas de Valladolid; o segundo, pelos alunos.

No final do protesto, os Reds começaram a brigar. Esse fato contribuiu para dar maior repercussão ao evento, pois houve confrontos muito violentos nas ruas, com mortos e feridos. O comício de 4 de maio em Valladolid destacou tanto as possibilidades do movimento quanto a entrada efetiva no caminho de sua realização. E também a decidida predominância do espírito jonista, que se expressava claramente nos gritos de "¡España, una, grande, libre!", usados desde tempos antigos pelos J.O.N.S. como gritos de guerra.

Nova violência vermelha em Madrid

Os elementos marxistas perceberam, a partir dos acontecimentos em Valladolid, que a organização fascista estava se preparando para aceitar a luta armada nas ruas.

Poucos dias depois, sua resposta em Madri foi novamente um assassinato, por ocasião da venda do famoso e malfadado semanário F.E. O papel dos Reds era bem simples. Suas táticas são muito fáceis. Embora os grupos de vendedores estivessem protegidos, entende-se que eram sempre os agressores que tinham a iniciativa e a surpresa. Eles observavam os grupos vendendo mercadorias, seguiam-nos invisivelmente, como se fossem transeuntes, e, quando julgavam apropriado, instigavam o ataque disparando suas pistolas.

Assim, em 9 de março, quatro dias após o comício de Valladolid, Angel Montesinos, um trabalhador do Partido, foi assassinado. Este ato foi realizado na Rua Fuencarral por um grupo de comunistas, inaugurando assim a intervenção do seu partido na violenta luta antifascista. Parece que o organizador desse grupo, bem como quem influenciou decisivamente o partido comunista a desencadear a violência, inclusive na forma de ataques, foi Francisco Galán, irmão do capitão de Jaca.

A necessidade defensiva então forçou F.E. e o J.O.N.S. organizar grupos especiais compostos por camaradas com a melhor disposição e espírito para desenvolver a violência mais extrema. Logo eles se formaram, formando o que foi chamado de Falange de la sangre.

Ansaldo no Partido

Nessa época, no final de abril, Juan Antonio Ansaldo, um militante ousado e intrépido, juntou-se ao movimento e foi eficaz na organização e direção desses grupos. Graças a elas, nenhuma agressão ficou sem resposta, e até mesmo objetivos de grande importância estratégica para o Partido puderam ser planejados.

Em poucas semanas, Ansaldo já controlava a organização militarizada do movimento. Acima de tudo, os grupos com maior capacidade de violência. Ansaldo era, sem maiores complicações ou nuances ideológicas, um monarquista. Ela veio dos grupos que defenderam o Rei com maior lealdade e dinamismo até o último minuto. Apesar disto, apesar da sua muito pobre compreensão doutrinária - era, afinal, um homem de ação exclusivo - a sua presença no Partido foi de inegável utilidade porque congregou esse setor ativo e violento que o espírito reacionário produz por toda a parte, como um dos ingredientes mais férteis para a luta armada nacional. Vamos relembrar o que grupos semelhantes a esses significaram para o hitlerismo alemão, especialmente em seus estágios iniciais.

É claro que a intervenção desses elementos só é frutífera quando não há perigo de que eles influenciem as direções teóricas e estratégicas. Isto é, quando há um comando vigoroso acima deles e uma doutrina clara e firme. Caso contrário, são elementos perturbadores e prejudiciais.

Concentração de esquadrões num campo de aviação em Carabanchel

O Partido estava ganhando densidade e volume. Os quadros provinciais também estavam caindo nas mãos de jovens, graças à pressão contínua dos jonsistas.

A base também foi tomando forma e foram surgindo jovens de espírito magnífico, espanhóis de coração forte e pessoas que começavam a perceber o panorama social do movimento. Junto a estes, um bom número de homens que viviam ao relento, trabalhadores desempregados, ex-legionários da África, ex-anarquistas, etc., que davam às milícias uma grande porcentagem de combatentes.

Em 3 de junho, uma manifestação surpresa da milícia ocorreu em um campo de aviação em Carabanchel. Cerca de dois mil membros do esquadrão compareceram. Uma empresa de ônibus impediu que cerca de duzentas pessoas participassem ao retirar seus ônibus no último minuto. (Algumas horas depois, dois carros daquela empresa pegaram fogo.)

Os esquadrões então careciam quase completamente de capacidade de combate e até mesmo da disciplina interna necessária. Eles mostraram seu valor humano como homens prontos para a disciplina e o combate. Mas, naturalmente, eles tiveram que receber líderes e organizadores. Esse era o problema. Uma milícia que não tivesse hinos, canções, ou seja, música, e que, além disso, nunca fizesse marchas, excursões, etc., estava fadada a não ter eficácia militar e de combate. Sem marchas e música, não há e não pode haver milícias.

A manifestação de Carabanchel causou bastante alarme em certos setores da esquerda. A Diretoria de Segurança sabia, é claro, o que esperar e minimizou o incidente. Mas como no mundo da política, o que menos importa, em geral, é ser, mas parecer, o Governo, pressionado pelos protestos, impôs multas de 10.000 pesetas aos dirigentes Primo de Rivera, Ruiz de Alda, Ledesma, Fernández Cuesta e Ansaldo.

O jornal republicano de esquerda Luz publicou informações sensacionalistas sobre o evento de Carabanchel em uma página inteira com fotografias, o que contribuiu, sem que o jornal pretendesse, para que a manifestação tivesse mais sucesso.

Aliás, nessa informação há alguns parágrafos que fazem alusão à influência dos jonsistas dentro do Partido, e que transcrevemos porque revelam, com um texto nada suspeito, a missão transcendental que esses elementos cumpriam:

Sob o pretexto da frivolidade ou da inibição do poder público, a Falange Espanhola dos J.O.N.S., que após a fusão foi alimentada pelo espírito revolucionário dos jonsistas, está se espalhando e recrutando adeptos, especialmente entre os jovens. O que eles conseguiram realizar ontem teria parecido absolutamente impossível há apenas alguns meses. (4 de junho)

Outro pacote de violência.— Os "chíbiris"

No domingo seguinte, dia 10, um acontecimento terrível aconteceu em El Pardo. Os comunistas assassinaram um jovem membro da Falange com pedras e facas. Neste caso, os comunistas não podem ser responsabilizados por nada além de terem infligido uma morte tão selvagem ao seu oponente. Bem, foi o resultado de um confronto entre grupos, em campo aberto e em plena luz do dia. Cinquenta fascistas, em excursão por El Pardo, chegaram às proximidades onde acampava uma colônia dominical vermelha, justamente uma das que mais se destacavam pela combatividade e crueldade que seus integrantes demonstravam na luta contra o fascismo.

O choque era inevitável e, como o grupo fascista hesitava, acreditando que os Vermelhos eram muito mais numerosos, e os reforços que esperavam não apareciam, fugiram, não sem que um dos seus camaradas, Cuéllar, caísse nas mãos dos comunistas. , que o assassinou da forma mais bárbara. (Um dos agressores foi "El Rojo", que um ano depois atirou e matou um policial em Cuatro Caminos.)

Na mesma noite, ocorreu um ataque armado contra um grupo de "chíbiris", caminhantes vermelhos, resultando na morte de uma menina e ferimentos graves em outros dois membros da juventude socialista. O enterro da vítima, Juanita Rico, serviu aos Vermelhos para mostrar sua força e unidade proletária. No mesmo momento do enterro, um grupo de jovens socialistas passou pela porta das dependências da Falange em um táxi em alta velocidade, disparando cerca de vinte tiros, que feriram dois militantes.

Os "chíbiris" eram chamados assim por causa da sua tendência de acrescentar música aos seus gritos com aquela canção popular e vulgar. Eram excursionistas vermelhos que inundavam os arredores de Madri aos domingos, principalmente a Casa de Campo e El Pardo, com seus bonés americanos, suas calças brancas e, finalmente, seu grande xale vermelho, como um sinal do marxismo.

Eles saíam e voltavam para a cidade em grandes grupos, com certo entusiasmo militar e ânsia de impressionar a população burguesa.

Não esqueçamos que no verão de 1934 a revolução socialista estava sendo incubada e preparada a todo vapor, e os chamados "chíbiris", por meio de suas organizações esportivas, contribuíram para fornecer milicianos para as tropas de choque da revolução.

Calvo Sotelo não é admitido

A situação do movimento fascista era relativamente vigorosa no início do verão. Ele estava despertando o interesse público no país, já tinha alguma experiência e estava aperfeiçoando e localizando seus objetivos finais.

Foi, em muitos aspectos, um movimento confuso, cujos adeptos responderam aos mais diversos motivos; Mas isso, embora fosse prejudicial como fato permanente, então, como estágio transitório de amplificação, era até fértil e benéfico.

Em maio, quando Calvo Sotelo retornou à Espanha após a anistia, ele quis se filiar ao Partido e se tornar um membro. Primo de Rivera foi o encarregado de notificá-lo de que isso não era desejável nem para o movimento nem para ele. Pode parecer estranho, e certamente é, que uma organização como a Falange, que era amplamente alimentada por elementos de direita, praticasse essa política de alienação com Calvo Sotelo. E mais ainda se levarmos em conta que ele trouxe do exílio uma figura gigantesca e que contava com a confiança de amplos setores da opinião pública.

Calvo Sotelo parecia ser um representante da grande burguesia e da aristocracia, o que, naturalmente, entrava em conflito com os objetivos juvenis e revolucionários do Partido, bem como com seu objetivo final, a revolução nacional-sindicalista. Nesse sentido, Primo, que estava se tornando mais radical, estava sem dúvida certo. Ruiz de Alda estava mais inclinado a aceitá-la, guiado pela proximidade da revolução socialista e pela necessidade em que se encontrava o Partido, se quisesse intervir com êxito contra ela, fortalecer-se e aumentar, de qualquer forma, os seus efetivos. . A atitude de Ruiz de Alda não era desprovida de solidez; mas Primo permaneceu firme.

O problema da revolução

Naquela época, o problema da revolução socialista já estava totalmente colocado na Espanha. Quais seriam os resultados e quem o confrontaria?

Bem, era óbvio que o marxismo estava preparando a revolução. Somente um fato poderia influenciar os socialistas a renunciar à revolução: que suas reivindicações fossem atendidas. Mas isso foi, é claro, quase um triunfo seu.

Em maio-junho de 1934, não havia outra força política na Espanha além da Falange e do J.O.N.S. que o problema de enfrentar a revolução socialista poderia ser levantado de forma séria e eficaz.

A mera ideia de uma luta total entre a organização fascista e o marxismo teria explodido o sistema político da República democrática burguesa, o que teria sido uma coisa boa.

É claro que a Falange não reivindicou essa missão histórica e nem mesmo tentou ir além da escaramuça. Isso significava que o movimento entrou em uma crise interna muito séria, e também significava um livre desenvolvimento revolucionário, sem nada à sua frente além dos guardas. Significou ainda mais: que os eventos de outubro tiveram o resultado anacrônico, infrutífero e absurdo que conhecemos.

Propaganda enfraquece

O comício de Valladolid — 4 de março de 1934 — serviria como o ato de abertura de uma série de grandes comícios estratégicos do mesmo estilo e importância. Longe de tentar esse objetivo, o que significaria para a Falange e o J.O.N.S. uma gigantesca tarefa de agitação nacional, colocando-se na vanguarda dos assuntos políticos da atualidade, Primo de Rivera era a favor de uma rede de comícios em pequenas cidades. Ao longo da primavera, os esforços da organização em termos de propaganda se esgotaram em sete ou oito eventos realizados em vilas e pequenas cidades, sem qualquer significado social ou realidade política.

Ledesma, contrário a essa concepção errônea do ritmo da propaganda, acabou sabotando-a ao se recusar a participar como orador em tais eventos. Basta dizer que os comícios realizados, depois do famoso de Valladolid, foram nos seguintes lugares: El Carpio de Tajo, Fuensalida, La Puebla de Almoradiel, Callosa de Segura e Burriana.

A opinião de Primo talvez não fosse totalmente absurda, pois respondia a um desejo de entrar em contato com o melhor da Espanha, a Espanha dos campos.

Situação social favorável

Ao mesmo tempo que se projetava sobre o país a iminência da revolução socialista, ocorria também outro fato, também favorável à melhor situação do fascismo: a impotência radical do Estado, a absoluta inépcia do Governo então no poder para impedir conflitos sérios. Elas foram levantadas às dezenas; alguns, como estratégia da revolução; outros, produto do clima político-social em que viviam.

Houve, por exemplo, dois conflitos sociais envolvendo greves que demonstraram a absoluta impotência do Governo: a greve dos metalúrgicos de Madrid, que durou mais de dois meses, e a greve geral de Saragoça, que manteve esta importante cidade em estrita paralisação. por mais de quarenta dias.

Foram dois casos típicos de intervenção fascista, superando as limitações do Estado, o que prejudicou igualmente todos os espanhóis: os grevistas, lançados no vazio, e toda a população, perturbada em sua atividade e em sua vida cotidiana.

Os três triúnviros estudaram um plano completo de intervenção na greve geral de Saragoça, quando esta já durava um mês. Esta intervenção foi organizada através da formação de equipes de trabalho e da mobilização de cerca de mil elementos de pelotão que, acampados nas periferias, impressionariam os trabalhadores em greve e a cidade, e também garantiriam o sucesso, apoiando a luta se necessário. armados. Este plano, tanto no caso de sua implementação quanto no caso muito provável de ser impedido pelo Governo, teria constituído para a Falange e o J.O.N.S. uma grande vitória.

Não esqueçamos as características de uma intervenção fascista em tais conflitos: ela não consiste numa mera ação de esmagamento da greve, na forma de fura-greves a serviço das Empresas e do Governo. É outra coisa. Envolve uma rivalidade revolucionária com as organizações subversivas dos grevistas e a conquista coincidente de uma vitória política, um fortalecimento da própria bandeira. O que, como se vê, é muito diferente do conhecido, desacreditado e insípido auxílio cidadão, em prol da ordem, da tranquilidade, etc.

Pois bem, tendo em vista uma ação dessa envergadura, os três triúnviros já mencionados estudaram um plano de intervenção na greve geral de Saragoça. Não foi possível realizá-la, porque o atraso na obtenção dos meios financeiros para a expedição fez com que o conflito fosse resolvido justamente nos dias em que os últimos detalhes estavam sendo finalizados.

O conflito com a Generalidade da Catalunha

Além das greves e conflitos sociais a que nos referimos, e aos quais devemos acrescentar a greve camponesa e os constantes apelos à revolução por parte dos socialistas, teve lugar, além disso, um acontecimento sensacional, que favoreceu ainda mais e mais a estratégia do fascismo. Refiro-me ao choque e à situação de grande violência entre o Governo autônomo da Catalunha e o poder central, representado naquela época pelas mínimas figuras políticas de Samper e Salazar Alonso.

O surgimento deste último conflito na arena política espanhola, interferindo e dificultando o desenvolvimento da propaganda revolucionária, poderia ter — como aconteceu mais tarde, em outubro, embora de outra ordem — grande significado histórico.

Deve-se notar que a causa original do conflito entre o Governo Samper e a Generalitat não teve nenhuma dimensão séria. A famosa Lei das Culturas seria legal ou não se fosse ditada por aquela entidade autônoma. Seria mais ou menos radical em sua abordagem ao problema da terra. Estamos inclinados a acreditar que ela poderia de fato ser ditada pelo Parlamento Catalão, de acordo com o Estatuto, e que até mesmo seu espírito social era defensável e justo.

Mas é preciso reconhecer que tal aspecto era, na realidade, mínimo. Para aqueles que se opunham ao espírito das autonomias, para aqueles que discordavam do Estatuto da Catalunha e da concepção de Espanha e do Estado espanhol que ela representa, o conflito a que nos referimos poderia ser legitimamente desvinculado das suas motivações imediatas, e transferido para o nível nacional da mais alta controvérsia.

A organização fascista deve ter se destacado nesse aspecto. Ledesma demonstrou interesse extraordinário nisso, acreditando exata e corretamente que uma agitação em torno da atitude de verdadeira rebelião de Companys obteria grande sucesso. Por fim, o Partido imprimiu um grande número de folhetos clandestinos, grandes cartazes foram preparados e, numa tarde do início de julho, foi organizada uma barulhenta manifestação de protesto. Era a única coisa que podia ser feita. E o fato é que uma crise interna muito séria estava se formando na organização, uma crise de tendências e de pessoas, o que, naturalmente, causou a Falange dos J.O.N.S. permaneceu atolado na inação e na impotência, apesar da formidável situação histórica que o verão de 1934 representou.

Impaciência nos grupos combativos

Entretanto, pequenos grupos militantes, particularmente aqueles que já mencionamos como membros dos grupos especiais — Falange de la Sangre — estavam determinados a lutar contra os socialistas e, de alguma forma, interromper o caminho de sua revolução.

Alguns exemplos serão suficientes para ilustrar o tipo de ações que esses grupos praticavam e o grau de violência de seus propósitos.

Certa manhã, no final de junho, por volta do meio-dia, dois militantes chegaram ao Partido dizendo que três companheiros do mesmo grupo tinham visto Indalecio Prieto sentado no terraço de um café no Paseo de Recoletos. Eles estavam preparados para atacá-lo ali e queriam que o departamento de transportes lhes fornecesse um carro. Foi necessário um grande esforço dos líderes para impedir que tal ato ocorresse, contrário ao espírito que regia as normas táticas da organização.

Outro grupo, por sua conta, iniciativa e risco, preparou um evento que, se realizado, teria influenciado muito a trajetória revolucionária dos socialistas. Consistiu em detonar uma bomba muito potente no porão da Casa do Povo. A questão, como pode ser visto, dificilmente poderia ser evitada pelos estrategistas marxistas. Eles atribuiriam isso a uma provocação, a um sinal de ataque, a uma decisão de aniquilá-los, a qualquer coisa; mas é certo que influenciaria as datas e o destino final da revolução.

O grupo ao qual nos referimos trabalhou corajosamente nessa tarefa. Ele não parou por nada. Ele roubou cinquenta quilos de dinamite e organizou a colocação da terrível máquina explosiva usando o sistema de esgoto e a ajuda de dois cavadores de poços, que estavam dispostos a facilitar a entrada, os preparativos e todo o trabalho prévio. (Foi preciso fazer escavações, construir reforços com concreto armado, etc.) Eles se interessaram tanto pelos seus planos que, naqueles dias, um dos integrantes do grupo, suspeito de infidelidade e espionagem, apareceu morto em uma rua remota de Madri.

Nós, que conseguimos obter todos esses detalhes, desconhecemos, no entanto, as razões pelas quais eles não foram realizados.

* * *

Embora, como temos dito, não houvesse um plano estratégico eficaz para se opor ao desenvolvimento da revolução socialista, incidentes ocorreram com frequência, alguns deles graves. Além disso, ambos foram submetidos a medidas repressivas muito semelhantes por parte das autoridades.

Em 1º de julho, um dos militantes mais proeminentes dos grupos ativos, Groizard, foi alvo de um ataque gravíssimo. Vários membros da Juventude Socialista dispararam cerca de quinze tiros contra ele de um táxi. Groizard, que teve muita sorte de ter sido apenas ferido, foi certamente um daqueles que sempre estiveram prontos para desenvolver a maior violência na luta contra o marxismo.

Era fácil ver naquela época que os marxistas, naturalmente dedicados à tarefa principal de preparar a revolução, evitavam tanto quanto possível seus apelos à agressão violenta. E isso certamente não se deveu à impossibilidade de mantê-lo, já que dispunham de recursos mais que suficientes, mas sim por cautela, por medo de que o período pré-revolucionário se complicasse, colocando em risco seus planos e objetivos finais.

Perseguição governamental e episódios de prisão

Poucos dias após o ataque a Groizard, por volta de 10 de julho, e sem dúvida devido à atividade de informantes, a polícia realizou uma busca minuciosa nas instalações do Partido na Rua Marqués de Riscal. Ele encontrou, ninguém sabe explicar como, armas, dinamite, munições, bombas, líquidos inflamáveis, etc. Todos os militantes que estavam presentes no local, cerca de oitenta, foram presos e processados, absurdamente, por reunião clandestina.

Eles permaneceram presos por vinte ou vinte e cinco dias e depois foram absolvidos pelos tribunais. Não se compreende realmente que a mera e normal presença de membros nas instalações de um partido possa ser considerada, em qualquer caso, como um crime.

Salazar Alonso, então Ministro do Interior, acostumou-se, com hipocrisia democrático-burguesa, a vincular sempre a repressão aos socialistas e à Falange do J.O.N.S. Ele não fechou um centro marxista ou prendeu meia dúzia de socialistas sem, ao mesmo tempo, tomar medidas semelhantes contra um local da Falange e outra meia dúzia de seus membros. Ele não ousou incomodar, nem um pouco, os revolucionários vermelhos sem primeiro fazer-lhes a concessão de incomodar seus inimigos fascistas da mesma forma. Assim, ele proibiu todo tipo de reunião de jovens e toda propaganda que não estivesse de acordo com os estilos eleitorais da antiguidade. Após as prisões a que nos referimos, foi publicada uma declaração de protesto na revista JONS, que revela os métodos combativos e antiburgueses defendidos pelos jonsistas, que eram então os guias teóricos de todo o Partido. Aqui estão alguns parágrafos. (Edição de agosto, página 186.):

* * *

Sentimo-nos naturalmente honrados por esta perseguição a que somos submetidos. Este é um governo sem qualquer autoridade, sem qualquer apoio espanhol além do das forças públicas. Sem massa afetada, sem juventude, com sua única realidade de náufragos agarrados ao rochedo desprezível da C.E.D.A. Por isso, sua gesticulação contra tudo o que parece provido de tudo o que lhe falta, provoca riso: ideais suculentos, magníficos, e entusiasmo juvenil. para o seu império. Assim, proíbe saudações, reuniões e a própria presença de símbolos dissidentes de sua política mesquinha e flácida.

E falamos assim, contra as últimas disposições do Governo em relação à ordem pública, mesmo quando isso beneficia nossos inimigos, os marxistas. Pois bem, bastou que nós, a Falange Espanhola e o J.O.N.S., reunidos e formados com base em objetivos de luta, aprovássemos, como qualquer girino e burguês covarde, que o Governo impedisse as excursões uniformizadas dos vermelhos. E então, naturalmente, também buscamos os nossos.

Esse será talvez o ideal do Governo, e nisso ele será apoiado por todo o amplo setor da burguesia inconsciente e tola: sufocar a juventude nacional, garantir uma vida sem surpresas, evitar lutas, fazer concessões e fechar as cortinas.

Mas não toleraremos que as cortinas da situação na Espanha sejam fechadas, como se o drama espanhol fosse um assunto de quarto.

O tempo passado na prisão por aqueles oitenta militantes foi verdadeiramente instrutivo. Durante este período, começaram a surgir no Partido as primeiras faíscas da crise de tendências a que nos referiremos mais adiante. Os detidos eram das mais variadas origens políticas, embora naturalmente todos filiados à Falange de las J.O.N.S. Esse detalhe, assim como o fato de viverem juntos numa enfermaria — e não num regime de celas individuais — deram origem a acontecimentos curiosos. Como o chefe da milícia, Arredondo, também foi detido e era o oficial de mais alta patente no local, ele também foi nomeado chefe dos prisioneiros.

Eles organizaram conferências e palestras sobre o programa e a estratégia do Partido.

O tempo passado na prisão por aqueles oitenta militantes foi verdadeiramente instrutivo. Durante este período, começaram a surgir no Partido as primeiras faíscas da crise de tendências a que nos referiremos mais adiante. Os detidos eram das mais variadas origens políticas, embora naturalmente todos filiados à Falange de las J.O.N.S. Esse detalhe, assim como o fato de viverem juntos numa enfermaria — e não num regime de celas individuais — deram origem a acontecimentos curiosos. Como o chefe da milícia, Arredondo, também foi detido e era o oficial de mais alta patente no local, ele também foi nomeado chefe dos prisioneiros.

Eles organizaram conferências e palestras sobre o programa e a estratégia do Partido.

Acredito já ter dito em páginas anteriores que Arredondo era um comandante do Exército, aposentado pela lei Azaña. Um homem de pouquíssimas complicações, de origem reacionária e um falangista do tipo "Viva o fascio!". Essas características produziram uma quase insurreição contra sua autoridade na mesma prisão, algo que ele atribuiu, em um relatório posterior ao Triunvirato, à "atividade indisciplinada dos jonsistas". O que realmente aconteceu foi o seguinte: entre os presos estava Juan Aparicio, cuja palestra, no dia em que deveria discursar, além de ser 100% pró-Jons, obteve o apoio unânime de todos. Havia também Luis Ciudad, um jonsista combativo, de caráter nobre, mas de temperamento um tanto irascível, e que se distinguia pela sua adesão a Ledesma, bem como pela confiança pessoal que este depositava nele. A presença de Aparicio e Ciudad, o primeiro um teórico, um criador de perfis doutrinários, e o segundo um violento, um rapaz de ação, foi o que o relato de Arredondo, ao qual já nos referimos, lhe fez dizer: Isto porque, "apesar de terem passado mais de cinco meses da fusão, os jonsistas ainda se vangloriam de sê-lo e de permanecerem pouco ligados à F.E., sendo, naturalmente, inexplicável que, sendo um número pequeno, tenham tanta influência na Falange" . Depois disso, ele pediu e propôs sanções, quase aplicando o Código Militar.

Crise de pessoas e tendências

Naqueles dias, meados de julho, surgiu uma crise muito perigosa dentro da organização. Várias causas contribuíram para isso. Embora a mais fundamental e profunda, a que se pode deduzir e constatar seguindo a linha política do Partido, foi que este não abordou, naquele verão de 1934, a sua missão histórica de se comprometer, com a vida ou com a morte, na sua luta contra o marxismo.

Mas essa causa, profunda, tinha esse caráter, de ser profunda e, portanto, notada por muito poucos. Ao mesmo tempo, como sempre acontece, a crise e as dificuldades tinham causas visíveis e imediatas e também se deviam a motivações facilmente localizadas.

O primeiro sinal de descontentamento e o primeiro passo para enfrentar resolutamente a questão surgiram e ocorreram no setor mais diretamente ligado às atividades de Ansaldo. Portanto, no setor que podemos qualificar de direita, está quase unido aos interesses políticos dos grupos monárquicos. Eles exigiam pouco menos que a cabeça de Primo de Rivera - ou seja, sua expulsão ou remoção de tarefas de liderança - e o apontavam, com evidente exagero, como o principal culpado pela impotência e inação do Partido, bem como por sua direção errônea .

Antecedente parlamentar

Como precedente, devemos nos referir à atuação de Primo no Parlamento. Desde as primeiras semanas das Cortes, seu gosto por assuntos parlamentares pôde ser notado, e ele raramente faltava às tardes de sessões. Esse perfil parlamentar não era muito popular no Partido e era bastante impopular entre seus membros, especialmente porque ninguém via a menor eficácia nele em termos de propaganda.

A lamentável atuação no Parlamento culminou em um erro grave, principalmente diante da simplicidade ingênua de um certo setor dos ativistas. Sabe-se que, após a descoberta de grande quantidade de armas em sua casa, foi solicitada às Cortes autorização para processar o deputado socialista Lozano. (Essa descoberta, em relação a outra da mesma cor política descoberta em Cuatro Caminos, na qual foram encontradas 610 pistolas e inúmeras munições, foi, mesmo para os mais estúpidos, evidência de abundante armamento marxista.)

Dias depois, a polícia prendeu um militante da Falange e o encontrou portando as armas usadas pela guarda noturna que o Partido organizava diariamente no hotel de Primo em Chamartín. Por esse motivo, os pedidos de Primo e Lozano foram discutidos simultaneamente nas Cortes. Em seu discurso, Indalecio Prieto se opôs à concessão da cadeira a Primo, defendendo-a com a habilidade e o talento parlamentar que todos reconhecem neste líder socialista. É fácil supor que ele não se deixou guiar pela menor simpatia ou motivação sentimental, mas pelo desejo de melhorar, ou melhor, a situação do seu companheiro Lozano, cuja questão convinha que a revolução socialista se resolvesse bem, a fim de continuar, sem muitos obstáculos, armando e preparando a insurreição.

Bem, Primo, quando Prieto terminou seu discurso, o parabenizou efusivamente e apertou sua mão. Isso talvez fosse aceitável na lógica da cortesia parlamentar; Mas numa época em que os confrontos violentos eram frequentes, e os mártires feitos pela Falange pelos socialistas estavam muito próximos, isso produziu grande estupor e indignação em todos. Parece que o mesmo aconteceu com a juventude socialista contra Prieto, embora ele não tenha tomado nenhuma iniciativa, limitando-se a não rejeitar uma saudação que lhe foi oferecida.

Ansaldo polariza descontentamento

Conhecendo a rapidez de decisão de Ansaldo, era de se temer que logo surgissem dificuldades internas, e que a crise de tendências que se previa resvalasse para essa situação.

Ansaldo conseguiu que um grupo de ativistas proeminentes se juntasse a ele em seu protesto. Eles então elaboraram um plano para conseguir a expulsão do próprio Primo de Rivera. Esse plano foi aceito por vários setores e, apesar de ter sido proposto por alguém que representava uma tendência claramente de direita, encontrou apoio e apoio entre estudantes com uma atitude mais revolucionária. Quando já estavam meio comprometidos em apoiar o protesto, informaram Ledesma sobre isso. Bem, se possível, pretendiam que o Triunvirato, com base na situação de indisciplina e no tamanho do setor que exigia medidas contra Primo, apoiasse por maioria os propósitos dos descontentes. Em outro caso, eles pareciam dispostos a recorrer à violência para remover Primo de Rivera.

O assunto era, como se pode ver, profundamente sério. No fundo, o que estava a acontecer era uma consequência directa, como já dissemos, da frivolidade com que a organização fascista abandonou então a sua missão histórica: lutar até ao fim contra os preparativos insurreccionais dos socialistas, para impedir a vergonha de outubro. , não só a dos acontecimentos, mas outra vergonha nacional tão ou mais triste: a de que é o lerrouxismo, apoiado no medo de uma opinião covarde e insensata, quem aparece como salvador da pátria espanhola. Grande sarcasmo!

Quando um Partido combativo, cujo lema fundamental é lutar, não luta ou combate seus inimigos, ele inevitavelmente se desintegra por dentro, em lutas internas suplementares.

Organização de massa ou seita restrita?

Além disso, a crise interna a que nos referimos, que durou quase todo o verão de 1934, teve diante de si outro significado extraordinário, outro grande teste. O Partido foi forçado a decidir uma questão fundamental: ou uma organização de massas, ou uma organização restrita, uma seita minoritária. Falange Espanhola e o J.O.N.S. Eles eram então, em muitos aspectos, um conglomerado amorfo, no qual convergiam pessoas das mais diversas origens. Mas mesmo assim, não se podia negar que todos os setores que a compunham tinham, mais ou menos, um objetivo comum, em alguns mais claro do que em outros. Agora, um comando vigoroso, uma direção enérgica e inteligente poderia, é claro, canalizar todos eles, sem exceção, para o canal certo.

A forma como os dirigentes reagiram mostra como cada um considerou e apreciou essa característica do Partido - que era, evidentemente, o caminho das massas - essa realidade de ser constituído por pessoas diversas, com desejos talvez ainda não bem definidos e lapidados. pelo próprio Partido, embora certamente disposto e propício à coesão.

Para entender esse aspecto multiforme, nada melhor que algumas frases de Juan Aparicio em um artigo na revista JONS, tentando aplicar e atualizar o mito de Catilina. Nelas ele disse, com evidente gosto descritivo:

...nosso sindicalismo nacional, onde se reúnem os veteranos de Primo de Rivera, a juventude da antiga nobreza, a angústia do estudante sem cultura oficial e sem pátria livre, do rústico sem cultivo, do católico sem Jesus Cristo , a raiva e a miséria dos desempregados e famintos. (JONS, número 9, página 66.)

Repitamos que este era, na realidade, o caminho das massas e, naturalmente, o caminho para a vitória. Só uma organização que é capaz de atrair pessoas de natureza tão diversa, e que tem o talento de as inserir nas suas fileiras, de as manter ali, cumprindo uma tarefa, atribuídas a um serviço, revela-se uma organização capaz de conquistar as massas.

É claro que a organização fascista buscava alcançar essa qualidade: ser e constituir uma organização de massas. Nada é mais contrário a isso, então, do que uma linha restritiva, um exame rigoroso, quando novos membros solicitam filiação. E mais contrário ainda é prescindir a priori de todo um setor social, assediando-o sem necessidade tática ou estratégica e expulsando da organização aqueles que o representam. Ir às massas, forjar uma organização — de caráter fascista, não esqueçamos — de massas, obriga a manejar com destreza uma virtude: a de unificar os suspiros e os gritos das multidões que vêm de todos os pontos da rosa dos ventos , conferindo-lhes coesão, eficiência e disciplina.

Outra concepção, além de levar ao fracasso, implica sectarismo. A atitude de Primo de Rivera era sectária em muitos aspectos, pois ele atribuía a indisciplina e o protesto a essa realidade constitutiva da organização.

No entanto, com grande erro, Primo de Rivera não denunciou com a energia necessária ao Partido o que ele acreditava ser a causa dos protestos: uma artimanha dos reacionários. Isso teria resolvido a dificuldade a seu favor em cinco minutos.

Processando a crise interna

A situação a que nos referimos produziu uma tensão pessoal extraordinária entre os líderes. Ledesma reconheceu que a pretensão de Primo de Rivera era justa, em certo sentido, pedindo sanções contra aqueles que o atacavam tão cruelmente, mas, não sendo dado a agir exclusivamente por motivos sentimentais, considerou adequado deduzir do que estava acontecendo naquele momento vantagens da orientação, que garantem o melhor futuro do movimento.

Para isso, ele usou uma tática difícil e, acrescentemos, perigosa. Vendo que o grupo Ansaldo lutava contra Primo de Rivera, enfraquecendo consideravelmente a força deste último, pareceu-lhe uma ocasião oportuna para unir e unificar estas duas palavras de ordem: UNIDADE DO MOVIMENTO E SEU NORTE NACIONAL-SINDICALISTA. Opondo-se às expulsões e ao sectarismo de Primo de Rivera, ele foi o defensor e promotor da unidade. Ao afastar os dois grupos rivais — Ansaldo e Primo — da influência decisiva, ele garantiu a via nacional-sindicalista, isto é, o sentido social, antiburguês e revolucionário do movimento. (Digamos que até então o grosso do Partido, vindo do falangismo, e sobretudo a hierarquia das milícias, tudo isso com espírito regressivo, opunha grande resistência às orientações jonsistas de Ramiro Ledesma.)

Ora, se o grupo de Ansaldo — não esqueçamos o significado bastante monárquico disto, ainda que os seus auxiliares no protesto não o tivessem — obtivesse uma vitória completa sobre Primo, conseguindo a sua expulsão ou afastamento, o perigo, grave e imediato, Esse era o controle da organização por pessoas de lealdade muito suspeita àqueles que chamamos de nortes nacional-sindicalistas do Partido.

Para evitar ambas as coisas: uma, a influência única e absorvente de José Antonio, cujo temperamento e formação teórica o levaram facilmente a operar com ideias falsas e a adotar táticas errôneas, e outra, o controle da Falange por elementos que desejavam fazê-la organização fiel aos slogans tradicionais da direita, Ledesma decidiu intervir perigosamente no processamento da crise interna.

Diante das dificuldades que encontrou no seio do Triunvirato para levar a cabo as suas medidas, Primo ameaçou abandonar o Partido, ou então dar um golpe na organização, proclamando-se líder único, pois dizia estar seguro de que toda a organização teria uma ampla base de apoio. os militantes o consideravam o líder mais qualificado.

Ruiz de Alda hesitou diante de certas propostas de Ledesma e, no final, depois de pensar nisso durante seis ou oito dias, disse-lhe que, embora concordasse com quase todos os objetivos finais e com quase todas as consequências que o plano perseguido, ele não colaboraria ativamente em sua implementação. Este plano visava resolver a crise interna de tal forma que, sem naturalmente dispensar Primo de Rivera, tivesse um desfecho frutífero para o movimento.

Veremos mais adiante como prevaleceu o critério de destacar uma direção única, salvando com sucesso a unidade do movimento, coincidindo com as primeiras faíscas da Revolução de Outubro, cujos dias o Partido já atendia com um novo regime de comando.

Jonsistas mobilizam desempregados

Enquanto os incidentes que acabámos de referir se desenvolviam no movimento, os jonsistas, que não esgotavam a sua atenção em seguir de perto tais problemas, apesar do seu grande interesse por eles, decidiram promover a criação e o desenvolvimento de sindicatos, iniciando assim o recrutamento de trabalhadores para o Partido.

Essa tarefa é de inteira responsabilidade deles. Coincide com as agitadas semanas de agosto, quando a organização fascista começou a atrair trabalhadores com sucesso, criando sindicatos e lançando o Centro Nacional-Sindicalista dos Trabalhadores, uma filial do Partido.

Apesar de realizar o trabalho inicial em circunstâncias difíceis e com poucos recursos, os resultados foram rápidos e imediatos. Após quinze dias, as instalações que o Partido havia disponibilizado aos sindicatos eram insuficientes para acomodar os trabalhadores que chegavam. Elas enchiam todos os cômodos, os jardins e se acumulavam perto das portas da rua. A coisa parecia um milagre, mas o milagre não era outro senão a atividade, o zelo e a "técnica de agitação e organização" dos jonsistas.

Em vista do sucesso, o Partido dedicou toda a atenção possível a essas obras sindicais. Grupos de trabalhadores nacional-sindicalistas, com a colaboração de outros camaradas do Partido, foram aos bairros proletários e distribuíram abundantemente folhetos de propaganda, convidando todos os trabalhadores a se filiar a esses sindicatos e abandonar a disciplina vermelha.

O propósito era árduo. E ainda mais quando a preparação revolucionária marxista estava culminando. Em 30 de agosto, ocorreu um violento confronto em Cuatro Caminos entre aqueles que distribuíam naquela rotatória panfletos nacional-sindicalistas, destinados aos desempregados, e um grande grupo de marxistas. Ambos os lados usaram armas e um dos líderes do Partido Comunista, Joaquín de Grado, que participava da luta, foi morto.

Os jonsistas que lideravam o trabalho de organização sindical, determinados a obter uma vitória retumbante no setor operário, que desse ao Partido a base proletária de que necessitava, elaboraram corajosamente um gigantesco plano de mobilização dos desempregados.

À custa de um trabalho extremamente intenso, fizeram uma espécie de censo de todas as obras e oficinas. Após um exame técnico das características de cada um, passaram a atribuir-lhes um maior ou menor número de desempregados, tendo em conta as hierarquias profissionais.

Ao mesmo tempo, uma grande quantidade de folhetos e convocatórias foram distribuídos por Madri a todos aqueles que estavam desempregados, oferecendo-lhes trabalho e convidando-os a se juntar aos sindicatos nacional-sindicalistas da Falange de las J.O.N.S.

Os trabalhadores compareceram em números extraordinários aos escritórios do Partido e do Sindicato na Calle del Marqués de Riscal. A Diretoria de Segurança foi obrigada a criar um serviço de ordens. A rua estava quase toda cheia de trabalhadores, que impediam ou dificultavam o trânsito.

Tal espetáculo deixou toda a Madri atônita, as autoridades em expectativa e os líderes dos sindicatos vermelhos atônitos. Ninguém conseguia entender que mola, que varinha mágica os fascistas tinham puxado para que, em menos de uma semana, mais de 30.000 trabalhadores acorressem rápida e diligentemente às suas organizações.

O primeiro protesto de trabalhadores desempregados nos canteiros de obras foi organizado para 3 de setembro. Cerca de dez mil panfletos foram distribuídos ao mesmo número de trabalhadores da construção civil, instruindo-os a se apresentarem para trabalhar às oito horas da manhã de segunda-feira, no local indicado no panfleto.

Não houve nenhum canteiro de obras em Madri, grande ou pequeno, onde nacional-sindicalistas desempregados não aparecessem para trabalhar naquele dia. Incidentes ocorreram em grande número. Em vários lugares eles foram recebidos com tiros pelos demais trabalhadores, não por serem considerados inimigos políticos ou sociais como se poderia acreditar, mas em nome de um conceito de rivalidade profissional, defendendo o próprio trabalho.

A operação não pôde continuar nos dias seguintes, embora a mobilização de outros sindicatos também estivesse preparada. As autoridades impediram isso fechando instalações e defendendo os canteiros de obras e oficinas contra a presença violenta dos trabalhadores desempregados.

Mas foi um dia revolucionário magnífico para o Nacional-Sindicalismo, e ele emergiu com verdadeiro prestígio entre os trabalhadores. Puderam ver que a organização fascista não era uma frivolidade, uma flor de artifício e engano, nascida no calor dos patrões, mas uma nobre bandeira social, que apontava aos trabalhadores um caminho de luta, ajudando-os e guiando-os. eles em sua batalha diária por Pão e Justiça.

Em meados de setembro, após a agitação entre os desempregados e os esforços para estabelecer os sindicatos do Partido, eles tinham cerca de 15.000 trabalhadores. Tal vitória, arrancada das fileiras dos sindicatos vermelhos em quinze dias, foi sem precedentes nos campos antimarxistas.

Dois ataques muito graves em San Sebastian

Em 9 de setembro, um dos líderes fascistas desta cidade, Carrión, foi gravemente baleado em San Sebastián, morrendo poucas horas depois. Vale ressaltar que a seção de San Sebastián não sofreu nenhum conflito violento, nem teve qualquer importância. Além disso, Carrión, dono e gerente de um hotel, era um homem de caráter gentil e pacífico. Portanto, não foi uma tarefa fácil explicar o ataque ou seus motivos.

Mas havia uma segunda parte. Menos de meia hora depois da morte de Carrión, o famoso agitador revolucionário e ex-diretor de Segurança Andrés Casaux também foi morto a tiros em uma rua de San Sebastián. Isso era muito conhecido; um dos poucos homens de ação e caráter que iluminou o movimento republicano. A notícia de sua morte chocou toda a esquerda, especialmente os conspiradores da insurreição de outubro, em cujos dias, se não tivesse sido assassinado, Andrés Casaux sem dúvida teria revivido seus louros como revolucionário. Suas atividades eram bem conhecidas e ninguém hesitou em atribuir-lhe um papel de destaque nos preparativos mais delicados da insurreição.

O Socialista, ao comentar sua morte, insinuou os grandes serviços que o partido socialista lhe devia. Serviços, disse ele, cuja qualidade e magnitude estavam então fora de questão. E que dia oportuno chegaria para poder torná-los públicos.

Nada poderia ser mais simples — ou mais falso — do que vincular os dois assassinatos, no sentido de atribuir o assassinato de Casaux à vingança dos fascistas. Era nisso que muitos acreditavam, e o que as autoridades também acreditavam, ou fingiam acreditar. É possível, no entanto, que os dois eventos estejam relacionados, mas de uma forma muito diferente daquela que lhes foi atribuída na época.

De qualquer forma, a morte de Casaux parece oferecer muito poucos mistérios. Aconteceu vinte e cinco dias antes do início dos dias insurrecionais. E não foi exatamente a organização fascista — embora devesse ter sido — a encarregada de destruir a Revolução de Outubro. Pessoas que eram mais ou menos localizáveis e visíveis estavam ansiosamente envolvidas nisso. E também, claro, o Governo, o Ministério do Interior.

Uma campanha em série de MUNDO OBRERO. O antigo legionário Calero

Na última quinzena de setembro, e sem dúvida como ingrediente de agitação para o golpe revolucionário, o Mundo Obrero, o órgão dos comunistas, começou a publicar informações espetaculares sobre a organização interna e os propósitos do fascismo. Diariamente, por mais de duas semanas, sob o título geral de "Falange Espanhola dos J.O.N.S. "Organização criminosa a serviço do capitalismo" publicou algumas histórias fantásticas, em formato de seriado, denunciando uma série de crimes "em andamento" e "trazendo à luz" a "escuridão" dos grupos armados, bem como as aventuras e anedotas da vida do Partido .

Era tudo, claro, pura fantasia; mas certos detalhes que remetiam ao que chamamos de "vida anedótica", a publicação de fac-símiles de circulares e outros documentos, a veracidade de alguns dados sobre as dificuldades internas que então culminavam, etc., revelavam que o autor daquelas truculências era um afiliado envolvido em espionagem, ou alguém que recebeu as informações necessárias dele/dela.

Descobriu-se finalmente que seu autor, ou pelo menos a pessoa que escreveu o primeiro rascunho, talvez modificado posteriormente pela inserção de fraseologia marxista aqui e ali, era, na verdade, um militante: Calero. Ele trabalhava em tarefas burocráticas para os sindicatos, o que significava que ele podia comer mal em alguns dias. Era uma personagem pitoresca, muito conhecida em todos os setores políticos que tinham representação no Presídio Modelo de Madrid.

Calero é aquele legionário da África, que muitos lembrarão, que matou a namorada e depois se dedicou na prisão a escrever e a fazer amizade com políticos de todas as cores, desde a equipe republicana de 30 de dezembro até os monarquistas de 10 de agosto. Mais tarde, ele esteve em Dueso, mostrando-se muito orgulhoso de ter sido meio-secretário do General Sanjurjo lá. Mas seus relacionamentos mais contínuos foram, é claro, com extremistas sociais, porque eles também eram mais permanentes como companheiros na prisão.

Quando foi solto, amparado por um indulto, um dia ele apareceu nas dependências fascistas, e lá, como ele era inteligente, sabia datilografar e se contentava com pouco, permitiram que ele colaborasse no trabalho sindical do Partido.

Calero era, no fundo, um semi-louco, com duas manias ou obsessões. Uma, de natureza erótica, o fez acreditar ser um Don Juan irresistível. Outra, literária, de um grafomaníaco ou escritor. Os comunistas exploraram essas duas manias, induzindo-o à traição. Para isso, eles recorreram a uma militante vermelha, Carmen Meana, funcionária do Metrô, que havia estado na Rússia. O pobre Calero, tão galante, aparentemente cedeu às exigências do amigo soviético, não sem que sua outra obsessão, a de grafomaníaco, também influenciasse sua determinação de escrever as informações para o Mundo Obrero.

Sentindo-se descoberto, Calero fugiu de Madri. Ninguém sabe se é por medo, vergonha ou algum outro motivo. Algumas semanas depois, ele foi encontrado morto em Barcelona. A polícia não conseguiu explicar o crime. Como sua presunção de Don Juan era bem conhecida e cinco ou seis fotos de mulheres foram encontradas em sua carteira, eles atribuíram o incidente a algum tipo de vingança por amor. Calero também atuou na mídia da F.A.I., fazendo investigações nesse sentido. Quem sabe!

7. OUTUBRO E DEPOIS DE OUTUBRO

Nomeação de líder nacional

A revolta marxista e separatista de outubro pegou o Partido no meio de sua disputa interna. Depois das dificuldades que mencionamos, os líderes concordaram em dar lugar a uma direção única, para facilitar as aspirações de Primo de Rivera, eliminando assim, de um só golpe, a vida anormal do movimento. Ansaldo foi expulso da organização, e os militantes que queriam, de alguma forma, um líder puderam ver seus sonhos se realizarem. Outros, no entanto, tinham todo tipo de reservas quanto à nomeação, que, no entanto, aceitaram com disposição de colaborar com a maior lealdade e sinceridade.

Em setembro, o Triunvirato foi suspenso como órgão supremo da Falange, por acordo de seus membros, que transferiram toda sua autoridade a Primo de Rivera para que ele pudesse convocar um Conselho nacional. Primo nomeou os conselheiros, elaborou novos Estatutos e também ditou os regulamentos para as sessões do Conselho. As tarefas específicas deste eram: aprovação dos Estatutos, nomeação de um líder nacional e preparação das bases programáticas.

O Conselho estava programado para se reunir nos dias 5, 6 e 7 de outubro. Portanto, coincidiu completamente com a revolução socialista e a rebelião de Companys. Diante dos acontecimentos, e que os primeiros tiros marcaram as horas da primeira sessão, o Conselho aprovou rapidamente os Estatutos e, com a mesma urgência, nomeou Primo de Rivera como líder nacional. Quanto ao programa, ficou acordado que ele seria elaborado pelo Conselho Político, um novo órgão consultivo que os Estatutos recentemente aprovados criaram como um órgão auxiliar sênior da Sede.

A organização fascista tinha, portanto, um líder. As razões para a confusão, lentidão ou ineficiência no comando não podiam mais ser atribuídas ao comando plural dos triúnviros. Além disso, a Espanha ofereceu uma oportunidade formidável para aprimorar, fortalecer e encorajar o caminho de um líder. Uma oportunidade melhor do que nunca. O medo de alguns, a decepção de outros e a audácia e inteligência de uma minoria podem ser três fatores que, geridos pela brilhante intuição de um verdadeiro líder, podem proporcionar sucessos surpreendentes e rápidos. Era mais uma vez a hora fascista, o momento histórico da Falange Espanhola do J.O.N.S. Pois se antes, nos meses da revolução socialista, não quis ou não pôde aproveitar outra oportunidade semelhante para o seu triunfo, agora, depois do golpe vermelho, uma segunda demonstração de impotência seria talvez a morte definitiva do Partido , seu provável colapso histórico.

Primo de Rivera inaugurou sua liderança com um cenário esplêndido. Dentro do Partido, toda dissidência foi silenciada e a mais rigorosa disciplina foi colocada sob seu comando, o que era naturalmente necessário, tanto pelas circunstâncias quanto pelo bom senso. Lá fora, a Espanha vivia dias históricos, enchendo a barriga para que partos frutíferos fossem possíveis. Não havia mais nada a pedir.

O Partido sai às ruas contra a insurreição marxista e contra o separatismo rebelde

Na manhã de domingo, dia 7, quando as primeiras notícias sobre o desempenho de Companys foram recebidas, o Partido teve a oportunidade de se fazer visível nas ruas. Os esquadrões foram desmobilizados ao amanhecer, pois devido à insurreição da Generalitat e ao medo de um aumento da rebelião em Madri, permaneceram acordados a noite toda, algo que já acontecia há três dias. Essa foi a razão pela qual havia relativamente poucos membros no escritório central quando foi dada a ordem de organizar uma manifestação jubilosa pela vitória do Exército contra os separatistas.

Uma bandeira tricolor foi comprada às pressas, e as poucas dezenas de camaradas que estavam na sala, tendo se tornado oficiais de ligação, saíram em busca de seus companheiros. Pontualmente às doze horas começou a manifestação, partindo das dependências do Partido, com cerca de quinhentos militantes. A rota era Castellana-Recoletos-Alcalá e Puerta del Sol. A bandeira foi carregada por um diretor de Barcelona, Roberto Bassas, que tinha vindo a Madri para participar do Conselho Nacional. À frente estava Primo de Rivera, acompanhado por Ruiz de Alda, Ledesma e o Tenente-Coronel Rada, que havia sido recentemente nomeado chefe das milícias do Partido.

A manifestação foi um sucesso inegável. Isso é provado pelo fato de que 500 pessoas começaram nas dependências do Partido e cerca de vinte mil chegaram à Puerta del Sol. Também foi um sucesso em termos de tempo e integridade. No dia 7, a subversão marxista estava apenas começando, e uma grande manifestação nas ruas era um alvo fácil para qualquer agressão armada dos grupos vermelhos, com o objetivo de espalhar pânico e terror entre a população.

Na Puerta del Sol, em cima de alguns andaimes do canteiro de obras do Metrô, em frente ao Ministério do Interior, Primo de Rivera proferiu algumas palavras. A praça estava lotada de uma multidão ansiosa e vários ministros estavam sentados nas sacadas do prédio oficial.

Era hora de um discurso preciso e cheio de futuro histórico. Que fosse, ao mesmo tempo, o ápice e a consequência da manifestação realizada, uma palavra de ordem para aquelas massas e uma advertência implacável para aquela equipe ministerial. Primo simplesmente lembrou que aquela data, 7 de outubro, era a data de Lepanto, e convidou o Governo a assumir o comando do magnífico momento histórico que estava por vir. As palavras de Primo de Rivera eram inexperientes, ingênuas e sinceras. Depois de três dias agitados, e diante da inesperada responsabilidade pessoal por aqueles minutos, talvez seja compreensível que ele não tenha percebido exatamente o sinal certo.

A lógica forçada

É verdade que o Governo Lerroux-Gil Robles precisava de ajuda naqueles dias, quando foi atacado pela insurreição marxista. E que elas tinham que ser fornecidas e oferecidas com poucas condições. Mas esta lógica, que de modo tão simples corresponde a um grupo de supostos conservadores, a um espírito preocupado apenas com a ordem do momento, tem de ser superada pela lógica de um revolucionário nacional, isto é, pela lógica de um fascista. Este último não poderia limitar-se a colaborar na ação defensiva ou repressiva de um governo democrático-burguês como o de Lerroux, sem considerar com a mesma intensidade, com a mesma urgência, o problema da sua estratégia face a essa mesma situação vitoriosa.

Interpretar essa lógica até as últimas consequências é algo que não deveria ter sido perdido de vista pelo comando da Falange do J.O.N.S., nem por um minuto, durante todo o mês de outubro.

Uma vez desencadeada a insurreição socialista, um movimento como a Falange teve que enfrentar corajosamente o problema de tomar o poder e lutar, em profundidade, contra o governo democrático-burguês de Lerroux.

Atmosfera rarefeita. Expectativa de possíveis eventos político-militares

É sabido que a vitória de outubro, na medida em que envolveu luta armada contra a ofensiva dos revolucionários, deveu-se inteiramente às tropas e à força pública. Tanto o episódio da tomada da Generalitat em Barcelona como as batalhas nas Astúrias revelaram a presença nas áreas mais jovens do Exército de um espírito eficiente, sensível à emoção nacional espanhola e disposto a servi-la de forma abnegada.

Durante todo o mês de outubro, ou seja, mesmo depois que a revolução foi derrotada, a atmosfera espanhola estava carregada de um espírito subversivo. E com isso nos referimos, naturalmente, não às zonas revolucionárias, mas às demais zonas do país.

Muita conspiração ocorreu na Espanha nas vinte e quatro horas seguintes à derrota do marxismo. O mais estranho seria se não houvesse conspiração. O sangue dos soldados e da força pública havia corrido. Um grande setor do proletariado também lutou, com uma capacidade inequívoca de luta heróica e altruísta. Os únicos que realmente não significavam nada no conflito eram os grupos ministeriais, o sistema ao qual eles permaneciam vinculados e os altos líderes do regime. Que estranho é, repetimos, que muitos pensassem na necessidade de conquistar o Estado e governar a Espanha, já que era bem sabido que aquele povo não poderia governá-la!

Não é nossa função aqui fazer considerações gerais sobre a situação em outubro. Somente enquanto pudermos relacioná-los com o caminho do fascismo, o único tema destas páginas. Mas podemos nos referir à atividade realizada em certos meios de comunicação para fornecer uma solução militar para essa situação. A dança dos generais ficou permanente por alguns dias no imaginário de todos os espanhóis. Lerroux foi forçado a declarar diante dos jornalistas que qualquer tentativa de revolta seria tola e traiçoeira. E é bem conhecida a frase de outra figura de altíssima patente, que, ao receber notícias de acontecimentos militares iminentes, respondia àqueles que as transmitiam: "Eu também tenho meus generais". Não havia espaço para mais tensão, nem uma ideia mais sintomática de quão verdadeiramente insustentável era a situação.

As pessoas estavam certas em apontar o dedo para uma figura militar específica naquela época, como sendo mais facilmente associada à solução direta da disputa. Este soldado tinha uma relação próxima com Gil Robles, chefe da C.E.D.A., uma organização, como se sabe, dotada do menor espírito possível para tarefas de violência. Sabe-se também que a C.E.D.A., assim como seu líder e aqueles que o inspiram, constituem na Espanha as forças políticas mais estreita e diretamente relacionadas à diplomacia vaticana de Roma. Não estão muito enganados aqueles que suspeitam que a Igreja Católica, através da sua diplomacia e dos seus órgãos de ação e influência, foi responsável pelo erro ou acerto de não ter havido eventos político-militares na Espanha depois da insurreição marxista e separatista.

Oportunidade e possibilidade da Falange do J.O.N.S. para uma ação armada

Diante dos acontecimentos de outubro, a organização fascista foi a única força que pôde fazer deles a interpretação histórica mais fértil. Falange dos J.O.N.S. Ele não deveria ter depositado sua confiança no Governo Lerroux nem por um minuto sequer e considerá-lo, uma vez terminada a insurreição, como seu pior inimigo. Como a revolução socialista foi derrotada, era seguro dizer que isso não significava a verdadeira destruição do marxismo.

O marxismo não pode ser radicalmente derrotado e destruído a menos que alguém tenha uma angústia social para substituí-lo na alma e na esperança das massas.

Por outro lado, de uma repressão antimarxista ordenada e dirigida por um governo democrático-burguês, como o de Lerroux-Gil Robles, só se poderia esperar um maior ou menor atraso na recuperação, e mesmo na superação, da sua antiga força.

Mas houve um momento em que o povo espanhol, as grandes massas, estavam dispostas a aceitar, como consequência lógica dos acontecimentos de Outubro, o esmagamento do marxismo, e grandes sectores da classe trabalhadora também estavam dispostos a dissociar-se das suas organizações. , abrindo sua atenção para diferentes direções sociais.

Naquela época, os generais conspiravam e os membros mais jovens do Exército viviam em uma espera permanente pelos acontecimentos para aumentar seu entusiasmo. Não se deve esquecer que as jornadas revolucionárias de outubro tiveram, junto com a dimensão social das Astúrias, os episódios antinacionais da Catalunha, a luta do Exército contra os grupos facciosos que buscavam destruir a unidade da Espanha. Esse duplo aspecto contribuiu então para que fosse mais fácil e simples encontrar cooperação para a ação de resgate que se fazia necessária.

Atendendo a pedidos ou por iniciativa própria, Primo deu alguns passos na atmosfera conspiratória. Não muitos. Primo era um cético e - o que não é comum nem normal entre líderes - subestimou a força e a missão de seu próprio Partido. Ele não podia imaginar que a Falange teria ou deveria ter um papel decisivo na Espanha naquela época, subestimando grosseiramente, repetimos, sua importância e seus números.

É claro que, se a organização fascista penetrasse nas áreas restritas do Exército, a missão que lhe correspondia não poderia consistir, naturalmente, em juntar-se à comitiva de qualquer general, arriscando o futuro do Partido e da Pátria na probabilidade de que esse general seria capaz de escapar, independentemente de o general ter ou não habilidade e talento. De jeito nenhum. Nas reuniões da Junta Política, organismo, não esqueçamos, de natureza consultiva, Ledesma insistiu em que, se o combate ao Governo fosse lançado, em acordo com elementos militares, isso deveria ser feito apenas arrastando consigo as posições e slogans do Partido ao setor oficial que era politicamente mais intrépido, ousado e determinado. O dever da Falange era dirigir e absorver a capacidade insurrecional desses elementos, unindo-os aos seus próprios grupos para organizar a tomada violenta do poder.

Para atingir esse objetivo, cabia então ao Partido mobilizar a máxima atividade e enfrentar todos os riscos, mesmo os mais graves.

Afirmo sem hesitação que, nas primeiras semanas de novembro, estava dentro das possibilidades reais da organização ter promovido efetivamente uma ação armada. Ele tinha a influência necessária sobre um grupo de jovens comandantes do Exército, que eram inclinados à insurreição, e também tinha seus esquadrões, os grupos militarizados do Partido, que, embora não muito numerosos, alcançaram a importância de combate necessária. Quanto à oportunidade do momento e sua necessidade para a Pátria, não há necessidade de falar.

Primo de Rivera não via dessa forma nem queria ver dessa forma. Talvez porque ele tenha hesitado em comprometer a vida da organização com uma tarefa tão séria, apenas um mês depois de assumir a liderança do movimento. É preciso supor que o fato que mencionamos antes, não menos real e verdadeiro por ser absurdo, também teria influenciado sua resistência: Primo subestimou a importância do Partido, considerando pura utopia que ele pudesse aspirar, tão cedo, à supremacia liderança do Estado. Eu não tinha, portanto, nenhuma confiança no sucesso de uma ação decretada e dirigida, naquela época, pelo Partido.

Agora, as ocasiões históricas passam por nós, não de acordo com o cronograma de nossas preferências, mas obedecendo a leis e motivos que geralmente lhes são estranhos. Napoleão não desencadeou a Revolução Francesa, mas conquistou e extraiu dela seu império pessoal e o império da França sobre quase toda a Europa. Se, em 1799, ele se considerasse jovem demais para aspirar à dignidade de Primeiro Cônsul, rejeitando a oportunidade para esperar uma idade mais séria, em vez de um gênio histórico, ele teria se revelado um tolo.

Além disso, embora o sucesso não estivesse e não pudesse ser garantido em outubro ou novembro, não havia razão para fechar os olhos ao imperativo insurrecional. Organizações de combate são criadas, desenvolvidas e ganham prestígio em combate. Um fracasso da Falange Espanhola do J.O.N.S. Em novembro de 1934, desencadeando uma ação violenta, teria colocado seus líderes na prisão e desmantelado temporariamente suas organizações; mas, além de tudo isso, também lhe teria dado força moral e prestígio entre as grandes massas espanholas. Ele o teria embutido, em suma, no futuro seguro da Pátria, com um registro de lutas, sacrifícios e desejo heróico de vitória. O que ele conquistou, se não mantendo a legalidade e renunciando àquelas ações decisivas?

A atitude do Governo

O desenvolvimento da política radical-cedista também forneceu novos motivos a cada dia para insistir em uma linha de luta e oposição implacável. O escandaloso perdão ao traidor Pérez Farras, ao mesmo tempo que a repressão silenciosa nas Astúrias, foi extremamente duro. A nomeação de Portela Valladares para o cargo de Governador Geral da Catalunha, sendo um dos políticos cuja obra na sua região galega consistiu em transplantar o mesmo problema autônomo que conduziu, na Catalunha, aos acontecimentos de outubro, etc., etc.

Além disso, assim que a revolução foi derrotada e todas as suspeitas de que brasas subversivas seriam acesas desapareceram do horizonte, o governo atacou F.E. do J.O.N.S., suspendendo sua Imprensa, fechando suas instalações, etc., como se tivesse sido de fato o executor direto da subversão a meio caminho do marxismo.

Uma viagem à Astúrias

No início de novembro, Primo fez uma viagem às Astúrias, acompanhado de Ruiz de Alda. Ele permaneceu lá tanto para orientar a propaganda do Partido nas semanas após a revolução quanto para monitorar de perto o desenvolvimento de incidentes políticos que eram esperados entre as tropas.

Primo fez alguns discursos, mas certamente não conseguiu interessar suficientemente a população, embora grandes setores da população estivessem ansiosos por sua viagem. É possível que os asturianos ainda não estivessem recuperados da tragédia, nem em condições de ouvir e entender discursos políticos.

Imperativos de uma batalha na ordem sindical

Passada a oportunidade de insurreição e tendo o Governo normalizado, pode-se dizer, os seus mecanismos oficiais, o Partido só tinha uma maneira de extrair consequências positivas da Revolução de Outubro: o recrutamento de trabalhadores. Era hora de fortalecer os sindicatos — tão oportunamente criados, como vimos, dois meses antes —, hora de uma luta profunda, no campo sindical, contra o marxismo.

Todos sabem com que angústia e preocupação os dirigentes políticos e sindicais do Partido Socialista e da UGT acreditavam, durante as semanas seguintes a outubro, que os quadros dos seus sindicatos seriam materialmente transplantados para as organizações da F.E. do J.O.N.S. Eles realmente acreditavam em uma fuga avassaladora das massas, que seria inevitavelmente provocada se o fascismo preparasse as redes para táticas sindicais inteligentes. Lembrei-me da mobilização dos desempregados, realizada em setembro pelos jonsistas, na qual demonstraram grande capacidade de agitação e organização dos trabalhadores.

Esses medos dos marxistas eram, infelizmente, infundados. Os trabalhadores permaneceram fiéis às suas antigas organizações ou se retiraram delas, mas não se juntaram às fileiras dos Sindicatos Nacionais Sindicalistas pró-fascistas.

Esse fracasso teve uma origem política e não sindical. Obviamente, os sindicatos fascistas não precisam ser baseados em um senso profissional rigoroso e apolítico. Muito pelo contrário. Porque eles são informados, no fundo, por um sentimento de luta e rivalidade contra o marxismo, justamente naquilo que ele tem de tendência política bem definida e clara. Somente um partido fascista vigoroso pode dar vida a sindicatos fascistas que também sejam dotados de vigor. Se o Partido hesitar e não desenvolver uma linha política eficaz e vigorosa, seus sindicatos seguirão o mesmo destino.

E já dissemos que, depois de outubro, F.E. do J.O.N.S. Ele não demonstrou a determinação necessária nem encontrou seu verdadeiro caminho. Ou seja, ele nem sequer decidiu se levantar; nem mais tarde, depois que a oportunidade passou, ela foi capaz de descobrir o segredo das massas espanholas. De fato, havia uma fraqueza e uma falta de visão incompreensíveis no Partido em relação ao único slogan que era então justo e poderia ser bem-sucedido: o de perseguir e ameaçar o Governo Lerroux-Ceda.

A decepção e a desconfiança com que o país testemunhou as formas, tanto por excesso como por defeito, com que o Governo desenvolveu a repressão e dirigiu a política de liquidação dos acontecimentos, foi de tal magnitude que a estratégia mais cândida exigiu utilizá-la como plataforma. Além disso, e isso é lógico, as massas populares tinham tanto ódio e repugnância pela equipe Lerrouxista que qualquer ação iniciada com talento e vigor contra ela encontrava forte ressonância e simpatia entre os trabalhadores.

Falange dos J.O.N.S. Ele deveria ter aproveitado esse estado de espírito das massas, sabendo que a hostilidade contra o governo radical-cedista, qualquer que fosse o que dissesse o setor mais vil, estúpido e covarde da burguesia nacional, era a menos provável de assemelhar-se a um crime. Traição contra a pátria.

Das fileiras marxistas ao nacional-sindicalismo

O fato é bem conhecido. Tanto na Itália quanto na Alemanha, a expansão fascista muitas vezes privou o marxismo de um bom número de combatentes revolucionários. Eles descobriram o verdadeiro significado social e a emoção nacionalista profundamente popular do fascismo. Na Espanha, onde por incontáveis anos somente a esquerda subversiva e as organizações vermelhas pareciam ser as únicas preocupadas ou informadas por uma preocupação social justa, a ideia nacional, o patriotismo revolucionário, era completamente desconhecido entre os trabalhadores. Essa situação levou a que, quando uma bandeira e uma organização eficiente e limpa estavam disponíveis, houvesse hesitações em um setor mais ou menos restrito das fileiras revolucionárias.

O J.O.N.S., em seus primeiros dias, antes da unificação com a Falange, percebeu com otimismo que esse fenômeno era uma esperança real. Grupos de antigos revolucionários vermelhos juntaram-se às tarefas jonzistas. Todos na Espanha viam o movimento fascista como tendo uma de suas melhores perspectivas: a possibilidade de nacionalizar um certo setor dos trabalhadores, separando-os das organizações vermelhas. Essa tinha que ser, de fato, uma de suas justificativas. A forma como a Falange Espanhola nasceu e sua filiação - na opinião das massas - a rotas com muito pouca garantia popular, infelizmente dificultaram esse esplêndido objetivo.

Esperava-se que a Revolução de outubro revivesse esse fenômeno. Tanto as lições que se puderam extrair dos acontecimentos, como a clareza com que traçaram o horizonte político-social, juntamente com a catástrofe marxista, traçam a inanidade e a hipocrisia das formas liberal-democráticas, deveriam produzir um grande número de combatentes homenageados. Uma decisão favorável à bandeira nacional-sindicalista do fascismo.

As esperanças foram frustradas. Apenas grupos isolados originários do comunismo fizeram sua aparição. Isso aconteceu em Sevilha, um pouco nas Astúrias e também na região da Galiza, geralmente envolvendo militantes muito bons. Sua presença entusiasta, apesar do caminho impróprio e tímido que se tornava cada vez mais visível no Partido, revela as enormes possibilidades que uma autêntica atitude nacional-sindicalista encontraria nessa direção.

Escrevendo uma folha de programa. Os vinte e sete pontos

Em outubro de 1934, o Partido ainda não havia publicado nenhum documento de propaganda que refletisse suas aspirações programáticas centrais. Era obviamente útil escrever um folheto dessa natureza em um estilo direto e acessível ao entendimento das massas.

Levar a cabo esse propósito no final de outubro foi ao mesmo tempo oportuno e não oportuno. Primeiro, se isso foi feito com o objetivo de acelerar a propaganda do momento, a situação pós-revolucionária. Em segundo lugar, se, como era de se esperar, o documento aspirava a uma validade mais ampla, para todo o futuro da organização, isso significava dissociar-se do momento especial da Espanha e de seus problemas imediatos.

O programa foi elaborado pelo Conselho Político nos primeiros dez dias de novembro. Ele contém 27 pontos, que desde então têm sido considerados pelos ativistas como seu evangelho político. Seu primeiro rascunho foi feito por Ramiro Ledesma, que presidia aquela organização, e posteriormente modificado por Primo de Rivera no sentido de tornar as expressões mais abstratas e suavizar, desradicalizar, alguns pontos.

A página ficou, assim, um tanto desbotada, cheia de preocupações acadêmicas, menos adequada para interessar as grandes multidões da cidade e do campo.

Giménez Caballero, que, como membro da Junta Política, participou das reuniões preparatórias para a elaboração deste documento, protestou veementemente contra a inadequação de dedicar dias intermináveis a ele. O seu grande sentido da realidade —apesar de ser escritor, de teórico— fez-lhe perceber o absurdo de horas tão sérias e historicamente decisivas para Espanha como as que os mais altos órgãos do Partido passavam a discutir como seriam as corporações, que características teriam correspondem a ela, como o Estado nacional-sindicalista abordaria o problema da educação, etc.

Isso foi, de fato, desanimador, porque era o sinal mais palpável de desconexão e tremenda distância da realidade nacional da Espanha, de suas preocupações atuais e de seus esforços. Isso também era prova de que ele se recusava a intervir, com sucesso ou infelizmente, nas possíveis lutas daqueles dias e a se dissociar radicalmente delas.

Impotência e fraqueza

Quatro meses depois da Revolução de Outubro, e também depois da liderança única de Primo de Rivera, o Partido se encontrava em uma situação de impotência e debilidade que equivalia, francamente, à sua inexistência. E isso, como vimos, depois do acontecimento histórico mais frutífero que se poderia sonhar.

Nenhum dos resultados lógicos que poderiam ser esperados após os eventos de outubro foi alcançado. O recrutamento de novos militantes diminuiu. O número de membros do sindicato diminuiu. Em suma, o impacto do movimento na vida política do país e na realidade política das ruas foi diminuído.

Alguns setores, vindos da direita, foram saindo dia a dia, para se unir ao Bloco Nacional, entidade reacionária criada naquela época por Calvo Sotelo. À frente deles estava Eliseda, o único deputado que, junto com Primo, tinha uma filiação fascista no Parlamento.

A mesma atitude, no que diz respeito a ignorar o movimento, foi adotada por outros grupos, que voltaram para casa ou, desiludidos com sua fé nacional, buscaram contato novamente com o extremismo vermelho.

A decomposição interna também estava crescendo de forma preocupante. Nada era possível. Nenhuma imprensa ou qualquer trabalho de qualquer tipo. Além disso, como o Partido não conseguiu formar uma organização adequada para a acção e propaganda ilegais, as únicas possíveis naqueles meses de silêncio forçado pelo rigor do estado de guerra, a inacção absoluta enferrujou e desmoralizou até os mais entusiastas e firmes .

Primo de Rivera levou mais semanas do que deveria para perceber isso. Talvez fosse injusto atribuir-lhe toda a responsabilidade pela lamentável situação a que o Partido chegara, justamente na fase do seu comando único e supremo. Mas certamente não é injusto atribuir grande parte a ele. As páginas anteriores já descreveram seus erros em termos de ação e política desenvolvida em conexão com os eventos de outubro. Há outros, de qualidade diferente, que também influenciaram o declínio do Partido, especialmente sua frouxidão interna.

Não se deve esquecer que os estatutos adotados quando Primo de Rivera assumiu a liderança colocaram todos os poderes em suas mãos de forma absoluta. Podemos afirmar que não há partido ou organização no mundo que tenha estatutos tão rígidos e que conceda tantos poderes ao líder como os da Falange na época a que nos referimos, ainda, aparentemente, em vigor.

Ora, o líder que aceita - e até impõe, já que foram elaborados por ele e para ele - tais estatutos parece lógico assumir toda a responsabilidade, porque os demais membros ou organizações não tinham autoridade para indicar os rumos diários do Partido, limitando-se, mesmo nos níveis mais altos, como o Conselho Político, a um significado puramente consultivo.

Isso era complicado por outra característica de Primo de Rivera: uma desconfiança virtual de seus colaboradores, especialmente aqueles que pareciam ter alguma importância na organização. Essa desconfiança fazia parte de seu caráter e temperamento, mas também era amplamente alimentada por um pequeno grupo que, não por fé, mas por inépcia e estreiteza de espírito, o aconselhava a ser cauteloso.

Agonia irremediável. Uma reunião do conselho político

Parecia absurdo testemunhar casualmente tal estado de coisas. A Falange dos J.O.N.S. à deriva, perdendo terreno. Sem direção e sem plano, ou com o único plano de permanecer, inativo, em quartéis de inverno sem fim.

Em tal situação, o Conselho Político reuniu-se num dos últimos dias de dezembro, com a presença de Primo e de alguns membros das províncias, entre eles Onésimo Redondo. Foi um encontro simbólico. Foi comemorado à tarde. Estava extremamente frio na sala de estar, pois o grande prédio na Calle del Marqués de Riscal, 16, estava sem aquecimento há várias semanas. A reunião mal havia começado quando a noite caiu e duas velas tiveram que ser acesas, pois aquela mansão aristocrática também estava sem energia elétrica, tendo sido cortada dias antes por falta de pagamento à Companhia. Era também um dos últimos dias do ano, e até aquela agonia cronológica parecia flutuar na atmosfera da sala.

Primo reconheceu naquela reunião que a situação do Partido era angustiante e que ele havia entrado em uma rotina profunda e perigosa. Todos expressaram suas opiniões e murmuraram fracamente algumas soluções problemáticas. Foi observado que o próprio Conselho, como organização, também estava em processo de asfixia. Seus componentes estavam lá: alguns, com entusiasmo perdido; outros estavam dispostos a esperar com toda a paciência, e os demais aguardavam ansiosamente uma possível salvação parcial daquele impedimento, que parecia ser o aparato oficial do Partido. Primo de Rivera, além da séria confissão e da leve insinuação de que deixaria o cargo, não esclareceu em nada o futuro nem propôs nenhuma palavra de ordem "para sair do buraco".

A reunião, para evitar que assumisse fatalmente um aspecto cadavérico, voltou-se para temas muito distantes do tema central e único, que naquele momento tinha que ser o seu próprio. Falou-se disto, daquilo e daquilo outro. Ou seja, de nada. E às oito horas da noite o assunto foi encerrado, com todos tendo falhado em seu dever de fornecer uma solução, embora talvez com o fator atenuante de que esse dever agora era quase impossível de encontrar.

A cisão dos Jonsistas

Por acaso, três de seus integrantes abandonaram a reunião e seguiram o mesmo caminho: Ledesma, Onésimo Redondo e Sotomayor. Com este último estava também um dos líderes sindicais, Mateo, um ex-comunista. Os quatro foram para o café Fuyma na Gran Vía. E, naturalmente, o que não foi discutido na reunião foi discutido ali em toda a sua crueza. Os presentes eram, como se sabe, jonsistas, com exceção de Mateo, que havia aderido recentemente ao fascismo.

Todos concordaram que, se algo não fosse feito rapidamente para evitar o colapso total do movimento, isso seria inevitável. Sotomayor e Mateo relataram a lamentável situação dos sindicatos, que nos últimos quatro meses, em vez de aumentar a contratação de trabalhadores, ficaram desnutridos, a ponto de dos 15.000 trabalhadores registrados em setembro, não restarem nem 2.000. Eles também alegaram que as razões para a fraqueza do sindicato eram de origem política, decorrentes da palidez política do Partido. E eles disseram mais, que os dois estavam estudando há alguns dias os meios de elevar a independência dos sindicatos, para a qual haviam conseguido alguns meios econômicos.

A crença predominante entre os reunidos era que cabia a eles, como antigos líderes do J.O.N.S., em vista dos obstáculos, declarar sua unificação com a Falange obsoleta, deixando-os livres para reviver a gloriosa plataforma jonsista mais uma vez. Esta proposta pareceu excelente a Onésimo Redondo, que declarou que toda a seção de Valladolid a adotaria como um só homem. Ramiro Ledesma levantou algumas objeções. Ele afirmou que, em vez de adotar uma atitude separatista, preferiu, por sua vez, renunciar a todos os seus cargos e permanecer fora da organização, tornando isso público por meio de um manifesto.

Ledesma acreditava que a situação em que o Partido estava não poderia ser resolvida por meios normais. Ele considerava Primo uma vítima, de certa forma, dos próprios estatutos que ele havia elaborado, cuja rigidez tornava quase impossível lidar efetivamente com os problemas envolvidos na revitalização da Falange Jonsista. Essa crença o levou à separação que ele concordou com os outros, que foi tornada pública em 14 de janeiro.

Os objetivos dos separatistas eram sufocar toda sobrevivência reacionária e dar à organização novas bases, tanto em termos de operação, para fins internos, quanto de natureza socioeconômica, para fins de propaganda.

A divisão teve dois aspectos:

Uma, política, representada por Ramiro Ledesma e os grupos jonsistas que se identificaram com sua atitude, diante da experiência dos últimos meses e da lamentável situação do Partido em meados de outubro.

Outra união, de indisciplina dos Sindicatos, que Sotomayor e Mateo sustentavam. Ele foi à Valência para influenciar aquela seção e, ao retornar, acreditou que seria mais conveniente para ele ficar com Primo de Rivera, substituindo seu colega no cargo de líder sindical. José Antonio o recebeu com grande alegria, e até pareceu distingui-lo pela sua confiança, talvez não querendo saber que ele era um dos mais ativos forjadores da atitude divisionista de janeiro. Mateo fez bem, por outro lado, em se distanciar do trabalho sindical de Sotomayor, um indivíduo que, aparentemente, estava um tanto prejudicado.

* * *

Como resultado da divisão, disputas desagradáveis e, até certo ponto, muito violentas surgiram entre os dois grupos. Ledesma e seus companheiros publicaram uma publicação semanal, La Patria Libre, onde justificavam plena e honestamente sua atitude nacional-sindicalista. O falangismo personalista dos demais fez com que fossem alvo de ataques que beiravam a calúnia, o que revelou ainda mais as profundas diferenças que realmente existiam entre os dois grupos.

Além dos dois excelentes companheiros jonsistas de Valladolid, Palma e Bedoya, o grupo de Madri que mais seguia as diretrizes de Ramiro Ledesma interveio de forma muito eficaz na publicação do semanário. A polêmica transcendeu com o mesmo sentido violento à imprensa diária, através de cartas e entrevistas nos jornais. El Heraldo entrevistou Ledesma. E em Informaciones foi publicada uma conversa com Primo de Rivera, feita justamente por um jornalista mercenário, ligado às classes sociais mais baixas de Madri.

O Partido estava profundamente dividido, e isso levou à desintegração, de ambos os lados, dos melhores militantes em suas fileiras; Ou seja, seus fundadores, seus líderes e aqueles que através de lutas difíceis caminharam com a bandeira da organização em jogo.

8. A SITUAÇÃO ATUAL

Novembro de 1935

Os acontecimentos cismáticos, a que acabámos de nos referir, estiveram a ponto de sobrepujar a plataforma política em que Primo de Rivera se apoiava, o que implicaria a sua retirada da vida política, pelo menos no sentido de ser um político que interpretasse “ “o fascista.”

No entanto, esses acontecimentos também funcionaram como um catalisador, como uma denúncia de erros que deveriam ser enfrentados, sob pena de morrer sacrificado a eles. Primo de Rivera, com inteligência, tirou as lições necessárias desse choque e de seus ensinamentos. Isso lhe permitiu se recuperar, não sem superar angústias e hesitações, e enfrentar, com certa audácia pessoal, o novo caminho que se abria diante dele. Para fazer isso, ele fez duas coisas. Uma, para reforçar sua projeção pessoal sobre a organização que lhe restava. Outra, coletar e tornar seus os próprios propósitos propostos pelos elementos que se separaram.

Primo publicou um novo semanário, Arriba, e redobrou seus esforços até que teve que reorganizar os recursos à sua disposição. ELE INSISTIU, COM MAIS VIGOR DO QUE NUNCA, NOS SLOGANS DO JONSISMO, TORNANDO-SE SEU INTÉRPRETE E SEU MELHOR PROPAGADOR. Em algumas intervenções parlamentares, e em outros discursos, ele enfatizou seu caráter antirreacionário e juvenil. Dessa forma, ele inegavelmente conseguiu que seus grupos se movessem em uma órbita mais frutífera do que aquela que ele mesmo havia indicado em outras ocasiões.

Primo de Rivera teve o bom senso de seguir as instruções de Jons, tornando-se assim independente do espírito de direita, que na Espanha é completamente ineficaz para qualquer empreendimento nacional profundo.

Acontece, então, que Primo acabou adotando e aceitando quase todas as plataformas críticas que foram a razão pela qual os jonsistas mantiveram, desde as primeiras horas após a unificação, uma longa série de batalhas internas que culminaram na atitude divisionista final . Primo, agora, e de acordo com o que aqueles pediram, deslocou os ineptos falangistas iniciais e enfatizou seu slogan de um sindicalismo nacional.

A rota atual da Falange ainda apresenta dificuldades evidentes. Estas são, naturalmente, dificuldades inerentes à missão que se pretende levar a cabo. Não há certeza de que essas dificuldades possam ser superadas por Primo de Rivera. Mil perigos o espreitam, entre eles o de cair numa organização sectária, numa capela político-literária, baseada em escritores epicênicos e protocolos pedantes. Ele também está ameaçado pelo perigo de não resistir suficientemente à pressão dos reacionários e de se tornar um satélite dessas forças. Primo, não deve esquecer que sua vitória será tanto mais sua quanto menos ele confiar nas concepções dos reacionários. Pela ideia nacional e social de sua bandeira, desde que consiga manter contato com grandes áreas de espanhóis a céu aberto. As classes médias das cidades e o campesinato podem dar-lhe, juntamente com o ingrediente da juventude universitária, forças sociais suficientemente vigorosas para uma intervenção frutífera no presente nacional.

Contudo, não previmos nada. As organizações controladas por Primo de Rivera ainda passam por fases que só trazem presságios confusos. E também é óbvio que ele próprio facilmente cai em desvios que seriam verdadeiramente fatais para seu futuro.

* * *

Ramiro Ledesma e seus amigos acreditam, cada dia mais firmemente, que sua separação e ruptura com a Falange equivalem para eles à liquidação definitiva de um conceito que tiveram que superar. Grandes transformações estão ocorrendo na Espanha; houve também a oportunidade de receber grandes lições e talvez esteja chegando rapidamente o momento oportuno para travar novamente, com outras perspectivas, a grande batalha nacional e social de que a Espanha e o povo espanhol necessitam.

Os grupos dissidentes, quando não conseguiram obter o controle total da antiga organização, perderam o contato entre si. Hoje eles estão parcialmente dispersos. Alguns, em organizações de trabalhadores de direita. Outros acamparam muito próximos do marxismo, de onde vieram. Mas a maioria das pessoas espera que Ramiro Ledesma lhes dê a ordem de se reagruparem e os convoque para uma nova luta.

Na verdade, esses elementos estão, em muitos aspectos, muito distantes de concepções estritamente "fascistas". Tanto suas orientações políticas quanto socioeconômicas talvez ultrapassem a esfera de soluções e aspirações do fascismo. Eles permanecem, é claro, dentro da órbita nacional de serviço à pátria espanhola. Eles querem que a revolução nacional, que fortalecerá, sobretudo, a unidade da Espanha, tenha um sentido social, o que inclui abordar o problema da revogação do regime capitalista. Nem por um momento eles aceitam a tese reacionária de que a ideia nacional, o patriotismo, tem que estar vinculada a um regime de exploração da grande maioria do povo. Essa suposta pátria dos reacionários não é a deles, e eles estão dispostos a apagá-la da História.

Ledesma mudou-se para Barcelona, onde parece que retomará a publicação de La Patria Libre e acentuará essa bandeira que desenhamos. Nem ele nem seus camaradas estão remotamente tentando organizar o fascismo. O que no velho J.O.N.S. Houve fascismo, como Primo de Rivera reflete hoje, especialmente em sua propaganda posterior. Eles entendem que sua missão é diferente.

Diríamos, em conclusão, que Ramiro Ledesma e seus companheiros se adaptam melhor à camisa vermelha de Garibaldi do que à camisa preta de Mussolini.

ANEXOS

Movimento Espanhol J.O.N.S.

O que são os J.O.N.S.

(O FÁSCIO nasce com o fato muito agradável de que existe na Espanha uma organização juvenil, a J.O.N.S., disciplinada em torno de ideais muito semelhantes aos nossos. Colocaremos à disposição desses grupos verdadeiros fascios de jovens combatentes, uma página da nossa revista, de onde lançarão seus lemas, suas razões e seus gritos. Hoje, um dos fundadores mais destacados, Ramiro Ledesma Ramos, aponta as origens, os rumos e os objetivos da J.O.N.S.)

Sentido nacional

Aqui está nossa conversa com Ledesma Ramos:

—¿...?

—Situar o nascimento e a criação das Juntas de Ofensiva Nacionalsindicalista no próprio momento em que se suspendia a Conquista do Estado, vítima do rigor policial de Galarza e, tanto quanto possível, do clima de estupefacção liberal-democrática que se respirava em Espanha . —direita, esquerda e centro— até alguns meses atrás. A Conquista do Estado desapareceu há um ano e meio, mas suas vinte e três edições denunciaram antes de qualquer outra pessoa todas as mentiras, toda a ineficiência, toda a ingenuidade e todo o perigo de desvio e até mesmo de traição nacional que aqueles pobres princípios oitocentistas das jornadas de abril representavam. E isso não era oposição à República, como tal. Não. Porque diante dos nossos olhos estava muito próximo o fraco momento e o fracasso absoluto da Monarquia. Era outra coisa: tínhamos um sentimento nacional espanhol, um desejo de prestar serviços eficazes à cultura e à terra que constituíam nosso ser como espanhóis. Sabíamos quem era o inimigo - as poderosas e violentas organizações marxistas - e acreditávamos, finalmente, que estávamos de posse das técnicas mais precisas para enfraquecê-las.

—¿...?

—E então, abraçando uma interpretação militante da nossa fé política, demos lugar ao J.O.N.S., onde, repito, os grupos de jovens leitores que aderiram ao slogan de ressurgimento nacional propagado no nosso jornal colaboraram durante um ano numa tarefa silenciosa e resignada, com perfeita coesão e disciplina. Éramos sustentados por um espírito vigilante, certos de que muito em breve o povo espanhol sentiria a necessidade de defender desesperadamente seu direito a uma pátria e a uma cultura que eles mesmos haviam criado. Pois bem, a presença angustiante de três realidades, de três ameaças, tais como: os movimentos separatistas que roem a Unidade, a onda marxista antinacional e bárbara que opera em nosso solo; A ruína econômica e o desemprego constituíam perigo suficiente para que a grande maioria dos espanhóis, ou pelo menos a minoria mais heroica, tenaz e responsável, aceitasse o compromisso de uma ação política destinada a recuperar a força da Pátria e a prosperidade econômica do povo.

Eficácia política

—¿...?

—Não há política, eficácia política, sem ação. Isso não interessa tanto ao J.O.N.S. atrair milhões de espanhóis para suas bandeiras é como organizar centenas de milhares em um conjunto de vontades, com disciplina e um objetivo inexorável de captura. O próprio nome dos nossos grupos, as Juntas, indica a preocupação primordial do Partido, a de promover a um nível ativo e militante a mera existência passiva e fria que caracteriza a intervenção política do povo hoje.

—¿...?

—Sim. Por enquanto, delimitaremos o escopo de nossos anúncios. Sabemos que o espírito e a tática do J.O.N.S., ou seja, suas ideias e estilo de ação, só podem ser aceitos pela juventude universitária e trabalhadora espanhola. Ou seja, filhos da burguesia e do jovem proletariado, unidos em duas conquistas supremas: o ressurgimento da grandeza e da dignidade da Espanha e o desenvolvimento de uma economia nacional, com sentido sindical, corporativo, sem luta de classes nem marxismo. Só os jovens sabem que as instituições e os procedimentos que servem de base ao Estado liberal-burguês são uma ruína em nosso século, capazes apenas de despertar o apoio e o entusiasmo dos mais velhos. E só ela sabe também que não há legalidade política fora dos muros de uma ideia nacional indiscutível e irrevogável, e que para manter na sua mais firme pureza essa fé nacional, esse sentimento da Pátria, é hoje necessário formar fileiras uniformizadas e violentas . Para neutralizar e deter as qualidades assustadoras do inimigo vermelho.

O povo espanhol

—¿...?

—De fato, império é pão. Não há grandeza nacional e dignidade nacional sem estas duas coisas: um papel a desempenhar no mundo, na luta de culturas, raças e religiões que caracteriza a vida humana no planeta; um povo satisfeito que come e alcança um padrão de vida mais elevado, ou pelo menos igual ao de outras nações e países. Mas há mais. Para que a economia nacional seja próspera, isto é, tão rica quanto necessário para assegurar o esplendor vital do povo, o primeiro fator é ter como base uma força e um impulso nacionais, uma capacidade produtiva e um otimismo criativo e imperial. Que só conseguem capturar e capturar os povos que aparecem na história fortemente reunidos em torno da bandeira do seu país. Por exemplo, a Espanha do século XVI. E hoje, o fascismo italiano.

—¿...?

—Nada é possível hoje sem ordem, disciplina e colaboração ativa das massas. Qualquer um que rejeite ou ignore as massas como algo irritante e negativo está fora do espírito espanhol do nosso século, da realidade em que vivemos agora. O J.O.N.S. Eles aceitam, acolhem e entendem em seu verdadeiro significado esse tipo de glorificação das massas que estamos testemunhando hoje. E é por isso que acreditamos que a única garantia de que uma ordem permanente, uma disciplina espanhola frutífera, possa ser alcançada na Espanha é aceitar, ou ainda mais, exigir a presença vibrante do povo, das massas espanholas. Mostraremos ao marxismo que não temos medo das massas, porque elas são nossas. É, portanto, tarefa do Partido, da primeira justificação do Partido, encontrar os moldes, os perfis fortes, duradouros e autênticos sobre os quais se possa verter a colaboração, a efusividade e a força criadora do povo espanhol. O marxismo incita as massas e inutiliza seu caráter espanhol, mobilizando-as sob slogans negativos e raivosos. Isso os torna bárbaros, pouco solidários e até criminosos. Pelo contrário, o J.O.N.S. Eles tentarão oferecer, esclarecer e apontar às massas hispânicas qual é o caminho para o pão, isto é, para a prosperidade e a honra; ou seja, sua salvação como homens livres e como espanhóis livres. Sabemos bem que o povo espanhol só será livre quando recuperar o seu ser, a sua coragem e a sua força — que negou ou ignorou durante dois séculos — e projetar tudo isso no cerco inimigo que o ataca.

—¿...?

—Nossa negação radical é o marxismo. Nossa primeira afirmação é a grandeza e a dignidade da Espanha. É claro que esses dois desejos também podem ser compartilhados — na letra, não no espírito — pelos setores burgueses da esquerda; mas o J.O.N.S. Eles sabem bem que somente coroando esses objetivos com uma política de sacrifício e violência, de realidade nacional e não de farsa parlamentar, de heroísmo nas ruas, do povo contra os vermelhos, eles poderão ser completamente alcançados. Esperamos, portanto, o apoio imediato desta juventude burguesa de esquerda, até agora iludida pelos mitos do século XIX, ingênuos, cândidos e, o que é pior, ineficazes e brandos diante do inimigo.

—¿...?

—O J.O.N.S. Eles constituem, pode-se dizer, um partido contra partido. Não aceitamos como legítimos na política quaisquer motivos que não sejam aqueles de natureza nacional. A Espanha está à deriva, governada pelo egoísmo dos partidos, que estão destruindo a unanimidade histórica da Espanha, sua capacidade de independência e suas defesas essenciais. Queremos um partido único, formado por espanhóis sem qualquer qualificação derrotista, que interprete os interesses morais, históricos e econômicos do nosso país. Queremos a ditadura transitória deste Partido Nacional, forjada, é claro, na luta e ativamente assistida pelas massas representativas da Espanha. Ditadura nacional contra a ditadura do proletariado defendida pelos vermelhos e contra os excessos da plutocracia capitalista! Até que alcancemos as novas instituições, a nova ordem espanhola, o novo Estado nacional da Espanha. Nada nos liga à Espanha liberal e branda de antes de 14 de abril. Nada nos impede, portanto, de iniciar nossa jornada a partir desta situação republicana que hoje existe. Mas, repito, a História da Espanha é gloriosa, formidável. Alguns de seus reis, líderes magníficos, criadores brilhantes da alma nacional, e temos orgulho deles diante do mundo. Hoje, a Espanha, o povo espanhol, vive em uma forma republicana de governo, e o J.O.N.S. Eles declaram que estarão longe de aconselhar o povo a abandoná-lo. Em todo caso, nem Monarquia, nem República: o regime nacional do J.O.N.S., o novo Estado, a terceira solução que queremos e pedimos.

Revolucionários e Católicos

—¿...?

—O J.O.N.S. Eles se consideram revolucionários. Por sua dupla natureza como partido que utiliza e defende a ação direta e luta para alcançar uma nova ordem, um novo Estado, subvertendo a ordem e o Estado atuais. Somos, economicamente, sindicalistas nacionais. Temos em nosso programa a sindicalização forçada dos produtores, e desde os sindicatos industriais até a mais alta corporação de produtores - capital e trabalho - uma hierarquia de organizações nacionais garantirá a todos os interesses econômicos legítimos seus direitos absolutos. Em nossa época, o caos, a revolta, a ruína do capital e a fome do povo são outra questão. Somente nós, nosso sindicalismo nacional, podemos enfrentar tudo isso, aniquilando a luta de classes e a anarquia econômica.

—¿...?

—Como poderíamos não ser católicos? Pois não nos chamamos donos da alma nacional espanhola, que deu precisamente ao catolicismo o que há de mais encantador: sua salvação histórica e seu império? A história da fé católica no Ocidente, seu esplendor e suas dificuldades, foi feita com a própria alma da Espanha; É a História da Espanha. Mas que fique claro que o J.O.N.S. Eles aceitam muito pouco, sentem muito pouca solidariedade com as ações políticas dos partidos católicos que existem hoje na Espanha. Eles vivem separados da realidade mundial e, ao indicar as conquistas e os equilíbrios belgas como objetivos aceitáveis, denunciam uma diminuição intolerável de suas próprias aspirações nacionais e espanholas.

—¿...?

-Sim. Viva a Espanha! Vamos transmitir esse grito, fazendo as massas ressoarem com orgulho. Uma das coisas mais tristes, de tantas coisas tristes que foram oferecidas ao povo espanhol durante sessenta anos, foi esta realidade de que o grito de “Viva a Espanha!” Deveria ser considerado um grito reacionário, que tinha de ser banido em nome da Europa e do progresso. Ah, droga!

Ideias sobre o Estado

Estas notas sobre o Estado baseiam-se num facto histórico: eis aqui, derrotado e insano, diante de nós, o conceito liberal-burguês de Estado, vigente na Europa como avanço revolucionário, isto é, como meta apaixonante para os povos, por um longo século de vida. política.

Assim, essa convicção moderna e atual de que os fundamentos que informaram as instituições políticas superiores dos grandes povos são inúteis e absurdos, nos coloca diante de uma formidável era subversiva. As colunas supostamente grossas que, desde a Revolução Francesa, sustentavam o mito da eficiência e do progresso revolucionários ruíram.

Até agora, todos nós vivemos aceitando como normas de compreensão do Estado, da existência e da validade do Estado, algumas ideias cuja trajetória precisa derivou dos próprios momentos em que se incubaram o Estado liberal, a política constitucional moderna e o parlamentarismo. O Estado surgiu então como uma ferramenta, uma mera forma, uma estrutura na qual se enquadra a atividade nacional de um povo, a fim de alcançar um funcionamento confortável. Havia então um tipo de homem presente, o burguês, que, uma vez quebradas as forças tradicionais, os imperativos que a história e a própria alma de cada povo imprimiam ao seu futuro, assumiu a responsabilidade de propagar um novo conceito de instituições públicas. É aquele que permaneceu até os confins do nosso tempo, para se tornar agora o verdadeiro peso morto, retardado, que hoje range diante do vigor, da disciplina e do otimismo nacional, uniformizado e rígido, dos novos hierarcas europeus.

O estado liberal é baseado na desconfiança e proclama uma primazia monstruosa. Seus apoiadores, a burguesia, buscavam instituições que os servissem, preferindo aquelas que melhor lhes permitissem atingir seus interesses particulares, ignorando, é claro, ou marcando como secundários, o que podemos chamar puramente de objetivos ou interesses nacionais. Assim, o Estado, repito, tornou-se um mero instrumento, sem qualquer ligação fundamental com algo que transcendesse o desejo individualista dos supostos cidadãos. Todas as liberdades do Estado eram, portanto, legítimas, pelo menos em teoria, pois o próprio Estado era modificável, revisto no seu âmago mais profundo, a qualquer hora do dia parlamentar, sem sujeição nem respeito pelos compromissos tradicionais, mesmo aqueles selados com o sangue, heroísmo, grandeza e gênio criativo do próprio povo nos séculos e anos anteriores.

O Estado liberal nasceu quando a cultura "racionalista" triunfou na Europa. Uma Constituição é antes de tudo um produto racional, que se alimenta daquele otimismo peculiar que caracteriza todo racionalista: o de ter certeza da eficácia e do domínio, sobre toda a realidade possível, dos produtos legislativos de seu espírito. E o fato é que a vida nacional, o gênio nacional, a vibração autêntica dos povos eram desconhecidos, ignorados, e a legislação foi aprovada. Especulações foram feitas sobre o homem, no abstrato, sobre o indivíduo e o nacional - essa palavra circulou em tais períodos políticos, mas agora veremos em que sentido errôneo — era no máximo a totalidade, o grupo social, uma questão de números, o que mais tarde seria chamado de maioria na luta entre grupos e partidos.

E se o Estado fosse apenas um instrumento, seria possível conceber a possibilidade de se criar algo como uma fábrica desses objetos, de artefatos constitucionais, material para exportação a povos cujo "atraso revolucionário ou mediocridade" os impedia de se constituir ou realizar. por si mesmos. Todos sabem que o moralista inglês Bentham estava muito disposto a escrever Constituições personalizadas para povos nas mais variadas latitudes.

A primeira consequência de tudo isso, o efeito imediato e certo do Estado liberal-parlamentar, foi dar aos grupos e partidos políticos a tarefa de traçar o caminho a seguir "a cada hora"; e a transformação do Estado e da vida nacional em objeto de despojos transitórios, sem fidelidade essencial a nada, deu origem a todas as misérias políticas, a todas as lutas vergonhosas, a todos os abusos insultuosos sobre o corpo e a alma do gênio nacional que podem facilmente ser seguidos em qualquer período de qualquer povo onde um Estado liberal-parlamentar tenha governado.

No último terço do século XIX, algo veio perturbar a ideologia política fácil e simples que norteava o Estado liberal. Foi o evento marxista, a presença do marxismo. Com um novo slogan revolucionário e sobre os ombros de um tipo de ser humano totalmente diferente daquele que promoveu e executou a Revolução Francesa. O marxismo iluminou diferentes objetivos revolucionários para o proletariado. Afastou os trabalhadores das ideias da burguesia liberal quanto aos objetivos e, sobretudo - o que é interessante destacar nestas rápidas notas que agora fazemos - tornou-os pouco solidários, isto é, orientou-os para uma tática política que deu origem a terras com engenhocas liberais. O marxismo proclamou a luta de classes e introduziu a violência nos meios constitucionais pacíficos que o Estado liberal apresentava precisamente como sua maior glória: a tolerância, a solidariedade de discussão, a inclinação respeitosa à opinião da maioria, o compromisso com a luta eleitoral como único caminho para os dissidentes, etc. Todo esse equilíbrio medíocre é o que fez o marxismo tremer com sua mera presença. Os partidos operários marxistas foram, de facto, às eleições, mas não apagaram o nome dos revolucionários das suas legendas, não renunciaram à ação violenta, à imposição coerciva das suas massas, escarnecendo assim da doutrina liberal ortodoxa, que defendiam. Respeitados, porém, quando lhes era conveniente.

Durante o período do estado liberal, o marxismo foi, portanto, um lutador com vantagem. E assim aconteceu que ele quase acabou se impondo. Colocou ao seu serviço todos os meios legais que a franqueza liberal-parlamentar proporcionava à sua propaganda antinacional, e teve também a eficácia absoluta que corresponde a qualquer partido que tenha uma fachada e modos revolucionários, que pregue a subversão violenta para iluminar "um "novo mundo." onde não há injustiça nem dor." Eis o jogo com uma vantagem do marxismo na sua luta com os outros grupos que praticam num Estado liberal, com um pouco de sinceridade, as suas convicções e propaganda, ou aqueles que se encerram na farsa que emana de uma rede de patrões e truques legais, ou aqueles que usam violência temporária sem qualquer enraizamento em ideais ou justificativas perante a Pátria. Contra tudo isso, o marxismo parecia invulnerável. Assim aconteceu que, à beira da guerra, ela se impôs na Rússia e canalizou tais agitações e impulsos subversivos em outros povos, que seu ponto culminante produziu o aparecimento em cena de uma nova eficiência, uma tática, uma ressurreição do gênio nacional. Um povo, de um Estado novo, em suma, de natureza tão histórica que tem direito à máxima atenção universal. Estamos nos referindo ao fascismo italiano, que hoje - em 1933 - estava quase triunfante em seu desejo de criar novas instituições políticas. Entre eles, à frente deles, o Estado fascista.

* * *

Para nós, o Estado não é mais o que era e representava para a sociedade liberal-burguesa dos nossos avós e até dos nossos pais. O homem moderno, e tanto mais quanto mais jovem é, encontra no Estado um sentido diferente, vincula-o a novos valores e tarefas, o que significa a plena reintegração da sua hierarquia à substância nacional, à expressão nacional que reside na o núcleo dos grandes povos.

Estamos, portanto, agora na presença do Estado nacional. Sua primeira tarefa é derrotar o inimigo marxista com coragem triunfante e pilhagem inteligente. Ou seja, ressuscitar o culto à Pátria e reivindicar para si a autêntica angústia social do nosso tempo.

Para destruir o emaranhado de particularismos viciosos que um século de livre comércio ideológico e orgia partidária criou em torno do conceito frutífero de Estado, a política europeia mais recente fez uso deste rótulo vitorioso: o partido único. Ou seja, um partido totalitário interpreta para si a vigorosa ressurreição da vida nacional, até então desconhecida ou insultada pelos partidos, e rejeita a colaboração destes, aniquila a própria base que servia de suporte legal aos partidos, isto é, o direito de rever o problema da própria existência nacional e, finalmente, proclamar e impor sua própria ditadura.

E eis como esta contradição imediata do partido único, etapa essencial para o nascimento do Estado nacional, aparece resolvida na sua tarefa polémica transitória de destruição dos partidos, na sua utilidade empírica e forçada como executor estratégico da revolução contra o Estado nacional. velha ordem.

Exemplos mundiais dessa rota são hoje o partido fascista italiano e o nacional-socialismo alemão, entre os ressuscitadores e incentivadores da ideia nacional contra a negação marxista, e o partido bolchevique russo, como um ataque cego e catastrófico, mas com uma linha e espírito peculiares. deste século.

O Estado já é a categoria suprema para nós. Porque, ou é a própria essência da Pátria, o próprio grão das coincidências supremas que garantem o percurso nacional na História, ou é puro nada. No primeiro caso, o Estado é e deve ser uma hierarquia inacessível à dissidência. A nação em sua plenitude como organismo histórico. Assim, essas tentativas de apresentar o Estado e a Nação como algo diferente e até hostil, como seres em conflito e defesa diários, um contra o outro, tornam-se cada dia mais absurdas. Essa concepção, que achamos inexplicável em escritores de caráter e sentido tradicionalistas, é produto direto dos temas políticos que serviram de base ao Estado liberal. Bem, se a Nação é o conjunto de "interesses e desejos individuais que nutrem e formam uma sociedade", segundo o liberalismo, é claro que há e pode haver uma luta entre ela e o Estado. Mas uma nação não é isso. É um conjunto de coincidências superiores, transcendentes ao indivíduo e ao seu destino, que representam um espírito histórico. É uma pátria. E a ideia de Pátria, o sentimento humano da Pátria, é nas grandes nações um orbe imperial, algo que pela sua própria essência rejeita a ideia de um inimigo interno dentro dos seus muros, de um dissidente, de um dissidente. O Estado nacional é, portanto, nutrido por elementos indiscutíveis e inegáveis. Seu simbolismo é unidade, disciplina, sacrifício e fé militante em suas criações.

Eis o Estado militante que define o nosso século. Sua lógica e justificativa. Sua batalha e seu vigor. Um Estado impetuoso e forte, que se aproxima de hierarquias absolutas. E agora é hora de destruir outro estereótipo que também obscurece alguns espíritos tradicionalistas. Acredita-se erroneamente que o Estado liberal-burguês é o Estado forte por excelência, pois aniquilou ou submeteu ao seu jugo as corporações e corporações econômicas. Mas não é isso. Sua suposta força é uma força adventícia, semelhante à da gendarmaria, mas sem nenhuma realidade profunda. E essa bagagem armada a seu serviço reconhece, como Sorel aponta, uma origem pitoresca. Cada vitória revolucionária democrático-liberal trouxe consigo um aumento da força pública para se consolidar e uma centralização frenética - não unificação - nas mãos fracas dos governos.

Estas notas sobre o Estado têm um significado tão atual que se baseiam nos acontecimentos políticos europeus destes anos, quase destas horas. Mas não quero deixar de sugerir um exemplo vigoroso desses conceitos que hoje presidem as elaborações políticas mais recentes: o Estado espanhol do século XVI. A arquitetura funcional do império católico de Filipe II. Este antecedente não foi insistido - não no externo e superficial, mas na eficácia criativa e mesmo na lógica autoritária - diretamente do Estado fascista da Itália, romano no gesto e na fachada, mas com uma tendência para o vigor, a disciplina e o espírito de unidade cultural e consciência nacional que caracterizou o Estado espanhol no século XVI.

Não se trata, portanto, de criar e dar à luz nacionalidades artificiais, falsas, segundo o exemplo dos Bálcãs ou as normas que presidiram à aniquilação da Europa Central em Versalhes, e aquelas que são aqui utilizadas por aqueles que destruíram a unidade espanhola. O que hoje aparece como um imperativo dramático que nos conduz ao novo Estado, perante os avanços retumbantes e violentos do marxismo, é o grito de salvação nacional, de ressurreição nacional que se faz ouvir em povos dotados de responsabilidade e de uma forte tradição, naquelas grandes pessoas que criaram a história.

E há outro elemento, outro pilar fundamental do Estado. É a ansiedade social que domina as massas hoje em dia. A nova ordem econômica entrega inexoravelmente ao Estado a plena função de presidir decisivamente as vicissitudes da luta. E somente em nome de objetivos nacionais, remontando à raiz primeira que supõe as coincidências que deram origem e vida nacional a uma Pátria, o Estado encontra autoridade e justificação para seus desígnios. A nova ordem corporativa tende a servir não a esses ou outros interesses particularistas, ou mesmo de classe, mas a fins que transcendem tudo isso, fins de império, de progresso, de vida nacional plena. Hoje, o marxismo agita as classes com as mesmas consequências subversivas e perturbadoras que o liberalismo provocou em rebelião econômica entre os indivíduos. Pois bem, eis a tarefa do Estado nacional, com seu séquito de atributos que nem sequer podem ser ignorados como justos: a hierarquia dos fins, disciplinando os fatores de produção — não a produção como tal — e de consumo. Bem, uma economia é algo que não esgota seu significado na produção de riqueza para indivíduos ou classes. Esses são objetivos nacionais que afetam a existência nacional em seus fundamentos mais profundos. O novo Estado está, portanto, certo diante da concepção liberal-burguesa e diante da concepção marxista. (Esta última etapa, maldita — embora felizmente truncada — do processo de desnacionalização da ideia de Estado.)

E acontece que aqueles movimentos que surgem na esteira do marxismo, opondo-lhe a autenticidade popular, a eficiência distributiva de suas economias e a vontade determinada de resistir, são agora aqueles que levantam os mitos otimistas da revolução no mundo. Revoluções estão sendo feitas hoje para subverter a ordem liberal-burguesa e aniquilar a onda marxista. Os grupos nacionais são hoje aqueles que gerem a iniciativa revolucionária, aqueles que praticam a ação direta contra as organizações vermelhas na etapa anterior à conquista do Estado. E aqueles que, no período pós-vitória, defendem firmemente o direito à cultura e à dignidade nacionais.

Ramiro LEDESMA RAMOS